

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E  
AMAZÔNIA  
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Bárbara Leão Silva

PARTILHA DA INTIMIDADE E BUSCA DE ACOLHIMENTO  
Testemunhos e interações da comunidade LGBTI no grupo Lana Del  
Ray Vevo

BELÉM – PARÁ  
2019

Bárbara Leão Silva

PARTILHA DA INTIMIDADE E BUSCA DE ACOLHIMENTO

Testemunhos e interações da comunidade LGBTI no grupo Lana Del Ray Vevo

Dissertação para obtenção como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação; Universidade Federal do Pará; Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia; Mestrado em Comunicação

Orientadora: Dra. Rosaly de Seixas Brito

Coorientadora: Dra. Danila Gentil Rodriguez Cal

Belém, 2019

Bárbara Leão Silva

## PARTILHA DA INTIMIDADE E BUSCA DE ACOLHIMENTO

Testemunhos e interações da comunidade LGBTI no grupo Lana Del

Ray Vevo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de Concentração: Comunicação. Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Rosaly de Seixas Brito

Co-orientadora: Dr<sup>a</sup> Danila Gentil Rodriguez Cal

BELÉM – PARÁ

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S586p Silva, Bárbara Leão  
PARTILHA DA INTIMIDADE E BUSCA DE  
ACOLHIMENTO : Testemunhos e interações da  
comunidade LGBTI no grupo Lana Del Ray Vevo /  
Bárbara Leão Silva. — 2019. 162 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Rosaly de Seixas Brito  
Coorientação: Prof<sup>a</sup>. Dra. Danila Gentil Rodriguez Cal  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade  
Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Facebook. 2. Grupo Lana Del Ray  
Vevo. 3. Comunidade LGBTI. 4. Exposição da  
intimidade. 5. Busca de acolhimento.  
I. Título.

CDD 302.30981

---

Bárbara Leão Silva

**PARTILHA DA INTIMIDADE E BUSCA DE ACOLHIMENTO**

Testemunhos e interações da comunidade LGBTI no grupo Lana Del

Ray Vevo

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará,  
como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação  
Comunicação, Cultura e Amazônia, Mestrado em Ciências  
da Comunicação, para a Defesa de Dissertação.

Orientadora: Rosaly de Seixas Brito

Co-orientadora: Dr<sup>a</sup> Danila Gentil  
Rodriguez Cal

RESULTADO:    (   ) APROVADO    (   ) REPROVADO

Data:

---

Prof(a) Dr(a) Rosaly de Seixas Brito

---

Prof(a) Dr(a) Danila Gentil Rodriguez Cal

---

Prof(a) Dr(a) Manuela do Corral Vieira

---

Prof(a) Dr(a) Ramon Pereira dos Reis

BELÉM-PARÁ  
2019

*A minha fortaleza, mamãe. A confiança e amor, Glória. Ao apoio incondicional, meu pai e Vivi. Ao grupo LDRV e seus integrantes. A todos e todas LGBTI do Brasil.*

## AGRADECIMENTOS

Novamente um ciclo se encerra, ciclos são feitos de inícios e de finais. Mas o que levamos de experiência tem muito mais a ver com o meio do que com as extremidades dele. A caminhada foi longa e não foi fácil, mas, como toda caminhada, possui obstáculos e seria impossível chegar ao final de mais esse objetivo conquistado sem a ajuda de muitas pessoas, todos que passaram pela minha vida nesse período e que, com certeza, tiveram seu dedinho nessa conquista. Se eu esquecer de alguém, me perdoe, é difícil raciocinar com a emoção aflorada.

E como começar a falar de ajuda sem considerar a ajuda divina que nos é dada diariamente?! Parafraseando Zeca eu digo que não teria chegado a lugar nenhum se não fossem vocês! O Deus maior, que é amor, paz e toda energia que existe no universo, nos concedeu a vida e nos permitiu a caminhada. Em sua tamanha generosidade, permitiu que conosco estivessem companheiros que iriam nos proteger, guiar, ensinar e acompanhar incondicionalmente todos os dias. Agradeço a Ele, aos Orixás que reinam em nosso mundo e aos guias que nos ajudam a sobreviver em meio ao caos terreno.

Como falar de apoio incondicional sem ter como primeiro nome vindo a mente como o dela, Regiani. Agradeço à minha mãe por tudo, a ela devo este título. O esforço diário, o apoio nos momentos difíceis. É impossível ignorar a comparação com uma leoa, a coincidência do sobrenome herdado dela fala demais sobre o amor e a proteção que ela me dedica. Se mostrou valente e feroz nesses tempos tão sombrios, se colocando a frente das minhas lutas e tomando-as para si. Além de ser uma fonte infinita de amor, deixa rastros dele por onde passa. O amor e a gratidão que sinto pela senhora são tão grandes quanto a força da guerreira e o amor da melhor mãe do mundo. Não só as lutas, as conquistas sempre serão nossas!

E quão glorioso é ter uma parceira de vida como presente mais lindo que os pais podem te dar?! Eu tenho muita sorte! Agradeço à minha Gló, que além de irmã, é minha melhor amiga, confidente, companheira de trincheira, cúmplice, corretora de trabalhos, defensora de todos os meus ideais, psicóloga e tarja preta ao mesmo tempo. Não tenho palavras para descrever a dádiva que é tê-la na vida. O nome dela por si só explica, é uma Glória! E vê-la crescendo junto comigo a cada passo que damos me deixa feliz e orgulhosa em saber que nossos pais podem se orgulhar do que nos tornamos. Não sei o que seria da minha vida sem ela!

A existência dessas duas grandes mulheres na minha vida podem não tornar a vida mais tranquila, mas com certeza é delas que tiro as forças para vencer e com elas eu tenho a certeza disso! Eu amo vocês!

Ao meu pai por ser o mais compreensivo de todos. Amoroso, ele acatou e embarcou em todas as minhas aventuras. Com sua linda fé, acreditando em dias melhores para todos nós, vamos avançando. Se mostrando sempre como um paizão, dividiu esses lindos sentimentos com meus irmãos e amores Rodrigo e Vivi, por quem eu luto para ser uma pessoa melhor e exemplo a ser seguido. Agradeço também ao meu sobrinho Davi, a sua linda existência por si só me motiva. Às minhas crianças, Rodrigo, Vivi e Davi, vocês trazem doçura ao meu viver.

Como falar do amor da família sem mencionar minha fonte diária de amor, força e alegria?! Os Silvinhas me deram o gás que eu necessitava todos os dias para nunca pensar em desistir. Ione sendo minha inspiração desde a infância, só reforça todos os dias o amor e admiração que sinto, desejo que nossa semelhança vá além da aparência. Phillimy com sua amizade e parceria, me mostrando cada dia mais o quanto parecemos e o quão maravilhoso é saber disso. Marcello traz a alegria e amor puro de um irmão mais novo, queria te ter por perto sempre. Esse momento é nosso!

À minha família materna, agradeço pelo apoio e orgulho demonstrado por mais essa conquista. Ao amor verdadeiro que poucos tem a sorte de ter, vocês são um tesouro. À tia Ester, sempre uma mãezona, com o coração enorme, perdendo minhas faltas nos lanches e sempre mandando uma guloseima recheada de amor pronta pra deixar essa trajetória mais saborosa. Especialmente à Manu, pelo cuidado e dedicação sempre, sua doçura vai além do que suas mãos de fada podem fazer, esse coração de prinprin é doce igual uma rapadura de vovô!

À família que Deus nos permite escolher, os amigos, eu agradeço por todas as conversas, todas as seguradas de onda e compreensão. Só quem tem amigos verdadeiros sabe o quanto é valioso ter com quem contar.

Minhas Fricas amadas, ter vocês na vida é sinônimo de irmandade, confiança e amizade. Vocês me inspiram demais. Evinha, minha melhor amiga, é como um anjo que com algumas palavras faz com que um tormento pareça fácil de vencer, além de me inspirar e ser exemplo, consegue me fazer ter certeza de que sou capaz. Paty e Poly, exemplo de profissionais, de amor e de representatividade, sem dúvidas me espelho em vocês. Sandy, Érika e Juliete, vocês são cristais, sem os quais seria impossível chegar

onde estou, me inspiro e compartilho vitórias, porque é tudo nosso. Obrigada por tudo, eu amo vocês!

Agradeço à Universidade Federal do Pará, onde estive desde a graduação na Faculdade de Comunicação e pude crescer em diversos âmbitos, não apenas à finalidade primária que é a qualificação profissional, mas estar na UFPA é uma vivência que poucos saberiam descrever.

Ao Programa de Pós- Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia onde tive a rica experiência de cursar um mestrado acadêmico em Ciências da Comunicação, com a presença de colegas e professores contribuindo para essa experiência ímpar. Agradeço também à secretária do PPGCom UFPA, Juliana Ranieri, por sua dedicação e ajuda a todos nós que estamos presentes no seu cotidiano.

Desde meu ingresso na UFPA fui presenteada com amizades sinceras e verdadeiras, que não imaginava que seriam tão importantes nesse novo ciclo que decidi iniciar em nossa casa. Meus Amigos Bêbados, é a vocês que agradeço agora, que me apoiam e me inspiram sempre. É bom saber que tenho sempre a quem buscar, seja nas dificuldades seja nas horas de diversão, vocês são essenciais na minha jornada.

Aos meus parceiros de turma, agradeço pela força e risadas no grupo, vocês deixaram tudo isso mais leve. Em especial, agradeço ao André Palmeira, sem ele certamente a conclusão desse mestrado não seria possível. Amigo, todo meu amor a você, que ajuda sem julgar, que sabe se colocar no lugar do outro como ninguém e tem sempre as palavras exatas para amenizar meus surtos. Você é melhor que qualquer rivotril, és o meu remédio controlado que me dá amor sem limite de dosagem. Essa conquista é minha e é muito tua também, vencer essa etapa e ver que nossos perrengues não foram à toa só valem a pena porque sei que estás concluindo comigo. Muito obrigada por tudo!

Agradeço à professora Rosaly Brito. Eu nem consigo descrever a sorte que tenho de ter essa mulher como companheira de toda minha trajetória acadêmica. Não saberia expressar o quanto a admiro. Em todos esses anos em que convivemos, desde o Facom 4.0 até agora a difícil missão que foi o mestrado, a admiração que tenho por essa pessoa incrível só cresceu. Exemplo de profissional, suas virtudes vão muito além da forma magnânima como compartilha seu vasto conhecimento, Rosaly é exemplo de mulher, um amor maternal demonstrado em cada cuidado que ela teve com a minha saúde ou estado de espírito, inspiração política que faz ver o quão importante é enfrentar nossas lutas e ter ideais a perseguir, sensível, empática, leve, gentil, eu escreveria uma outra dissertação sobre o quanto Rosaly de Seixas Brito é admirável. Não vou dizer que foi fácil, mas tê-la



ao meu lado (e as vezes me carregando no colo) fez essa conquista ser possível. Muito obrigada, Rosinha! Se eu conseguir ser metade de tudo o que a senhora é, estarei feliz e plena.

Agradeço também à minha banca da qualificação. À Manuela Corral por acompanhar o caminhar e construir dessa pesquisa, contribuindo de forma delicada e atenciosa desde o Seminário Interno de Avaliação até o presente momento, com a sua ajuda foi possível avançar e elevar o nível da minha pesquisa. E, especialmente, à Danila Cal, que também esteve comigo desde o Seminário e aceitou co-orientar a minha pesquisa e fazer parte da minha trajetória, reconhecendo a importância da discussão, sendo sempre muito acolhedora, disposta e buscando estimular a minha visão como pesquisadora. A contribuição de vocês duas foi essencial para que esta pesquisa fosse concluída da melhor forma.

Agradeço ao Lana Del Ray Vevo e seus integrantes, fazer parte desse mundo que só nós entendemos me fez enxergar tudo de forma mais divertida e também olhar para o outro com a empatia que esses tempos pedem. Vocês se tornaram meu objeto de estudo porque souberam ser muito mais que um grupo de humor. Em especial ao Kaerre Neto, nosso reizinho, pela ajuda, apoio e estímulo. Com a ideia de criar o nosso querido LDRV você deu a oportunidade para muitas pessoas de deixarem de ser sozinhos e construir o nós que o grupo se tornou.

Agradeço também à Beatriz, Bia, Alexandre, Cauê, Júlio César, Lucas Fhelipe, Maria Carolina e Matheus por terem aceitado fazer parte dessa pesquisa. Saibam o quanto os admiro pela coragem e orgulho de ser quem são. Vocês inspiram muitas pessoas no LDRV e agora fora dele, eu os admiro demais. Muito obrigada!

Agradeço também à toda comunidade LGBTI, que inspira em sua luta e coragem. Se existir será sinônimo de resistir, estaremos unidos e fortes em busca do reconhecimento merecido, do respeito que sempre nos foi retirado e sobreviveremos juntos e unidos, lembrando sempre que ninguém solta a mão de ninguém.

Terminar o mestrado me mostrou que sou capaz, que é possível vencer os monstros e ser dona do meu destino. Eu reconheço o meu esforço. Entretanto, nada disso estaria ao meu alcance se eu estivesse só, por isso encerro esse ciclo com um sentimento me tomando, GRATIDÃO!

## RESUMO

Na pesquisa aqui apresentada discutimos as formas de exposição do eu e a busca por acolhimento nas interações da comunidade LGBTI no grupo secreto Lana Del Ray Vevo, no Facebook. Criado em 2013, com o objetivo de somente produzir conteúdo para a página homônima a ele no Facebook. Atualmente, após atingir quase um milhão de membros, o LDRV ganhou inédita popularidade na rede social em que está hospedado. O grupo tem sido palco para a representatividade da comunidade LGBTI, da qual a maioria de seus integrantes faz parte. Frente às demandas por escuta e acolhimento dessa comunidade, revelou-se um ambiente propício para os testemunhos e compartilhamento de experiências delas. A pesquisa dialoga com Goffman (1985), Giddens (2002), Papacharissi (2011) e Sibilía (2004) para compreender as representações do eu nesse ambiente da rede social e do grupo LDRV, bem como recorre a Queré (1991) e França (2004) para entender os princípios norteadores das interações no grupo. A fluidez de fronteiras e as interpenetrações entre o público, o privado e as relações que se estabelecem e o íntimo nas interações ocorridas no ambiente virtual são discutidas com base em Winocur (2011, 2012) e Arfuch (2010), enquanto que os papéis sociais desempenhados no grupo e as relações que se estabelecem nas redes sociais da internet são observados a partir de Recuero (2009). Para mais, Ricoeur (2014) nos permite compreender a construção da imagem de si. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa tem como recorte postagens com testemunhos sobre o momento da “saída do armário” de membros do LDRV, entendendo-o a partir das formulações de Sedgwick (2007) sobre a “epistemologia do armário” e se aliando em pesquisas recentes sobre o tema como Silva Filho (2012), Reis (2017) e Serejo (2018) para montar o contexto que permeia a pesquisa. Vale-se da netnografia, tal como proposta por Kozinets (2014), para analisar as postagens, combinando-a com entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade LGBTI autores das postagens selecionadas. Busca-se compreender porque o LDRV se tornou, em meio às banalidades do cotidiano compartilhadas no grupo, um ambiente em que os participantes expõem a vida pessoal, privada e íntima, no afã de ali terem atenção e serem acolhidas.

**Palavras-chave:** Facebook. Grupo Lana Del Ray Vevo. Comunidade LGBTI. Exposição da intimidade. Busca de acolhimento.

## ABSTRACT

In the presented research, we discuss the types of self-exposing and the seeking for refuge through the LGBTI community interactions in the secret Facebook group Lana Del Ray Vevo. The point of the group's creation in 2013 was only to produce content for its homonymous page on Facebook. Nowadays, after reaching almost one million members, the LDRV conquered unprecedented popularity in its host social network. The group has been a strong LGBTI community representativeness ally, since the most of its members are part of that community. It was a favorable environment for the testimonies and sharing of experiences, in light of the community demands for listening and hosting. The research dialogues with Goffman (1985), Giddens (2002), Papacharissi (2011) and Sibilia (2004) in order to understand the self-representations in this social network environment and in the LDRV group, as well as Queré (1991) and France (2004) to understand the guiding principles of group interactions. The boundaries fluidity and the interpenetrations between the public, the private and the relations that are established as well as the interactions intimacy occurred in the virtual environment, are discussed based on Winocur (2011, 2012) and Arfuch (2010), while the social roles played in the group and the relationships that are established in the internet social networks are observed from Recuero (2009). For more, Ricoeur (2014) allows us to understand the self-image construction. From the methodological point of view, the research has clipping posts showing testimonies about the "coming out" time of the LDRV members, using the formulations of Sedgwick (2007) to understand about the "epistemology of the coming out" allied with a recent subject research as Silva Filho (2012), Reis (2017) and Serejo (2018) to set the context that permeates the research. Resorting the netnography, as proposed by Kozinets (2014), the research analyzes the posts, combining it with semi structured interviews with members of the LGBTI community, authors of the selected posts. It intends to understand why the LDRV has become, among of the everyday trivialities shared in the group, an environment in which the participants expose personal, private and intimate life, in the desire to be hosted and get attention.

**Keywords:** Facebook. Lana Del Ray Vevo Group. LGBTI Community. Exposure of intimacy. Search for reception.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Tipos de participação em comunidades online.....	48
Figura 2: Tipos de interação em comunidades online.....	49
Figura 3: Print Screen dos comentários da postagem feita por Lana Almeida no LDRV..	57
Figura 4: Print Screen da Vaquinha online criada para ajudar a família de Erisvando....	67
Figura 5: Publicação no perfil do LDRV no Instagram.....	74
Figura 6: Postagem feita no grupo LDRV dia 18 de agosto de 2018.....	85
Figura 7: Comentários dos membros do LDRV à postagem da figura 6.....	86

## **LISTA DE ABREVEATURAS**

LDRV – Lana Del Ray Vevo

LGBTI – Lésbicas, gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgenero e Intersexuais.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1.1</b>	<b>– CAMINHOS DA PESQUISA</b> .....	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>REDES SOCIAIS E COMUNIDADES VIRTUAIS: BUSCA POR ACOLHIMENTO E PERTENCIMENTO</b> .....	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>– A LUTA POR DIREITOS E AS CONQUISTAS SOCIAIS DA COMUNIDADE LGBTI</b> .....	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>– AFINIDADES ELETIVAS NO AMBIENTE VIRTUAL</b> .....	<b>27</b>
<b>2.3</b>	<b>– LANA DEL RAY VEVO: UM AMBIENTE DE ENCONTROS, COMPARTILHAMENTO E ACOLHIMENTO</b> .....	<b>36</b>
<b>2.4</b>	<b>– O LANA COMO PALCO, OU ESPAÇO PERFORMÁTICO, PARA A REPRESENTATIVIDADE LGBTI</b> .....	<b>46</b>
<b>2.4.1</b>	<b>- O PRÍNCIPE DO LDRV</b> .....	<b>51</b>
<b>2.4.2</b>	<b>A RAINHA DO LDRV</b> .....	<b>53</b>
<b>3</b>	<b>DA INTIMIDADE À EXPOSIÇÃO EM REDE: O EU COMO PROJETO ABERTO</b> ...	<b>56</b>
<b>3.1</b>	<b>– OS LIMITES DA EXPOSIÇÃO DO EU NAS REDES SOCIAIS: INTIMIDADE PÚBLICA VS INTIMIDADE PRIVADA</b> .....	<b>58</b>
<b>3.2</b>	<b>– O INDIVÍDUO COMO SUJEITO PÚBLICO: PERSONAGEM E ESPETACULARIZAÇÃO DO EU</b> .....	<b>67</b>
<b>3.3</b>	<b>– TESTEMUNHOS EM REDE: ANTES SEGREDOS DE DIÁRIO, HOJE POSTAGENS DO FACEBOOK</b> .....	<b>74</b>
<b>3.4</b>	<b>– O SUJEITO E A REPRESENTAÇÃO DE SI: EM BUSCA DE IDENTIFICAÇÃO E ACOLHIMENTO</b> .....	<b>79</b>
<b>4</b>	<b>SUA VIDA EM UMA TOUR DO LANA DEL RAY VEVO</b> .....	<b>86</b>
<b>4.1</b>	<b>– SAÍ DO ARMÁRIO, ISSO DÁ UMA TOUR! – AS POSTAGENS NO LDRV E SUA REPERCUSSÃO</b> .....	<b>89</b>
<b>4.2</b>	<b>– EDIT 1: O QUE É NECESSÁRIO PARA <i>HITAR</i> NO LDRV?</b> .....	<b>102</b>
<b>4.3</b>	<b>– EDIT 2: “HÁ QUEM DIGA QUE O LDRV AFASTA DEPRESSÃO”</b> .....	<b>106</b>
<b>4.3.1</b>	<b>– LDRV: UMA RELAÇÃO DIÁRIA</b> .....	<b>107</b>
<b>4.3.2</b>	<b>– TUDO BEM NÃO ESTAR TUDO BEM: O AMBIENTE DO GRUPO</b> .....	<b>110</b>
<b>4.3.3</b>	<b>– ACOLHIMENTO, SIM, MAS NÃO SÓ</b> .....	<b>114</b>
<b>4.3.4</b>	<b>– ÍNTIMO E PESSOAL: POR QUE EXPOR A INTIMIDADE NO LDRV?</b> .....	<b>117</b>
<b>4.3.5</b>	<b>– O LDRV COMO EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA</b> .....	<b>123</b>
<b>4.3.6</b>	<b>– TECENDO VÍNCULOS</b> .....	<b>127</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>130</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>136</b>
	<b>GLOSSÁRIO</b> .....	<b>142</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>143</b>

<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO SOBRE CONTRIBUIÇÃO COM A PESQUISA.....</b>	<b>144</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>147</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Estamos muito cruelmente presos entre o que gostaríamos de ser e o que realmente somos.*

*James Baldwin*

O ambiente virtual instituído no ciberespaço<sup>1</sup> permite que as pessoas construam espaços tanto de produção quanto de consumo de narrativas e conteúdos pessoais, em que procuram agregar pessoas conhecidas e/ou semelhantes e também buscam receber conteúdos relacionados aos seus interesses. Entende-se que esse espaço funciona como uma extensão da vida social em que é possível ter acesso às coisas de seu interesse a qualquer momento, dependendo apenas de dois *status* do indivíduo que interage na rede: online e off-line. Entretanto, Brito (2016) já aponta uma simultaneidade da presença das pessoas atualmente, enquanto se vive o cotidiano off-line, não fosse necessário abrir mão de estar online, inclusive tornando esta barreira fluida e indefinida, quase inexistente.

Ver esses dois *status* de forma separada é contestável, diríamos que até errôneo, se levarmos em consideração que, além de não ser preciso abrir mão de um para estar presente em outro, mesmo quando não estamos conectados à internet (por meio de dados celulares ou redes wi-fi), os conteúdos permanecem em nossos aparelhos – smartphones, tablets, notebooks, etc. – e, podendo ir além, estamos sempre planejando como criar conteúdo para alimentar essa rede. Podemos inferir, buscando Brito (2016), que na época em que vivemos o online e o off-line se complementam. Convivemos em uma época em que o comportamento habitual é o de que estar 100% off-line é estar fora do mundo e do que acontece no globo, em âmbitos pessoais e mundiais. Aliás, o online alimenta-se do off-line, não é possível imaginarmos um sem o outro. Em um as coisas acontecem, no outro as coisas se propagam. Entenderemos melhor como se deu essa evolução da propagação da informação com Giddens (2002).

Sabemos que a internet de um modo geral oferece uma diversidade de conteúdo, e essa variedade de produtos e informações chegam ao indivíduo por diversos meios – portais de notícias, sites de entretenimento, blogs e redes sociais –, seja quando o sujeito busca diretamente os conteúdos em seu lugar de origem, por meio de indicações de

---

<sup>1</sup> “O espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.” (LEVY, 1999. p. 93)



conhecidos ou páginas específicas, assim como pelos algoritmos<sup>2</sup> das redes sociais que endereçam conteúdo com base no que aquele sujeito consumiu e/ou consome diariamente.

Nos múltiplos ambientes do ciberespaço, o indivíduo pode se informar, fazer e reencontrar amigos, compartilhar opiniões e manter relações de diversos tipos. Por isso, esse ambiente acaba se tornando parte relevante da sua vida. Nas redes sociais, o lugar mais pessoal do ciberespaço, é possível discutir, levantar questões e defender os temas de seu interesse e as suas demandas sociais que surgem e sejam relevantes para tal. Acreditamos que devido ao alcance das buscas e a velocidade que se encontra algum conteúdo (a depender também da velocidade da própria rede), encontra-se mais facilmente o que ou quem deseja quando deseja. O indivíduo seleciona as comunidades online e outros sítios na internet, em meio à variedade que o ciberespaço oferece mediante uma de suas características que Giddens (2002) chama de efeito colagem – conceito que veremos mais à frente –, em que deseja estar a partir de ideologias, modo de vida e muitas outras afinidades que esse espaço de convivência cheio de possibilidades permite.

As redes sociais, como um espaço mais individual e particular, agregam os interesses e afinidades que o sujeito busca. Um dos elementos que interferem e moldam esse conteúdo para que se adeque ao que cada um procura, a partir das suas peculiaridades, é o contato com os outros indivíduos que estão naquele espaço selecionado e que, por diversas ocasiões, compartilham dos mesmos interesses e buscam trocar informações e experiências sobre eles. O algoritmo das redes sociais também contribui para a conjugação dos interesses desses usuários, levando até eles os produtos e informações que se assemelham aos temas com os quais estão sempre conectados.

Esses interesses vão além de superficialidades. Existem, obviamente, muitas ligações que são apenas convenções sociais – ter em suas redes: colegas de trabalho; familiares distantes; professores do ensino fundamental; por exemplo – que não vão além do *follow*, pessoas com quem provavelmente o usuário nunca trocará uma palavra. Entretanto, existe também a busca por pessoas com quem se possa estabelecer vínculos mais fortes, como é o caso dos grupos do Facebook, cuja adesão se dá geralmente em função de alguma afinidade relevante com os membros que ali transitam. Recuero (2009)

---

<sup>2</sup> “Algoritmo é uma sequência finita de instruções bem definidas e não ambíguas, cada uma das quais devendo ser executadas mecânica ou eletronicamente em um intervalo de tempo finito e com uma quantidade de esforço finita.” Ou seja, os algoritmos funcionam nas redes sociais com a finalidade de organizar e filtrar, para cada usuário, o conteúdo que provavelmente irá lhe interessar mais. Esse método é utilizado, por exemplo, para mostrar mais publicações no *feed* de um amigo cujo perfil é visitado com mais frequência pelo usuário ou uma página na qual ele interage mais. Disponível em: <http://montagner.blog.etecarmine.com.br/2017/06/22/8-o-algoritmo/> . Acesso em 16 de agosto de 2018.

aponta, nesse sentido, que as interações através do computador estão possibilitando o surgimento de grupos sociais na Internet, com características comunitárias (p.136).

Esses espaços de encontros também são palco para representações e performances do eu, Goffman (1985) e Giddens (2002) nos ajudarão a compreender como se dá a criação de personagens e como o indivíduo se adapta aos mais diversos ambientes. Aplicando seus conceitos e exemplos ao nosso objeto de pesquisa, as redes sociais, que em suas proporções imensuráveis, possibilita representações e performances em diversos níveis. Os autores nos permitem refletir e problematizar as posturas dos indivíduos frente à ambientes em que o mesmo precisa representar papéis, seja para ser notado ou seja para passar despercebido. O sujeito nas redes sociais tem diversas características, mas a principal é que nas redes sociais ele pode representar os mais diversos personagens, como Sibilia (2004) salienta, vestir o que lhe é conveniente na situação e usar a identificação dos demais sujeitos com quem compartilha os ambientes como peças de um jogo, seja para espetacularizar o eu ou para mascarar alguma parte desse eu que não deve vir a público.

A interação que ocorre nas redes sociais se dá de forma muito específica, dependendo daquela rede que for escolhida, e por vezes cria comunidades e ambientes que influenciam intensamente no cotidiano, dentro e fora do ciberespaço, dos indivíduos que ali estão inseridos. Para melhor compreender como ocorrem as interações, recorreremos à Braga (2008) e França (2008) que nos apontam como estas interações se tornam essenciais para a criação de laços nas redes sociais. Para além disso, traremos Rheingold (1993) para nos ajudar a entender o que são as comunidades virtuais e Kozinets (2014) para compreender minuciosamente como estas se criam e se mantêm, as relações que ocorrem nela e suas consequências.

Alguns temas acabam ultrapassando o limite do que se acredita como público – opiniões, informações e comentários mais gerais – envolvendo campos pessoais que chegam ao nível da intimidade, discussão que faremos ao longo deste trabalho. Para entender o que são e se ainda há barreiras reais que dividem o público do privado, buscamos Arfuch (2010) que aponta que estas barreiras estão cada vez mais fluidas. A partir do momento em que algo mais íntimo é revelado, a relação social que poderia ser mais superficial pode começar a formar laços entre esses indivíduos e se tornar mais profunda.

As redes são ambientes forjados com base nas conexões humanas. Recuero (2009) aponta as relações como elemento principal de qualquer estudo sobre redes sociais,

porque são os laços sociais que se formam por meio da interação entre os sujeitos que estão presentes nelas, que respondem pela constituição dessas redes e grupos. Para Recuero (2009):

A interação, como tipo ideal, implicaria sempre uma reciprocidade de satisfação entre os envolvidos e compreende também as intenções e atuações de cada um. [...] São parte de suas percepções do universo que os rodeia, influenciadas por elas e pelas motivações particulares desses atores. (RECUERO, 2009. p, 31).

Esse tipo de relação e interação podem ser encontradas em várias redes sociais e sítios da rede mundial de computadores, entretanto preferimos delimitar nosso foco: a pesquisa em que se baseia esta dissertação tem como foco as interações realizadas no Grupo Lana Del Ray Vevo<sup>3</sup> ou LDRV, hospedado na rede social Facebook<sup>4</sup>. O Grupo Lana Del Ray Vevo conquista a atenção primeiramente por ser um ambiente divertido, com bastante humor e discussões de temas específicos para a comunidade LGBTI<sup>5</sup> (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersex). Testemunhos pessoais, casos de famosos que se revelaram gays, são alguns entre outros assuntos que permeiam o universo dessa comunidade, pelo menos esta é a primeira impressão e é o que atrai inicialmente o público. Porém, para além disso, com o passar do tempo e da convivência com os integrantes do LDRV, foi possível inferir que é um ambiente onde se comenta o que acontece no mundo, de forma geral, mas também em que muitas pessoas que nele convivem cultivaram o hábito de compartilhar suas histórias e situações pessoais.

O Lana Del Ray Vevo é um grupo secreto<sup>6</sup> da rede social Facebook, o que significa que para que alguém seja incluído nele é necessária uma autorização de um administrador ou moderador do grupo. Ou seja, não é de livre acesso aos usuários. Com

<sup>3</sup> Endereço eletrônico atual do grupo: <https://www.facebook.com/groups/LANADELRAYPEVO11/?fref=nf> (o grupo possui a configuração *secreto*, sendo assim o acesso ao link não é livre.)

<sup>4</sup> “[...] funciona através de perfis e comunidades. Em cada perfil, é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, etc.). O sistema é muitas vezes percebido como mais privado que outros sites de redes sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros” (RECUERO, 2009 - p.184).

<sup>5</sup> Apesar de sabermos que a sigla contém mais letras e variações optamos por adotar no trabalho essa denominação, por ser sua forma mais corriqueira. Vale ressaltar, porém, que até mesmo pelo percurso recente, a sigla está aberta e sujeita a contestações e até mesmo metamorfoses (SIMÕES; FACCHINI, 2009).

<sup>6</sup> Um grupo secreto, de acordo com o Suporte do Facebook é um grupo que apenas membros e ex-membros podem localizar na rede social e ver a descrição. Além disso apenas membros tem acesso ao conteúdo do grupo. A entrada neste se dá apenas com a permissão de um administrador ou moderador do grupo. Disponível em: << [https://www.facebook.com/help/220336891328465?helpref=faq\\_content](https://www.facebook.com/help/220336891328465?helpref=faq_content) >> Acesso em 25 de agosto de 2018.

uma temática geral de humor, o LDRV está no Facebook desde 2013 e vem se adaptando à necessidade de seus membros desde então. Ademais, é um dos mais populares<sup>7</sup> entre os usuários da rede social em questão e traz à tona, em meio a milhares de publicações diárias, discussões e depoimentos que constroem um ambiente social muito peculiar.

“A princípio era uma página sobre humor, para fazer humor, também com muita música alternativa. Mas as pessoas começaram a se identificar muito, e colocar coisas pessoais. Acabamos mudando o objetivo do grupo, e este foi o segredo, moldá-lo com base no que os usuários queriam que ele fosse” (KAERRE NETO, 2018. Entrevista ao portal Meio & Mensagem)

Assim como a maioria dos indivíduos no mundo<sup>8</sup>, estamos constantemente conectados, interagindo com grupos e comunidades com os quais nos identificamos e encontramos afinidades. Foi o meu caso ao decidir ingressar há cerca de três anos no grupo LDRV. O ambiente centrado no humor atrai como uma primeira impressão, entretanto para além do humor típico do grupo, percebi que é um ambiente onde se comenta o que acontece no mundo, de forma geral, mas também em que muitas pessoas que nele convivem, cultivaram o hábito de compartilhar suas histórias e situações pessoais. Por vezes o tom sarcástico, marca do grupo e seus integrantes, foi substituído por mensagens de conforto e de apoio, diante do compartilhamento de histórias e situações difíceis vividas por alguns membros e compartilhadas no grupo. Surpreendida em alguns momentos pela mudança de comportamento coletivo em prol do outro, notei que, em meio à euforia das performances e busca por atenção das mais diversas maneiras, havia uma forma de parar aqueles indivíduos, muitas vezes apenas passantes, a olhar mais atentamente e dedicar um fragmento do seu tempo àquela história que está sendo compartilhada. Uma interação e conexão diferente, percebida não sob a ótica de pesquisadora, e sim dotada de sentimento humano; sem perspectiva de pesquisa, e sim tocada e comovida por determinadas narrativas presentes no grupo. Decorrentes dessa participação pessoal e das interações mencionadas surgiram os interesses e curiosidades que culminaram nessa pesquisa.

---

<sup>7</sup> Por ter atingido a marca de mais de um milhão de membros, na sua era de número 11, o portal IG o considerou o grupo mais popular no Facebook no Brasil.

<sup>8</sup> No início de 2018, 4.021 bilhões de pessoas estão online (53% de todas as pessoas do planeta), um aumento de 7% em relação ao ano anterior. As redes sociais são utilizadas por cerca de 3,2 bilhões de pessoas (42% de todo o mundo), segundo dados do serviços online Hootsuite e We Are Social. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/126654-4-bilhoes-pessoas-usam-internet-no-mundo.htm> . Acesso em 06 de março de 2018

Nota-se, a partir de uma observação inicial, que a interação no grupo tem um tom descontraído, em que os que ali estão interagem de forma fluida e parecem se familiarizar rapidamente com o ambiente do grupo e se sentir parte dele. Ainda que em alguns momentos aconteçam algumas reações negativas, no geral busca-se a aceitação e o acolhimento. Uma das razões para isso pode estar ligada ao fato de que uma das principais regras do grupo é que nenhum tipo de preconceito é permitido – raça, orientação sexual, condição financeira, gordofobia, entre outros – para que ninguém se sinta reprimido ou discriminado. Em uma primeira impressão, este pode ser um dos motivos pelos quais os membros se sentem confortáveis para compartilhar seus interesses e intimidades com os demais participantes.

Ainda em 1993, Howard Rheingold conceituou as comunidades virtuais como agregações sociais que emergem da rede quando um número suficiente de pessoas empreende discussões públicas por tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço (RHEINGOLD, 1993, p. 5). Características que vemos dentro do LDRV, pois nesses ambientes

[...]Trocam gracejos e discutem, envolvem-se em discursos intelectuais, fazem comércio, trocam conhecimentos, compartilham apoio emocional, fazem planos, *brainstorms*, fofocam, brigam, apaixonam-se, encontram e perdem amigos, disputam jogos, flertam, criam um pouco de grande arte e um monte de conversa à toa. (RHEINGOLD, 1993, p. 3)

Kozinets (2014) define mais tarde que essas comunidades são grupos de pessoas que compartilham interação social, laços sociais e um formato, localização ou espaço interacional comum, ainda que, nesse caso, um “ciberespaço” ou comunicação mediada por computador (p.17). São ambientes nos quais encontram-se as mais variadas funcionalidades, utilizando o exemplo que Rheingold (1993) traz, percebemos que a elas se pode recorrer para encontrar uma data, vender um cortador de grama, publicar um romance e conduzir uma reunião.

O Lana Del Ray Vevo pode ter características que encontramos nas definições de Rheingold (1993) e de Kozinets (2014). Além disso, existe uma condição de participação para que um indivíduo seja considerado parte de uma comunidade, porque fazer parte significa interagir e se envolver no meio e não apenas estar ali. E mais que isso, é necessário que aquele indivíduo se sinta e se considere parte daquela comunidade, com diversas afinidades e também tenha um senso de compromisso e participação.

A pesquisa que apresento neste trabalho busca observar como se processam as interações neste grupo. E, de maneira específica, parte de uma indagação central: por que levar histórias pessoais sobre um momento tão delicado na vida de um LGBTI para um grupo que é integrado por milhares de pessoas, transformando sua história, angústias ou desabafos em de narrativa? Derivam dessa questão central outras que lhe complementam: que tipo de reação eles buscam com esse compartilhamento? O que faz com que se sintam à vontade para compartilharem assuntos íntimos para um público tão numeroso? Até que ponto se sentem acolhidos no grupo e como percebem esse acolhimento? Se a identificação com as questões vividas pela comunidade LGBTI ali representada é determinante para que se dê essa partilha da intimidade ou se a intimidade ali construída permite que essas questões sejam levadas ao ambiente do grupo? Como as narrativas de si aparecem no grupo? Como o acolhimento e escuta recebidos no grupo são interpretados pelos autores dessas publicações? A abordagem se baseia nos conceitos de identidade, Castells (1999) e Giddens (2002), e acolhimento, Garuzi (2014) – conceito trazido da enfermagem, mas que adaptamos às pretensões da pesquisa que desenvolvemos – principalmente, para compreender a importância desses espaços de certa forma biográficos, para pessoas que nem sempre têm espaços disponíveis e acessíveis para expor suas demandas e conquistar atenção.

Para compreender melhor as características do LDRV visto em determinados momentos como espaço de narrativas autobiográficas, discutiremos os limites entre o público, o privado e o íntimo e as fronteiras tênues entre eles na época contemporânea. Partimos dos conceitos de intimidade pública e intimidade privada de Winocur (2011, 2012) em que a autora questiona os limites entre esses dois conceitos, e somando com Arfuch (2010) que nos mostra que o limite entre o que é público e o privado é móvel e se dá de acordo com o que o sujeito acredita ser conveniente, para finalmente de convergir para o nosso foco principal: o testemunho LGBTI no Lana Del Ray Vevo e a busca por acolhimento dentro do grupo.

## **1.1 – CAMINHOS DA PESQUISA**

Robert Kozinets (2014) propõe que sigamos uma sequência de etapas durante uma pesquisa que emprega a netnografia como metodologia, entretanto cumprimos estas etapas com o acréscimo e modificação de algumas que são apontadas pelo autor. São as seguintes: pesquisa bibliográfica sobre o tema; netnografia; observação participante; definição das questões de pesquisa, websites sociais ou tópicos a investigar; identificação

e seleção da comunidade; coleta de dados; análise dos dados e interpretação dos resultados; redação e apresentação dos resultados da pesquisa (KOZINETTS, 2014. p. 63).

Em um primeiro momento foi feita uma pesquisa bibliográfica, de forma a perceber quais os pontos principais que nos fariam entender as relações e práticas comunicacionais dentro do grupo. No decorrer das produções acadêmicas da primeira etapa do mestrado, conceitos como identidade em Giddens (2002), Castells (1999) e Goffman (1985), interação com França (2008), Queré (1991) que com seu modelo praxiológico nos ajuda a compreender os processos comunicacionais e o compartilhamento de experiências, entre outros que permitiram compreender um pouco melhor como se dão as relações dentro do LDRV. Além dos anteriormente mencionados, outros conceitos que serão trabalhados permitem compreender as relações nas redes sociais com a ajuda de Recuero (2009) e Braga (2008) e as comunidades virtuais, com os estudos de Rheingold (1993) e Kozinets (2014). Todos estes vêm sendo utilizados para que a compreensão das relações dentro do LDRV sejam feitas de forma mais aprofundada.

A interação no ciberespaço também pode ser compreendida como uma forma de conectar pares de atores e de demonstrar que tipo de relação esses atores possuem. Ela pode ser diretamente relacionada aos laços sociais. (RECUERO, 2009. p. 34)

Iniciamos com a observação participante, não intencional, pelo fato de a autora desta pesquisa fazer parte do grupo como membro e assim, como os demais membros, participar ativamente dele. Braga (2008) acredita que assim como é impossível fazer uma pesquisa em situações face a face sem ser participante, esses ambientes de interação virtual em grupo funcionam da mesma forma. Percebemos, então, que no caso do estudo sobre o LDRV a lógica se repete.

É a partir dessa participação no ambiente pesquisado que se torna possível perceber as principais características do grupo e dos indivíduos que ali se encontram, das relações que ali acontecem e das peculiaridades do ambiente. Essa imersão e a experiência da efetiva participação no grupo pesquisado são fundamentais para desenvolver uma pesquisa que utilize como método principal a etnografia. Esse ofício inclui participar, observar e descrever: categorias que formam a unidade do fazer etnográfico (BRAGA, 2008. p. 88).

Sendo assim, a coleta de dados desta pesquisa foi feita por meio da netnografia. Na definição de Kozinets (2014), netnografia é a pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online e recorre à comunicação mediada por computador

como fonte de dados (p. 61 e 62). Dessa forma, a metodologia escolhida se completa, além da observação participante, com entrevistas, coleta e análise de dados.

Como primeiro passo para que a pesquisa fosse realizada, buscamos inteirar e pedir permissão ao dono do grupo, Kaerre Neto, para adentrar e explorar o grupo com uma outra ótica da habitual. Com seu consentimento, demos início às etapas pré-estabelecidas da pesquisa.

A seleção de publicações, em um primeiro momento se deu da seguinte forma: houve uma busca, dentro do grupo apenas, com publicações que continham a palavra “assumir” – por este ser um termo recorrente e popular utilizado para nominar o momento, muitas vezes crítico, em que a pessoa revela a outra ou outras pessoas a sua classe LGBTI –, e a ferramenta de busca do próprio grupo selecionou algumas publicações como relevantes – que são as publicações que foram mais visualizadas ou as que houve um maior engajamento por parte dos membros, interações ou curtidas, ainda que essas interações não fossem utilizadas diretamente como dados da pesquisa. A partir dessa busca, dentre as dezenas de publicações que foram indicadas pelo próprio sistema de busca do grupo, 14 foram eleitas inicialmente por conterem o termo pesquisado casado com a temática da pesquisa que estamos desenvolvendo e ter sido feita por membros que ainda estão no grupo. Das quatorze, dez são do ano de 2017 e quatro são do ano de 2018.

Após este momento de seleção, entramos em contato com os integrantes autores dessas publicações designadas, obtendo resposta positiva de nove deles, se disponibilizando a contribuir com a nossa pesquisa.

A pesquisa utilizou como dados o conteúdo da publicação e não contar como *corpus* de análise as interações do grupo com a postagem, devido a algumas das postagens ter um número muito grande de interações, não sendo possível alcançar todas, pois o Facebook tem um limite de comentários que se pode buscar, em certo momento os comentários param de carregar e então não seria possível ler, por exemplo, todos os 3.1 mil comentários da postagem feita por um dos integrantes selecionados.

Adriana Braga (2008) justifica o motivo de achar pertinente o uso desta nova forma de etnografia nos estudos de conteúdos virtuais:

Pensar as dinâmicas culturais ocorrentes no contexto da internet implica uma reflexão prévia sobre as especificidades desse campo empírico, angulada pelas questões que a problematização da investigação suscita. (BRAGA, 2008. p. 85)



A autora nos ajuda a compreender como o método etnográfico permite materializar acontecimentos e/ou um discurso social para fins de pesquisa e estudo, transformando experiências em fonte de dados. Ainda que o método necessite de adaptações para o meio no qual ele foi aplicado, como no caso da pesquisa que desenvolvemos, a utilização de técnicas é inevitável.

Investindo em observação direta para a coleta de dados e registros de diários de campo, seleção de informantes para aplicação de entrevistas abertas visa à construção de um relato acerca de uma situação comunicacional de âmbito microscópico, em que interessa a circunstancialidade, o ocorrido. (BRAGA, 2008. p. 87)

Sendo assim, doravante às postagens selecionadas, buscaremos por meio de entrevistas responder as questões anteriormente levantadas, especialmente trabalhando o conceito de acolhimento e o entendimento que os autores das postagens têm dessa forma de reação. Trabalhando também os testemunhos como forma de criar narrativas de si, buscando Butler (2017), Lage (2018) e Ricoeur (2014) analisando o *corpus* de análise e relacionando com as pesquisas bibliográficas.

Para melhor compreender as intenções das postagens no grupo, foi feita uma entrevista com cada membro que teve o post selecionado e aceitou fazer parte da pesquisa. Serão realizadas entrevistas online, visto que nenhum dos colaboradores da pesquisa reside no mesmo estado em que ela se desenvolve e não há meios para que as entrevistas sejam realizadas pessoalmente. Outrossim levaremos em conta o que afirma Kozinets (2014) que diz que a entrevista online costuma ser mais proativa (p. 106), o que significa que este modelo de entrevista é muito mais firmado na interação, na sondagem, a partir do que vai acontecendo em meio a conversa com o entrevistado. Está pronta para aproveitar as aberturas que vão sendo dadas pelo entrevistado para se aprofundar o máximo em seu interesse. Justamente para que esta seja mais precisa com relação às intenções daquelas publicações.

Ela se inicia com uma série de questões extensivas que ajudam a situar o entrevistado em seu ambiente sociocultural, e depois se estreita para preocupações mais focais de sua pesquisa. (KOZINETS, 2014. p.107)

Foram aplicadas entrevistas em profundidade, que permitem o alargamento da compreensão do que se observa online, por meio dela pode-se desenhar um retrato mais completo do papel da comunidade virtual na vida inteira da pessoa – online e fora do computador (KOZINETS, 2014, p. 50).

Com o objetivo de viabilizar a compreensão do cenário desses sujeitos LGBTIs que pretendemos analisar, buscamos Facchini (2003) para fazer um apanhado histórico sobre a luta do movimento desta comunidade no Brasil. Para adentrar a realidade e o cotidiano de quem está nesta circunstância, buscamos Sedgwick (1993) que aponta as dificuldades da vida de quem vive em constante questionamentos sobre ser quem se é. A autora retrata que o armário é a estrutura definidora da opressão gay no século XX (p.26) e por essa assertiva ser tão atemporal e presente, sendo uma das definições da opressão que pessoas LGBTIs enfrentam diariamente, levamos como o direcionador da nossa pesquisa.

Muito além de quaisquer efeitos capacitadores, políticos ou cognitivos, nas pessoas que pretende descrever, a categoria nominativa do “homossexual” deixou redondamente de desintegrar-se sob a pressão de décadas e mais décadas, baterias e mais baterias de exposição desconstrutiva – evidentemente, não por causa de sua significação para aqueles a quem define, mas, em primeiro lugar, por causa de sua indispensabilidade para aqueles que se definem contra ela. (SEDGWICK, 1993. p. 43)

Posteriormente às entrevistas e juntamente com a pesquisa bibliográfica relacionada a testemunhos e acolhimento da comunidade LGBTI nas redes sociais, dar-se-á a conclusão da pesquisa que tem como hipótese a relevância desses espaços de fala dentro das redes sociais para a comunidade LGBTI e como grupos como o LDRV representam esse ambiente de acolhimento e identificação para essas pessoas.

O segundo capítulo traz a discussão sobre a importância das redes sociais online, especificamente o Facebook, para seus usuários como lugar social em sentidos múltiplos, com lutas e conquistas de espaço. Adentramos o grupo Lana Del Ray Vevo para observá-lo como comunidade virtual e principalmente como espaço ocupado pela comunidade LGBTI, onde indivíduos se identificam e encontram representatividade. Analisando como o grupo se comporta gerando identificações, interagindo, multiplicando afinidades, criando essas figuras representativas e se apoiando como comunidade.

No terceiro capítulo reforçamos o aporte teórico para perceber como se dá a exposição na rede. Descobrir se há ou não um limite entre intimidade pública e privada. Entender como se dá a construção do eu nas redes sociais online, como espetáculo, performance e principalmente como construção de imagem social. Para além, como os testemunhos e relatos autobiográficos constroem espaços em que se torna possível compartilhar experiências pessoais e buscar acolhimento, especialmente para demandas sociais as quais há certo descaso por parte da sociedade.

O último capítulo traz a análise da pesquisa. As postagens selecionadas e as entrevistas com os integrantes do Lana Del Ray Vevo nos permitiram captar como de fato o grupo agiu e age na vida dos indivíduos que fazem parte daquele ambiente. Como o LDRV se coloca como espaço de pertencimento, acolhe e ajuda seus integrantes, especificamente os da comunidade LGBTI, que o solicitam como abrigo, compartilhando experiências, se apoiando mutuamente e construindo um lugar de representatividade LGBTI forte.

## 2 REDES SOCIAIS E COMUNIDADES VIRTUAIS: BUSCA POR ACOLHIMENTO E PERTENCIMENTO

*A corporeidade do nosso corpo significa, como a própria sensibilidade, um nó ou desenlace do ser [...] um nó que não pode ser desfeito.*

*Lévinas, Otherwise than Being*

A internet traz consigo uma oportunidade para atores sociais que antes não conseguiam se fazer visíveis nas mídias tradicionais, conquistem um espaço de visibilidade, produzindo diversos tipos de conteúdo, conforme Adriana Braga (2008). Essa abertura permite, além de uma multiplicidade de ofertas enunciativas, ambientes de interação social, apropriados por grupos diversos, que estabelecem diferentes formas de socialização<sup>9</sup> (BRAGA, 2008. p.68). Nesses ambientes criam-se associações, que são formadas a partir dos interesses e necessidades dos indivíduos que ali se encontram. Para a autora, a base da sociedade humana são esses interesses, sejam eles de natureza efêmera, permanente, consciente ou não, sensual, ideal ou casual.

Neste capítulo, buscamos esclarecer o papel que as redes sociais na internet têm desenvolvido junto às demandas de seus usuários. Focando na rede social trabalhada nessa pesquisa, o Facebook, e especificamente à comunidade virtual LDRV. Procuramos também, ponderar quais as demandas são requeridas, entre os membros selecionados no grupo para o desenvolvimento desse trabalho, e o que eles almejam encontrar quando buscam por representatividade e acolhimento no ambiente das comunidades virtuais.

Vera França (2008) define a sociedade como um contexto objetivo de ação que existe a partir da atividade cooperativa dos seus membros e dos atos e trocas efetuadas em comum (FRANÇA, 2008. p. 74), o que se aplica aos ambientes que a compõem como esses grupos em redes sociais. A partir da ação dos indivíduos nas redes é que os ambientes se tornam propícios às demandas que são levadas por cada um do seu espaço pessoal. Por isso partimos dessa perspectiva para entender, por exemplo, a conformação do LDRV como um lugar de acolhimento, observamos que ela foi concebida a partir do que os seus membros iniciais traziam de demandas e de soluções para elas, fazendo com

---

<sup>9</sup> Entendida como a forma pela qual os indivíduos se aproximam em núcleos de satisfação de seus interesses. (BRAGA, 2008. p. 68)

que, com o passar do tempo, outras pessoas recorressem ao grupo para compartilhar ou até solucionar adversidades de cunho pessoal ou íntimo.

Concebemos o acolhimento, um conceito-chave nesta pesquisa, tal como formulado por Garuzi (2014), – “como tecnologia relacional capaz de desenvolver e fortalecer afetos” (p. 145). O conceito também é trabalhado por outros autores, na mesma linha de entendimento. Apesar de a autora trazer o conceito como a forma relacional mais recomendável em que deve se dar a relação entre alguém que busca ajuda em uma unidade de saúde e a equipe que o recebe, ou seja, em outro contexto, por considera-lo pertinente tomamos a liberdade de trazê-lo para a comunicação, alargando seu emprego para as relações que se desenvolvem ciberespaço e nas redes sociais.

Levamos em consideração também a forma com que o conceito tem sido trabalhado por outros autores e entes da área da saúde, para melhor assimilar sua aplicação e como podemos buscar novos significados ao conceito, ao relacionarmos com a comunicação. Em geral, trata-se o acolhimento como a forma mais adequada de primeiro atendimento e recepção em estabelecimentos de saúde, como hospitais, Unidades de Pronto Atendimento e outros, entretanto, o cerne desse conceito busca uma relação entre indivíduos que se baseia em sentimentos como empatia.

O dicionário explica o acolhimento como “Ação ou efeito de acolher; acolhida. Modo de receber ou maneira de ser recebido; consideração. Local que há segurança; abrigo”<sup>10</sup> e foi nesse sentido, do entendimento do senso comum, que o conceito vinha sendo utilizado de forma intuitiva no início dessa pesquisa, porém sempre devemos ir mais a fundo em busca das bases que fundamentam nossos trabalhos. Foi nesse caminhar que encontramos o conceito aplicado à práticas profissionais de forma extremamente relevante e importante.

Estão diretamente ligados à prática do acolhimento direcionamentos como a escuta das queixas de quem busca esse atendimento, considerando sempre suas preocupações e angústias como influenciadores diretos na situação daquele indivíduo. Com ênfase na forma com que essa ação deve ser posta em prática, com total atenção afim de solucionar de imediato o que for urgente, mas também ser sensível para alcançar as demandas que necessitam de atenção a longo prazo.

---

<sup>10</sup> Dicio, o dicionário online de português. Disponível em: << <https://www.dicio.com.br/acolhimento/> >> Acesso em 15 de janeiro de 2019

O acolhimento como ato ou efeito de acolher expressa, em suas várias definições, uma ação de aproximação, um “estar com” e um “estar perto de”, ou seja, uma atitude de inclusão.” (Ministério da Saúde, 2010. p, 6)

A Cartilha do Ministério da Saúde (2010) nos ajuda a compreender a relevância do acolhimento para além de uma prática de atendimento ao público. A sua relevância ética no que se refere ao compromisso com o reconhecimento do outro, na atitude de acolhê-lo em suas diferenças, suas dores, suas alegrias, seus modos de viver, sentir e estar na vida. A sua relevância estética porque traz para as relações e os encontros do dia-a-dia a invenção de estratégias que contribuem para a dignificação da vida e do viver e, assim, para a construção de nossa própria humanidade. E sua relevância política porque implica o compromisso coletivo de envolver-se neste “estar com”, potencializando protagonismos e vida nos diferentes encontros (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010. p, 6).

Teixeira (2003) aponta para o conceito de acolhimento como um processo que está diretamente ligado ao diálogo, observando esta tecnologia de uma forma mais comunicacional e que entende ser a conversa substância principal das atividades de um serviço de saúde (TEIXEIRA, 2003. p. 8). O autor entende o acolhimento de dois modos especiais, onde em ambos se destaca a função dialógica, categorizando-os em *acolhimento-diálogo* e *acolhimento dialógico*. Em um primeiro contato com essas denominações há a impressão de que tendem a ter o mesmo sentido, mas o autor nos permite entender a diferença dispondo das singularidades de cada modo.

O acolhimento-diálogo se explica em seus componentes nominais. O acolhimento, onde pressupomos uma receptividade moral de uma pessoa e que se compreende que com ela surgem demandas (que podem ser, e na maioria das vezes são, parte fundamental dos problemas pessoais dela, inclusive os que a levam a ter a necessidade de acolhimento), e o diálogo que se direciona pela busca de um maior conhecimento das necessidades de que o usuário se faz portador e dos modos de satisfazê-las (TEIXEIRA, 2003. p, 11). Entretanto é mais como um técnica de conversação, o que não nos elucida em nossas necessidades.

Em seu outro modo de refletir este processo, o acolhimento dialógico, o autor aponta que sendo ele ponderado desta forma salienta uma característica muito importante da conversação – que é o elemento principal do acolhimento no entendimento do autor – e que também é essencial para que o acolhimento seja efetivo, é a democracia. Não com o objetivo de reduzir a democracia a uma técnica de conversa, mas no sentido de valorizar

o fato de que algumas conversas são verdadeiros exercícios de democracia (idem. p, 11). O modo de acolhimento dialogado é o que nos traz maior esclarecimento, moldando à nossa pesquisa e campo, a forma com que essa relação se constitui.

Teixeira (2003) propõe três disposições morais e cognitivas que se prescreve para o acolhimento dialogado: o reconhecimento do outro como um legítimo outro; o reconhecimento de cada um como insuficiente; o sentido de uma situação é fabricado pelo conjunto dos saberes presentes (idem. p, 12). Sintetizando esse pensamento, leva-se em consideração que os sujeitos sempre tem algo a oferecer e também a alguma lacuna a preencher, desta forma o autor conclui que a arte da conversa não é homogeneizar os sentidos fazendo desaparecer as divergências, mas fazer emergir o sentido no ponto de convergência das diversidades (idem. p, 12).

Garuzi (2014) expõe, dentre as condições sobre acolhimento que surgem como resultado do seu estudo, uma que podemos destacar e aplicar nesta pesquisa. A condição para que o acolhimento seja feito de forma eficiente diz respeito à necessidade de um vínculo, que permite a construção de uma relação de confiança.

O vínculo pode ser caracterizado como uma relação de cumplicidade entre usuários e profissionais, concretizando-se no âmbito do acolhimento e sendo ponto de partida para a construção de confiança entre os envolvidos. Para haver vínculo, é indispensável que haja empatia e respeito. (GARUZI, et al, 2014. p, 146)

Se fortalecendo este laço, é possível ter mais confiança entre as partes que se relacionam e mais empatia, pois o vínculo permite aos indivíduos exercerem seu papel de cidadãos, conferindo maior autonomia em relação à si mesmo, tendo garantidos os seus direitos de fala, argumentação e escolha. Objetivando, também, que o indivíduo que vai acolher esteja sensibilizado pela demanda que aquele que chega traz.

O acolhimento é capaz de promover este vínculo entre os sujeitos e, adaptando o que Garuzi (2014) aponta, é por meio do acolhimento que cria-se o sentimento de autocuidado, a melhor compreensão dos problemas e a busca conjunta pela resolução deste. Além disso fortalece o senso de comunidade, pois, a exemplo do LDRV, os indivíduos se juntam em prol da resolução de um caso. Essas ações baseadas no acolhimento humaniza as relações e estimula a quebra de preconceitos.

Sendo assim, observamos alguns espaços sociais na internet, como o grupo Lana Del Ray Vevo, que parecem ganhar, em algumas ocasiões, este caráter acolhedor que mencionamos anteriormente. Em que as pessoas poderiam construir um espaço seu, mas também coletivo, onde o *nós* o qual Giddens (2002) se refere, poderia criar-se e refletir

na construção do eu de cada sujeito que ali se encontrar. E buscar reconhecer sua identidade que cremos ser essencial para o reconhecimento em meio a um ambiente social. Para ver como em um espaço em que pertencem e um lugar em que se sintam acolhidos.

## **2.1 – A LUTA POR DIREITOS E AS CONQUISTAS SOCIAIS DA COMUNIDADE LGBTI**

O movimento LGBTI luta pelo respeito e pela igualdade de direitos das pessoas que têm uma orientação sexual ou de gênero que foge àquela imposta pela sociedade. A sociedade é heteronormativa, impõe como norma social uma única orientação sexual aceitável que é a heterossexualidade – relação entre pessoas de gêneros opostos –, também compele as pessoas a aceitarem o gênero biológico com que foram designadas no nascimento e, além disso, a se relacionarem apenas com pessoas do gênero oposto. Cademartori e Gross (2018) nos ajudam a entender mais a fundo o que essa heteronormatividade representa:

Formado pela junção de duas palavras “hetero” e “norma”, sendo que o vocábulo “hetero” significando diferente, de outro e antônimo de “homo” ou igual. Ao passo que, o vocábulo “norma”, tem por significado, preceito, regra, valor, modelo(...) A partir desses termos pode-se definir heteronormatividade como modelo de relação com pessoa de sexo diferente do seu, a ser seguido como regra, ditado socialmente como modelo de valor. (CADEMARTORI E GROSS, 2018. p, 9)

Facchini (2003) nos ajuda a compreender o histórico da luta da comunidade LGBTI, no Brasil, em busca da conquista de direitos. A sigla LGBTI é utilizada internacionalmente, pois abrange as pessoas intersex – órgãos como a ONU e a Anistia Internacional elegeram esta denominação como um padrão para se referir a esta parcela da população, razão de termos adotado aqui, como já mencionado antes<sup>11</sup>. O movimento de homossexuais surge no Brasil por volta da década de 1970, protagonizado por alguns grupos que foram pioneiros, como o Grupo Somos – Grupo de Afirmação Homossexual, de São Paulo – e o Grupo Gay da Bahia, por exemplo, que foram referências de luta nos anos 70, 80 e 90.

Entretanto, as condições de sexualidade e de identificação de gênero das pessoas vão muito além do que a sociedade em geral impõe e dentro dessa pequena sigla, existem

---

<sup>11</sup> Do artigo “LGBT, LGBTI, LGBTQ ou o quê?” do Portal Desacato. Disponível em: << <http://desacato.info/lgbt-lgbti-lgbtq-ou-o-que/> >> Acesso em 08 de agosto de 2018



muitas singularidades: o “L” representa as lésbicas, as mulheres que se relacionam sexual e afetivamente com mulheres; o “G” representa os gays, homens que se relacionam sexual e afetivamente com homens; o “B” é de bissexual, que são pessoas que se relacionam sexual e afetivamente com ambos os gêneros; o “T” representa três classes de pessoas, as travestis (que são pessoas que somente se trajam conforme o gênero oposto ao seu, não necessariamente vivendo desta forma), as transexuais (que são as pessoas que não se identificam com o seu gênero biológico e têm a intenção de modificar suas características físicas por meio de tratamentos hormonais e cirurgia de readequação de sexo) e as transgêneros (que também não se identificam com o gênero pré-determinado no nascimento, mas quer apenas expressar-se como o gênero com o qual se identifica e não tem necessidade de mudar sua anatomia de forma cirúrgica); o “I” representa as pessoas denominadas intersexuais<sup>12</sup>, que são aquelas que nascem com a genitália sem definição de masculino/feminino, anteriormente eram chamadas de hermafroditas, mas o termo vem sendo combatido nos campos médico e social. Um adendo importante é que essas não são as únicas possibilidades sexuais, afetivas e de gênero dentro dessa comunidade tão diversa, não obstante, vamos nos ater a elas para efeito da discussão feita neste trabalho.

Essas nomenclaturas ou classificações especificam quem é cada indivíduo e qual sua peculiaridade representada na sigla. Entretanto, por fugir à regra imposta por uma sociedade que normaliza apenas o heterossexual, as pessoas que se enquadram nessa comunidade classificada com LGBTI tornam-se marginalizadas por grande parte da sociedade, que por muito tempo inviabilizou seus direitos mínimos. Gross e Cademartori (2018) assinalam de que forma a diversidade é entendida em uma sociedade heteronormativa e opressora, que separam-se em normal e anormal, aceita e não aceita socialmente, colocando todas aquelas que fogem de práticas heterossexuais, monogâmicas, reprodutivas, e chancelado pelo matrimônio como marginalizadas (CADEMARTORI E GROSS, 2018. p, 8).

Os desrespeitos, podendo culminar em atos criminosos, com os indivíduos que fazem parte dessa comunidade são inúmeros e cotidianos, escondidos por trás de piadas ou explícitos, violentos e escrachados, o preconceito e a discriminação cercam a todos que fogem ao padrão heteronormativo. O número de assassinatos no Brasil por

---

<sup>12</sup> “O que é intersexualidade. E como é se descobrir intersexual” Disponível em: << <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/02/03/O-que-%C3%A9-intersexualidade.-E-como-%C3%A9-se-descobrir-intersexual> >> Acesso em 08 de agosto de 2018

LGBTfobia é extremo, em 2018 foram 347 homicídios registrados de pessoas LGBTIs, uma média de 1,15 casos por dia, segundo o relatório do Grupo Gay da Bahia<sup>13</sup>. Entendemos, portanto, que os sujeitos da comunidade LGBTI não apenas são invisibilizados e marginalizados, é vedado a muitos deles também o direito de viver.

A luta pela conquista do direito ao casamento, à adoção, ao uso do nome social e demais direitos sociais demandou muito enfrentamento perante a resistência de uma sociedade que alegava e ainda alega que os direitos destes indivíduos ferem os valores conservadores. Ainda assim as conquistas avançaram. Com relação aos direitos civis da comunidade LGBTI, houve importantes avanços – como o reconhecimento da legalidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo, o uso de nome social na escola e no trabalho por pessoas trans, a adoção e o registro de crianças por pais homoafetivos e/ou trans, o direito de pensão pós-morte entre casais homoafetivos ainda que estes não tenham uma união reconhecida pelo Estado, entre outros –, entretanto ainda há muito a se conquistar, principalmente o reconhecimento da LGBTfobia como crime. Em 1999, uma resolução do Conselho Federal de Psicologia determinou que os psicólogos não colaborassem "com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades", nem se pronunciassem publicamente "de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica" (FACCHINI; SIMÕES, 2009, p. 166) fora um dos grandes marco nos avanços dos direitos da comunidade LGBTI.

Com o passar dos anos, a temática LGBTI vem ganhando espaço no cenário político, não há um número exato sobre a quantidade de parlamentares assumidamente LGBTIs existem atualmente. Entretanto, o último levantamento feito pela Associação Brasileira LGBT (ABLGBT)<sup>14</sup>, foram contabilizados em âmbito nacional 180 candidaturas de pessoas que se identificam como gays, lésbicas, bissexuais ou transgêneros, um crescimento total de 386,4% quando comparado com a mesma quantidade do pleito de 2014<sup>15</sup>. A presença de parlamentares que apoiam a causa da comunidade LGBTI vem auxiliando nessas conquistas civis, pela sua atuação contundente em favor das causas desse segmento social. É o caso, por exemplo, de Jean

---

<sup>13</sup> Homicídios de LGBT no Brasil em 2018. Disponível em: << <https://homofobiamata.wordpress.com/homicidios-de-lgbt-no-brasil-em-2018/> >> Acesso em: 17 de janeiro de 2019

<sup>14</sup> Eleições 2018: cresce em 400% o número de candidatos LGBT. Disponível em: << <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/08/eleicoes-2018-cresce-em-400-o-numero-de-candidatos-lgbt> >> Acesso em 26 de agosto de 2018

<sup>15</sup> Dados disponíveis em: << <http://aliancaltgbi.org.br/eleicoes2018/> >> Acesso em 26 de agosto de 2018

Willys (PSOL/RJ) – único deputado federal assumidamente homossexual –, a vereadora carioca Marielle Franco (PSOL/RJ) – que era bissexual e cujo o assassinato com características de execução ocorreu em março de 2018 –, a primeira mulher trans a ser candidata a senadora, Duda Salabert (PSOL/MG), e o candidato ao senado assumidamente homossexual, Jossimário de Souza Mick (PSOL/SE) entre outros.

Em contrapartida, veem-se inúmeras manifestações contrárias a essas conquistas, que respondem por uma onda de ódio direcionada à comunidade LGBTI, incitada muitas vezes por representantes políticos de uma classe conservadora e majoritariamente religiosa. Como o pastor Silas Malafaia, líder religioso evangélico do Brasil que utiliza de seu poder de comunicação – pois possui emissora de TV e canais na internet, além de suas redes sociais – para rechaçar as pessoas LGBTIs e as conquistas de direitos dessa comunidade, perante um grande público conservador. E dentre os diversos políticos componentes da chamada “bancada da Bíblia”<sup>16</sup>, destaca-se o presidente da república recentemente eleito Jair Bolsonaro (PSL/RJ), que é um grande antagonista dos direitos LGBTIs, em sua longa carreira política, e que prega a militarização do país, reafirmando suas posições a partir de um discurso conservador regido por uma concepção heteronormativa, que aceita apenas a relação heterossexual e os cisgêneros<sup>17</sup> masculino e feminino. Com ele, uma onda conservadora se instalou em diversos níveis da política brasileira, abrangendo os âmbitos local, regional e nacional.

Mesmo contrariando grande parte dela, a sociedade heteronormativa tem visto a comunidade LGBTI avançar na conquista de seus direitos. Uma longa história de luta tornou esse segmento social mais visível, nem sempre de forma positiva, mas com muito mais possibilidade de visibilidade pública do que há quase cinquenta anos, quando o movimento começou. O cenário atual não é favorável às demandas da comunidade LGBTI, entretanto existe a necessidade das discussões serem colocadas em pauta, pois são urgentes e inevitáveis.

Decorrente dessa grande demanda por parte da comunidade LGBTI e do espaço que vem sendo conquistado por ela, a atenção dos meios de comunicação e das empresas

---

<sup>16</sup> A bancada da Bíblia compõe a chamada bancada BBB – Bala, boi e Bíblia (boi, do agronegócio, bíblia, dos neopentecostais, e bala, dos representantes da segurança) –, que, segundo o site EcoDebate, contém 257 parlamentares, que se apoiam em seus interesses pessoais, em troca apoiam os interesses das outras vertentes desta bancada, se fazendo fortes e conseguindo alcançar seus objetivos por meio deste lobbie. Dentre as “conquistas” dessa bancada, podemos incluir o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Disponível em: << <https://www.ecodebate.com.br/2018/04/26/bancada-bbb-bala-boi-e-biblia-domina-politica-indigenista-do-governo/> >> Acesso em 26 de agosto de 2018

<sup>17</sup> Pessoas que se adequam ao gênero biológicos.

foram se voltando para esse público carente de representação e viu nisso uma oportunidade de conquistar e criar um laço com ele. No caso das marcas e empresas, a vantagem de ter essa comunidade como o seu público ainda inclui o lucro. Existe um termo chamado *pink money*, que resume o valor monetário da comunidade LGBTI e o uso da temática apenas com interesse comerciais para algum produto ou conteúdo. Para fins de conhecimento do poder de consumo da comunidade LGBTI. Segundo dados do SEBRAE, de 2017, este poder econômico é estimado em R\$ 419 bilhões no Brasil. A Out Leadership (associação internacional de empresas voltadas para este público) estima que o público LGBTI movimenta mais de US\$ 100 bilhões no país. Este valor representa cerca de 10% do Produto Interno Bruto nacional.

Em consequência desse alto valor de consumo, vemos na publicidade uma maior recorrência dessa inclusão. As empresas começam a perceber a potencialidade desse público perante o espaço social que vem sendo conquistado. Seguindo o exemplo da Benetton, que desde 1990 já aborda em seus anúncios publicitários temáticas engajadas com causas de movimentos sociais como o movimento negro, feminista, além do LGBTI, grandes marcas como O Boticário, Natura, Skol e Coca-Cola têm feito campanhas que incluem a temática LGBTI e também o apoio e respeito à causa. Há, obviamente, muitas reações não favoráveis a esse posicionamento inclusivo, mas que, por conta do espaço e do respeito que já fora conquistado, tem diminuído em sua ocorrência.

Estas empresas fazem dessa relação um meio de expandir a marca e conquistar esse público. Tomemos como exemplo a Doritos e a Skol, que criaram uma embalagem de apoio à causa na Parada do Orgulho LGBTI de 2017. A primeira lançou o Rainbow (arco-íris em inglês), uma edição especial com nachos coloridos que representam a bandeira do movimento e que foi vendida online. A Skol seguiu a mesma linha e desenvolveu um rótulo comemorativo estampando o arco-íris para ser comercializada durante a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo em 2017. Ambos com a arrecadação, total (Doritos) ou parcial (Skol), revertida para a Casa 1, espaço de acolhimento para pessoas em situação vulnerável em decorrência de sua orientação sexual. Claramente, deve-se problematizar o valor imensurável comercialmente falando dessa comunidade, o que pode motivar todo esse “apoio” dado pelas grandes marcas, entretanto este não é o intuito desta pesquisa.

Voltando esse foco para nosso objeto de pesquisa, vemos o LDRV como um grupo que tem um grande potencial mercadológico, principalmente por obter um público majoritariamente LGBTI e com o poder de compra anteriormente citado. A exemplo de

campanhas voltadas diretamente a esse público, em entrevista concedida ao portal Meio & mensagem Kaerre Neto, o dono do LDRV, citou uma parceria do grupo com um aplicativo de relacionamentos – Scruff – voltado para o público homossexual masculino, onde os membros do grupo que utilizavam o aplicativo tinham direito a ter a conta premium, que é uma opção paga e com várias vantagens, mas que para os integrantes do LDRV sairia como um presente.

Podemos inferir que esses meios são essenciais para que a comunidade LGBTI possa ser vista, mas apenas parte de um componente maior onde se percebe que ainda há muito a se avançar. A sociedade em geral ainda está em dívida com os indivíduos que compõem essa comunidade, que não é homogênea ou padronizada e que não representa apenas uma sigla cheia de letras e sim pessoas que demandam de direitos e necessidades morais, sociais e afetivas.

Eve Sedgwick (2007) nos faz refletir sobre a realidade difícil que os homossexuais têm, apenas pelo fato de ser quem são em uma sociedade, que é majoritariamente heteronormativa e que não os aceita e os obriga a estar constantemente “em um armário”. Observamos, da perspectiva da autora, como o ambiente social de uma pessoa LGBTI interfere diretamente na sua postura cotidiana e ela sinaliza que sempre haverá interesses sobre uma conduta que, em geral, não se aprova. É como Silva Filho (2012) sinaliza, estes sujeitos estão em constante “negociação com o armário”, em diversos ambientes é necessário se esquivar de questionamentos transmutados de curiosidade como “por que você nunca apresentou um namorado?” ou “você é bastante sensível para um homem, não acha?”, seguindo em frente nessa contínua relação com os segredos de quem vive em uma condição geralmente não aceita.

O autor também atenta para o fato de que alguns pesquisadores buscam entender o processo de construção da homossexualidade, mas Silva Filho (2012) logo interpela esse pensamento que olha a homossexualidade como fixa para mostrar que na verdade ela é uma condição que se dá durante toda a existência, pois os códigos e as condutas são alterados de acordo com as situações históricas, temporais e culturais (SILVA FILHO, 2012. p, 118). Esses contextos justificam a questão da constante negociação com o armário, podendo aplicar aos tempos atuais, onde a luta da comunidade LGBTI é forte e visível, mas há uma ameaça velada à comunidade por parte de pessoas favoráveis ao governo atual do Brasil, portanto em alguns determinados meios, haverá a necessidade de se colocar em um armário para que se resguarde sua integridade como LGBTI.

É como se cada “saída do armário” fosse interessante, nunca perdesse a graça, por isso nem uma história passa batida. Por isso também que muitos indivíduos são coagidos com brincadeiras ou ofensas disfarçadas que tentam “quebrar o armário” em que ele se encontra, pela necessidade de suprir a curiosidade ou o simples prazer de revelar a identidade LGBTI de alguém. Parafraseando Sedgwick (2007) lembramos também que “armários” se criam para gays e lésbicas até enquanto cochilam, isso significa que novas situações são criadas diariamente onde, até os mais assumidos homossexuais, se questionam se sua sexualidade está clara naquela situação ou se de alguma forma ela pode influenciar no decorrer dela. Como conhecer uma nova turma de alunos, um novo chefe ou mesmo ir ao médico, situações cotidianas que muitas vezes colocam homossexuais novamente se perguntando se o fato dele ser o que é lhe gerará reações, posicionamentos ou comentários desagradáveis, ou pior ainda, tornar o seu objetivo mais difícil de ser alcançado se sua sexualidade for exposta.

Nas mais banais situações da vida, como almejar um emprego ou uma promoção, proteção contra violência, contra estereótipos distorcidos, evitar discriminações e agressões, entre outras, pessoas LGBTI se veem frente a opção de ficar onde estão ou voltar para o armário. Essa é, como a autora define, característica fundamental da vida social de um LGBTI, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora (SEDGWICK, 2007. p. 22).

Com relação ao “armário” ao longo da história e o que ele significou com o passar do tempo, a autora aponta o desejo por alguém do mesmo sexo quase como uma forma de conhecimento de si mesmo, porém algo que passou a ser combatido. O que tornou essa forma de sexualidade algo que não apenas deveria ser escondido, mas que também deveria ser reprimido. Sedgwick (2007) afirma que o armário é a estrutura definidora da opressão gay no século XX e que tem como consequência o desenvolvimento de uma sexualidade particular distintivamente constituída como segredo: o objeto perfeito para a ansiedade epistemológica/sexual do sujeito da virada do século, hoje exacerbada (p.30).

A contar do início do século XX, nota-se uma mudança de foco, onde não mais se fala de uma sexualidade e sim de uma homossexualidade, todo questionamento se voltam para a “sexualidade do mesmo sexo – incluindo, digamos, tanto os desejos gays quanto as fobias mais raivosas contra eles –, a condensação dessa pluralidade no tópico homossexual” (SEDGWICK, 2007. p. 30). “Ressoante como é para muitas opressões

modernas, a imagem do armário é indicativa da homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões.” (SEDGWICK, 2007. p.31) Pois por exemplo no caso de racismo ou discriminação por gênero e deficiência física, se funda em algo que é visível. Outras formas de discriminação, como por religião/ cultura/ etnia, se dão de forma mais semelhante à homofobia, pois é algo que necessita ser revelado para ser do conhecimento externo, entretanto há a diferença na questão histórica, pois nesses casos há o que a autora chama de linearidade ancestral, que de certa forma serve como apoio para aquela condição em que o indivíduo se encontra.

Ainda assim, a autora compara o “armário gay” com um “armário judeu”, contando a narrativa bíblica de Esther. A rainha judia que se casou com um rei antissemita, mantendo segredo sobre sua origem, mas que em determinado momento precisou “se assumir judia”. Sedgwick (2007) compara a situação de Esther à situação de um gay que precisa se assumir para pais homofóbicos. A reação do rei Assuero, sua incredulidade e sua postura diante da fala de Esther sobre seu povo, permite que se conclua tal semelhança.

Acontece o mesmo com a saída do armário: ela pode trazer a revelação de um desconhecimento poderoso como um ato de desconhecer, não como o vácuo ou o vazio que ele finge ser, mas como um espaço epistemológico pesado, ocupado e conseqüente. (SEDGWICK, 2007. p.35)

Entretanto, a autora enumera os riscos e restrições que alguém que sai do armário enfrenta, comparando diretamente com a questão da estória bíblica. Primeiramente, a autora aponta que a rainha Esther é judia e, apesar de ela ter tido a necessidade de se revelar, não existiam brechas para questionar, se aquilo era uma fase ou se ela tinha certeza disso, se poderia ser mudado ou outro questionamento, comum quando homossexuais se assumem. Outro ponto é que ela sabia o que esperar de Assuero com relação à sua origem, ela possuía certo controle sobre o rei, completamente diferente da situação em que as pessoas LGBTIs sentem em relação às pessoas para quem se assumem.

Em muitas relações, senão na maioria delas, assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam, que já estavam no ar por algum tempo e que já tinham estabelecido seus circuitos de força. (SEDGWICK, 2007. p. 38).

A autora também mostra que Esther pensa nas consequências que sua revelação podem causar ao seu povo, mas em nenhum momento pensa nos ônus a Assuero, pois não há ônus nenhum a ele. Já no caso dos homossexuais saindo do armário, os coloca em um

contexto em que existem risco para os dois lados. Existirão “prejuízos”, por exemplo, para pais que vivem em um meio conservador e se deparam com a revelação da homossexualidade de um filho, os pais passam a viver num armário para que esta revelação não os afete em seu meio social. Já para o homossexual sempre existirá o medo dessa rejeição ser ainda maior, que um medo social, e oferecer riscos vitais para esse indivíduo, que já existe em uma sociedade homofóbica e precisa ter mais estas preocupações de rejeição sobre aqueles para os quais ele precisa se assumir.

Além disso, Assuero não deixa que a revelação de Esther afete a relação deles. Já com uma homossexualidade revelada interfere de certa forma na identidade erótica de quem vê aquela revelação, ela é de certa forma perturbada e a autora explica:

Isso é verdadeiro, em primeiro lugar e em geral, porque a identidade erótica não deve ser nunca circunscrita em si mesma, não pode ser nunca não relacional, não deve ser percebida ou conhecida por alguém fora de uma estrutura de transferência e contratransferência. Em segundo lugar, e de maneira específica, é verdadeiro porque as incoerências e contradições da identidade homossexual na cultura do século XX respondem a – e, portanto, evocam – as incoerências e contradições da heterossexualidade compulsória. (SEDGWICK, 2007. p. 39-40)

Mais um ponto assinalado é que ao ter uma postura antissemita, Assuero não é questionado se há possibilidades de ele ser um judeu disfarçado. Ao contrário de sujeitos que têm uma postura homofóbica, estes na verdade acabam por ter uma probabilidade considerável de serem gays. Assumir-se não acaba com a relação de ninguém com o armário, inclusive, de maneira turbulenta, com o armário do outro (SEDGWICK, 2007. p.40).

Também assinala que Esther sabe quem é seu povo e tem total referência deles, através de Mardoqueu, que a faz sentir-se de certa forma próxima ao seu povo fortalecendo o sentimento de pertencimento. Já no caso de LGBTIs, em sua maioria, nascem e são criados em lares e ambientes sociais onde não há representatividade homossexual, pelo contrário, há uma grande repulsa coletiva sobre essa questão. E a partir desse contexto eles “têm que construir, com dificuldade e sempre tardiamente, a partir de fragmentos, uma comunidade, uma herança utilizável, uma política de sobrevivência ou resistência.” (SEDGWICK, 2007. p. 40). Por fim, a estória da rainha Esther mostra uma política de minorias baseada numa reinscrição conservadora de papéis de gênero, oportunidade essa que ainda não havia sido permitida à pessoas LGBTIs.



Sedgwick (2007) salienta que ao iniciar o século XX, nota-se algo relevante nas definições sobre a pessoa homossexual, essa categoria nominativa do homossexual vem mais facilitar a diferenciação dessas perante àquelas pessoas que as criticam, do que a ajudar politicamente os indivíduos integrados nessa categorização. Essa nomeação se manteve sob a pressão de uma exposição desconstrutiva excessiva evidentemente, não por causa de sua significação para aqueles a quem define, mas, em primeiro lugar, por causa de sua indispensabilidade para aqueles que se definem contra ela (SEDGWICK, 2007. p.43). Inclusive reforçando como as barreiras entre os homossexuais e os heterossexuais foram reforçadas no século XX. Principalmente por homens contra homens, o que acende novamente a luz das pessoas homofóbicas que suprimem sua sexualidade em forma de agressão e reprovação daqueles que não agem assim e afloram a sexualidade.

A autora sinaliza que, em pelo menos em  $\frac{3}{4}$  de século prevaleceu uma incoerência conceitual sobre os homossexuais, uma canga de posições contraditórias que, em sua opinião, constrange o discurso moderno. Algumas vezes fora usada como ponto de tensão entre a teoria e a política, que ora estava de acordo com os direitos das pessoas homossexuais ora contra.

Sedgwick (2007) diz que ser gay nesse sistema é ficar sob as tutelas radicalmente sobrepostas do discurso universalizante dos atos e do discurso minoritarizante das pessoas. E traz o exemplo sobre as questões relacionadas à AIDS para mostrar como muitas vezes o discurso universalizante dos atos pode ser menos ofensivo e opressor do que o discurso minoritarizante das pessoas, nesse caso oprime colocando essa minoria em um grupo de destaque negativo, como o grupo responsável pela disseminação de algo ruim. Esmiuçando, infere-se que o discurso universalizante dos atos seria o de que os homossexuais não se protegem ao fazer sexo, e os coloca em um discurso minoritarizante de grupo de risco.

Sedgwick (2007) traz outro foco dessa temática para a discussão, o fato da homossexualidade ser confundida com o gênero. Para a autora, esse pensamento tem uma base da virada do século XIX para o XX, onde duas formas de compreender a vida de pessoas homossexuais pairava. A primeira delas se fundava no argumento de uma alma feminina no corpo de um homem e vice-versa, que, como alguns escritores esclareceram, era uma forma de reiterar uma heterossexualidade essencial para o desejo. Esse pensamento se manteve muito fortemente na virada do século e ainda podendo ser visto

nos dias atuais em forma de discursos homofóbicos que fazem questão de se mostrar não interessados nos avanços sobre as questões de gênero.

Outro modo de compreensão do homossexual era o separatismo de gênero, que consistia na justificação do desejo sexual pelo mesmo sexo com uma identificação natural dos gêneros. Esse modelo de pensamento entenderia como a mais natural forma de desejo do seu próprio gênero, enquanto o outro modelo coloca os gays como o extremo do mesmo.

É a coisa mais natural do mundo que pessoas do mesmo gênero, pessoas agrupadas sob a marca diacrítica mais determinante da organização social, pessoas cujas necessidades e conhecimentos econômicos, institucionais, emocionais, físicos podem ter tanto em comum que também se unam no eixo do desejo sexual. (SEDGWICK, 2007. p. 49)

Concluimos que de certa forma todas essas categorizações e classificações de pessoas LGBTIs acarretam em alguma falha ou brecha para que essas pessoas sejam minoritarizadas, sendo assim sempre separatista. “Na criação de um campo de incoerência discursiva altamente estruturada e intratável num nódulo crucial da organização social; neste caso, o nódulo em que qualquer gênero é discriminado.” (SEDGWICK, 2007. p. 52) Por fim, a autora aponta que todo o caminhar do pensamento sobre os homossexuais é saturado de contradições e o que é mais frutífero é estudar a incoerência própria desses pensamentos, pois são nas incongruências as quais encontraremos os enredos mais produtivos e mortíferos de nossa cultura.

Frente a todo esse embate histórico, a vivência em uma realidade de constantes questionamentos, tanto internos quanto externos, trava-se uma luta constante, onde é preciso se afirmar diante de uma sociedade que oprime de todos os lados. Por isso, com os avanços já conquistados, busca-se novos progressos. O cotidiano modifica-se com o tempo e novos ambientes vão sendo construídos baseados em respeito e identificação para que essa luta se consolide, ainda que a resistência a esses espaços seja ainda majoritária, o espaço que já fora conquistado é significativo.

## **2.2 – AFINIDADES ELETIVAS NO AMBIENTE VIRTUAL**

A comunicação é um processo no qual o emissor não tem a prerrogativa de determinar arbitrariamente o tema, o meio e a forma em que este processo vai se dar. Ao contrário, é construído por ambos, emissor e receptor, levando em consideração a bagagem de cada um. Dessa forma, Rüdiger (2011) argumenta que a comunicação não é

constituída apenas da técnica, além desta possui também um processo de interação social mediado simbolicamente (p. 26).

O fundamento do processo transcende as trocas de mensagens e, por isso, não é certo que o primeiro cuidado seja sempre transmitir determinadas ideias: pode ser julgar a reação do público em volta, expressar um estado interior ou mesmo praticar uma violência. A transferência de mensagens constitui apenas um momento de um processo mais amplo, de cunho social, histórico e simbólico, que possui múltiplas modalidades. (RÜDIGER, 2011. p. 27)

Nesse sentido, não podemos considerar as redes sociais como meros ambientes tecnológicos de comunicação e nem colocar esses ambientes no mesmo patamar que os demais sites que se encontram na rede mundial de computadores, pois nelas pessoas se conectam e estabelecem relações entre si e, por consequência, diversas realidades – sociais, de gênero, de sexualidade, etc. – também se cruzam. Observaremos o fenômeno comunicacional que ocorre no LDRV a partir do modelo praxiológico de Louis Queré (1991), base para compreender as interações no grupo.

Apresentando, inicialmente, o comparativo que o autor faz entre o modelo epistemológico e o praxiológico, justificando a melhor adequação deste último aos processos comunicacionais atuais. Queré opõe esquematicamente duas grandes concepções da comunicação:

Uma é “epistemológica”, no sentido de que ela raciocina em termos de produção e de transferência de conhecimento sobre o mundo e as pessoas; ela depende no essencial do esquema da representação. A outra é “praxiológica” e depende do esquema da constituição de um mundo comum pela ação, ou, como se diz as vezes em ciências sociais, do esquema da “construção social da realidade”. Só a segunda concepção, me parece, é suscetível de alimentar a mudança de paradigma da qual é virtualmente portadora a abordagem comunicacional dos fenômenos sociais (QUERÉ, 1991. p. 72).

O modelo praxiológico, como Queré (1991) concebe a comunicação não como um instrumento, atribuindo-lhe um papel organizador da vida social e constitutivo desta. Em vista disso, é um modelo que volta sua atenção também para as ações. Considera a comunicação como um processo de modelagem mútua entre os sujeitos. A partir desta perspectiva se percebe que o fenômeno comunicacional só se torna possível e se concretiza em uma relação de alteridade – eu e outro –, que vai se tecendo durante a interação.

Neste entendimento, compreendemos que os sentidos que querem ser passados tomam forma por meio dos processos comunicativos, o que podemos chamar de

materialidade do simbólico. Os sentidos estão encarnados na ação, a partir da qual nasce algo entre os sujeitos que que leva à construção de um espaço em comum, o que podemos chamar de “entre nós”, que resulta da soma entre o que ali já foi trocado e também a experiência e conhecimento que um tem sobre o outro. O texto de França (2003) traz ainda uma fala de Queré onde o autor elucida o que seria o “entre nós” a partir do chamado terceiro simbolizante, o que aquele clarifica como o polo exterior de um neutro que, não sendo nem por um, nem pelo outro, e ocupando uma posição de referência possível para um e para outro, os conjuga em sua diferença (FRANÇA, 2003. p. 33). Este é parte fundamental do processo comunicativo, pois a partir dele o ciclo comunicativo se reinicia. O retorno do terceiro simbolizante, ou suas conclusões, para os demais indivíduos que fazem parte do “entre nós” tendem a transformá-los e por consequência transforma os diferentes meios por onde ele passa e repete esse processo, sempre retornando de forma diferente para meios que são constantemente influenciados pelas percepções dos indivíduos que o compõem.

Apoiado nesse contexto que é criado do “entre nós” e do terceiro simbolizante é que se dá o ato comunicativo, ambos se influenciam mutua e ciclicamente.

O ato comunicativo faz apelo e se funda na representação do social; projeta-se e faz a experiência de uma exterioridade uma alteridade para, desse movimento, ganhar sua substância histórica singular. Uma realização singular que atualiza e interfere no terceiro simbolizante que o orientou (FRANÇA, 2003. p. 50)

Não mais existe um sujeito que apenas fala, sem o outro, agora ele fala para o outro e não apenas isso, ele fala com intenção de ser respondido e de estabelecer um laço. A comunicação deixa de ser vista como um mero instrumento e passa a ser o que França (2003) chama de lugar de constituição, momento fundador da vida coletiva (FRANÇA, 2003. p. 42). A linguagem como ação e objeto de intencionalidade, e a comunicação constituindo os fatos e organizando a sociedade.

Dessa forma se constroem as relações, por meio das interações que ocorrem naquele meio e, mais do que isso, se cria um ambiente social específico e com muitas peculiaridades, onde os indivíduos cultivam, naquele espaço, o contexto que eles ajudaram a construir, a partir do ato comunicativo entre os indivíduos que habitam aquele lugar.

Recuero (2009) ressalta que a interação no espaço virtual tem suas peculiaridades, especialmente se observarmos em um grupo com milhares de pessoas no

Facebook. Quando a interação se inicia, em um primeiro momento em que se publica uma postagem ou um comentário, quem tomou essa iniciativa não sabe ao certo com quem está falando, pode sim ter uma noção pelo teor geral do grupo, mas certeza de quem vai ser atingido por tal publicação não há. Qualquer uma daquelas quase 950 mil pessoas que integram o LDRV poderá reagir à postagem.

Outra questão é que aquela interação pode permanecer naquele espaço por tempo indeterminado. Haverá reações imediatas, mas também há a possibilidade de essa interação ser resgatada a qualquer momento.

Há multiplicidade de ferramentas que suportam essa interação e o fato de permitirem que a interação permaneça mesmo depois do ator estar desconectado do ciberespaço. Esse fato permite, por exemplo, o aparecimento de interações assíncronas. (RECUERO, 2009. p, 32)

A interação no grupo norteia a relação entre os membros deste, pois a troca de experiências por meio desse contato permite que os membros tomem para si experiências que não são deles, mas que por estarem em situações e meios semelhantes – como a posição de alguém da comunidade LGBTI – haja condições que permitam esse compartilhamento de experiências, por assim dizer. Essa relação muitas vezes se transforma em laços sociais, diversos tipos destes e de diversos níveis de intimidade, mas todos construídos a partir da interação que aconteceu ali no grupo.

Tendo como fonte o pragmatismo, Queré (1991) pensa a comunicação de forma geral como um processo de interação, sendo assim podemos nos basear nessa interpretação e perceber como este fenômeno pode estar presente no grupo observado por esta pesquisa.

A troca de experiências entre uma parcela majoritária do grupo, de membros do LDRV que são LGBTIs, permite que em certas ocasiões o grupo se torne um ambiente com possibilidades de acolhimento, reconhecimento, mobilização, luta e de identificação. Trazendo certa seriedade e empatia ao grupo, mesmo sabendo que, em geral, encontra-se um caráter humorístico e que lida com a maioria dos assuntos que ali ocorrem com sarcasmo e acidez, como eles mesmo se identificam. Constatamos, portanto, que o grupo exprime características de uma comunidade.

Leonor Arfuch (2006) definiu a identificação como um processo que permite reconhecer no outro um pouco do eu, mesmo que de forma contingente e transitória. Giddens (2002) colabora com o nosso entendimento, observando como a identificação ocorre em meio a organização social, reafirmando que ela não é completa e necessita de um contexto, em que traços ou padrões de comportamento do outro que são relevantes

para a resolução ou diminuição dos padrões geradores de uma ânsia por demandas pessoais. São reconhecimentos transitórios ou não, que permitem que entre esses dois indivíduos se crie um laço, mesmo que essa estima seja unilateral a partir daquele que se reconhece.

Howard Rheingold (1993) delinea o que seria uma comunidade virtual como “agregações sociais que emergem da rede quando um número suficiente de pessoas empreende [...] discussões públicas por tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço” (p. 5). Kozinets (2014) utiliza esta definição para nos ajudar a compreender a comunidade formada no grupo, por meio da netnografia. Kozinets (2014) explica minuciosamente todos os aspectos que compõem essa definição<sup>18</sup> – agregações sociais; emergem da rede; discussões e comunicações; número suficiente de pessoas; discussões públicas; por tempo suficiente; suficiente sentimento humano; forma redes de relacionamentos pessoais, das quais partiremos para que possamos compreender como aplicá-los na netnografia do LDRV.

Fundamentados nessa explicação minuciosas do autor, salientamos os três pontos dentre os demais que tem maior relação com a pesquisa que estamos desenvolvendo. Primeiramente é importante saber que estudaremos as relações dentro do grupo como relacionamentos em andamento, aplicando o primeiro ponto trabalhado por Kozinets (2014) o aspecto *por tempo suficiente*, os membros que ali se encontram não o fazem por uma única vez e, ainda que estes não interajam diretamente, indiretamente eles estão frequentemente nos mesmos ambientes, falando dos mesmos assuntos e com as mesmas pessoas. E ainda que o objeto seja uma era<sup>19</sup> do LDRV que já foi encerrada ou arquivada, a maioria dos membros que estavam na era de número onze migrou para as próximas, ou seja, essa situação continua.

O aspecto *suficiente sentimento humano* é o segundo, no qual Kozinets (2014) destaca as questões emocionais como revelações, apoio recíproco e confiança, dentre outros. Esse aspecto foi fundamental para a escolha do recorte desta pesquisa, a forma com que os membros do grupo se envolvem, ou demonstram sentimentos em forma de reações e, principalmente, de comentários, nas questões pessoais de alguns outros integrantes compartilhados no grupo faz com que este seja o ponto crucial desta pesquisa.

---

<sup>18</sup> (KOZINETS, 2014, p. 16)

<sup>19</sup> As eras são as marcas temporais do Grupo Lana Del Ray Vevo, que serão explicadas mais a frente nesta pesquisa.

O último aspecto que destacaremos é sobre *formar redes de relacionamentos pessoais*. Este aspecto valoriza as relações criadas nessa comunidade, dos mais diversos níveis, incluindo os que se estendem para além do contexto online, adentrando outros âmbitos da vida social das pessoas. Este é outro ponto que norteia esta pesquisa, pois ao se comover com as experiências compartilhadas no grupo e tentar agir para que elas tenham um desfecho positivo para o sujeito, uma possível consequência é a aproximação dos indivíduos que se envolvem e se comovem com o contexto em questão, existe também a possibilidade de que se crie uma intimidade e/ou um laço, para que se possa ajudar ou agir da forma que for necessária mais efetivamente. Muitas vezes o que poderia ser apenas uma ajuda momentânea pode vir a ser uma amizade que vai além daquele assunto que os motivou em um primeiro momento. A partir desse contato muitos relacionamentos são criados dentro do LDRV, em diversos níveis. Inclusive, tendo essa experiência pessoalmente, de um momento de desabafo ter culminado em um vínculo de amizade.

Tenciona-se confirmar esta hipótese por meio das entrevistas que serão aplicadas a alguns membros selecionados no *corpus* da pesquisa, ainda que já existam testemunhos dentro do grupo sobre essas relações extra-LDRV.

Kozinets (2014) indica alguns quadros que nos auxiliam a classificar o tipo de participação e de interação nas comunidades virtuais, com categorizações que utilizaremos na análise dos dados desta pesquisa. O primeiro quadro, figura 1, apresenta quatro classificações de participação principais: principiante, que são pessoas que “carecem de fortes vínculos sociais com o grupo, e mantêm apenas um interesse superficial ou passageiro na atividade de consumo em si e têm habilidades e conhecimentos relativamente fracos.” (KOZINETZ, 2014, p. 37); socializador, que são “os fraternizadores dessas comunidades, pessoas que mantêm fortes laços pessoais com muitos membros da comunidade, mas que têm um interesse ou atração apenas superficial pela principal atividade de consumo.” (Idem, p. 37 -38); devoto, que são os que “têm vínculos sociais relativamente fracos com os membros da comunidade, mas mantêm um interesse focal e entusiasmo pela atividade de consumo da comunidade, assim como conjuntos refinados de habilidades e conhecimentos.” (KOZINETZ, 2014, p. 38); confiante, que são aqueles que têm fortes laços sociais com a comunidade, assim como profunda identificação, aptidão e compreensão da atividade de consumo essencial.” (Idem) – e o segundo quadro, figura 2, traz quatro classificações de interação nas comunidades: a primeira delas é a de aventura:

Reuniões online, que são conhecidas por suas relações mais fracas e pela pouca importância de qualquer tipo de atividade de consumo, poderiam ser conhecidas como comunidades de aventura. [...] Elas satisfariam as necessidades 'relacionais' e 'recreativas' que atraem as pessoas às comunidades online. (KOZINETTS, 2014, p. 38)

Logo após, o autor conceitua as interações de vinculação:

Locais online que apresentam e criam laços sociais muito fortes entre os membros, resultando em relacionamentos profundos e duradouros, mas cujos membros não estão particularmente focados em um comportamento de consumo comum ou unificador, poderiam ser chamadas de comunidades de vinculação. [...] atenderiam basicamente as necessidades relacionais de seus membros (IDEM)

Após isso, Kozinets (2014) apresenta a classificação dos geeks:

Um terceiro tipo de comunidade eletrônica seria as de reuniões online onde o compartilhamento de informações, notícias, histórias e técnicas sobre uma determinada atividade é a razão de ser da comunidade. [...] Os modos de interação nessas comunidades são predominantemente informacionais. (KOZINETTS, 2014, p. 40)

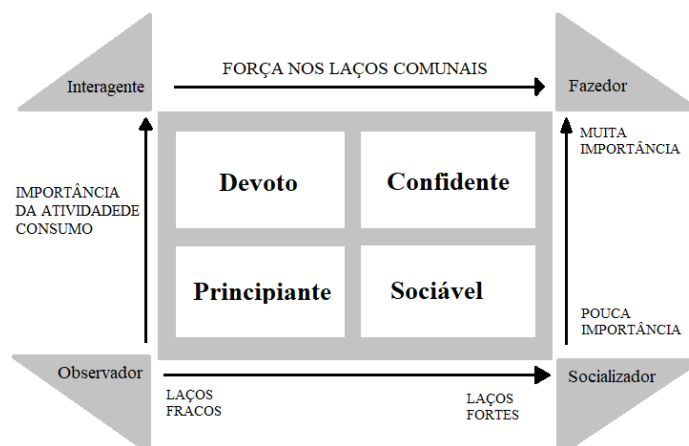
E por fim o tipo de interação de construção:

[...] Temos as reuniões que oferecem tanto um forte senso de comunidade como informações detalhadas e inteligentes sobre uma atividade ou interesse central unificador. [...] O modo de interação nesses tipos de comunidades é informacional assim como relacional. (IDEM)

E ambos têm como principais fundamentos para a classificação os laços criados e a atividade de consumo na comunidade, consumo no sentido de consumir o conteúdo e não necessariamente um produto, por exemplo, jogar um jogo quando a proposta da comunidade virtual for esse.

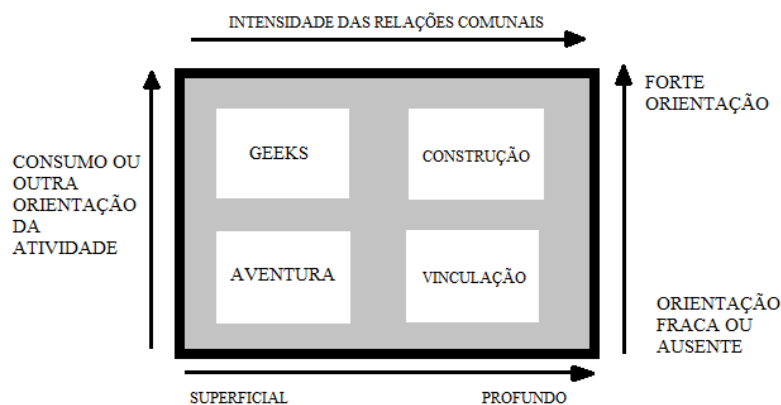
Figura 1: Tipos de participação em comunidades online





Fonte: KOZINETTS, 2014, p. 38

Figura 2: Tipos de interação em comunidades online



Fonte: KOZINETTS, 2014, p. 40

A forma com que cada integrante atua dentro do grupo Lana Del Ray Vevo reflete na sua classificação e no sentimento de pertencimento de cada um desses membros em relação ao grupo. Faremos a referência a cada categoria que Kozinets (2014) propõe. De acordo com a figura 1, não podemos afirmar que um *observador* tenha um laço de pertencimento muito grande com o grupo, pois o indivíduo não atua diretamente nele e assim tem laços fracos ou não os tem. Esta categoria está diretamente ligada a outra, a de *principiante*, pois os dois possuem um laço fraco com o grupo e uma baixa taxa de consumo do conteúdo do mesmo, a diferença entre eles é que o *observador* está um pouco mais distante, é como se fosse o usuário do Facebook que sabe da existência do grupo, segue a página homônima e segue o grupo no Instagram, assim está ciente do conteúdo do grupo, mas não tem laços, pois não o integra de fato. Ao passo que este indivíduo for

adicionado ao grupo e ainda não interaja com ele, mas acompanhe sua movimentação, ele se torna um *principiante*.

Outra categoria seria a dos *sociáveis*, aqueles que estão no grupo e tem muitos amigos naquele espaço, por isso se familiarizam com o ambiente, entretanto não participam ativamente do grupo e nem consomem muito o seu conteúdo, é como se estivesse nele para estar integrado com os seus e invertendo essas condições teremos os *devotos* que não tem muitos laços com membros do grupo, porém tem um grande interesse no ambiente e nos conteúdos que ali são produzidos. Esta categoria, também tem tendências a evoluir, pois a partir do momento que há um consumo dos conteúdos, enseja-se uma participação no grupo e com o tempo, a interação entre membros vai acontecendo.

Ainda temos a categoria dos *confidentes*, que são aqueles membros que já criaram muitos vínculos no LDRV, o maior nível de laços com o grupo, e que consomem cotidianamente o seu conteúdo, são aqueles que respondem todas as publicações possíveis, marcam amigos e respondem os comentários dos amigos, com um nível de interação grande, estes também são aqueles que publicam com certa frequência no grupo, mas que nem sempre viram *tour*, tem mais audiência daqueles com quem se relaciona. Em condições semelhantes a esta estão os *fazedores*, são aqueles que além dos laços que criaram com o grupo, desenvolveram muito suas conexões com o grupo de forma geral, são aqueles que movimentam o grupo, que publicam e tem grande visibilidade. Poderíamos citar como exemplo o próprio dono do LDRV, Kaerre Neto, as publicações feitas por ele tem grande engajamento por parte do grupo. Assim como ele, a maioria dos moderadores e administradores do grupo entram nesta categoria, mas não somente eles, alguns integrantes do LDRV têm esse potencial também, mais à frente falaremos de dois deles, a Lana Almeida e o Erisvando Gomes, que também se incluem nessa categoria.

A categoria *interagente* reflete os membros que estão ali pelos conteúdos que ocorrem no grupo, mas não tem muito interesse em construir laços, são membros remanescentes de comunidades semelhantes. Colocaríamos nessa categoria aqueles membro que só estão no grupo pelo humor, geralmente esses integrantes participam de outros grupos que possuem teor humorístico e o LDRV é mais um. Invertendo essas condições obtemos a categoria dos *socializadores*, que estão no grupo mais pelo contato com os membros do que pelo conteúdo dele em si, são aquelas pessoas que entram no grupo em busca de novas relações, pessoas que estão nas redes sociais, de forma geral, com o objetivo de fazer novas amizades.

Concluímos, portanto, que as categorias *confidente* e *sociável* têm mais possibilidades de ter esse sentimento de pertença mais forte, essa condição se dá porque eles têm um forte laço com a comunidade e provavelmente uma maior necessidade de estar lá e fazer-se presente por algum motivo específico.

Com relação à categorização da comunidade em si, diríamos que o Lana Del Ray Vevo se enquadra em duas, as comunidades de *aventura* e a de *vinculação*. A primeira levando em consideração a temática humorística do grupo, onde alguns membros estão naquele ambiente apenas para distração e recreação, que representa uma grande parcela daqueles que integram o LDRV. Com relação à categoria de comunidade de vinculação, trazemos o LDRV para a temática da nossa pesquisa, a comunidade LGBTI que está fortemente presente no grupo para que sejam atendidas as suas necessidades relacionais e sociais a partir dos membros que ali estão e da representatividade que eles constroem juntos. No caso desta pesquisa, observaremos os indivíduos que buscam o acolhimento no LDRV por fazerem parte de uma grande comunidade social, LGBTI, que possui uma intensa demanda e nem sempre encontra espaço na vida social para se expressar.

### **2.3 – LANA DEL RAY VEVO: UM AMBIENTE DE ENCONTROS, COMPARTILHAMENTO E ACOLHIMENTO**

O Grupo<sup>20</sup> Lana Del Ray Vevo nasceu em 2013, criado por Ananias Neto, conhecido no grupo como Kaerre. Por conta de um problema em seu notebook o dono do grupo precisou criar um grupo secreto no Facebook, com o intuito de reunir as pessoas que curtiam a página de humor e cultura pop alternativa Lana Del Ray Vevo<sup>21</sup>, homônima do grupo LDRV, para que pudessem criar conteúdo para ser postado na página de humor enquanto Kaerre estivesse impossibilitado de criar e postar. Entretanto a interação dos membros iniciais do grupo trouxe novas demandas e assuntos, fez com que o grupo fosse se modificando a partir dessas temáticas trazidas pelos integrantes. Depois disso o LDRV começou a crescer de forma gradual, alguns integrantes iniciais convidavam outros usuários do Facebook, e o grupo passou a obter um maior número de membros e, aos

---

<sup>20</sup> Descrição dada pela própria rede social para a ferramenta “grupos”. Disponível em: [https://www.facebook.com/help/1629740080681586/?helpref=hc\\_fnav](https://www.facebook.com/help/1629740080681586/?helpref=hc_fnav) Acesso em 20 de julho de 2018

<sup>21</sup> Página criada em agosto de 2013 com o intuito de gerar conteúdo que mistura humor e cultura pop. No item *Sobre* da página ela está com a seguinte descrição: “Deboche, insânia, e, sobretudo, a intoxicação que funde arte com cultura pop de forma controversa mas não pretenciosa.” Endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/lanadelrayvevo/>

poucos, se tornando mais popular, ao ponto de alcançar mais de um milhão de membros no auge de sua 11ª versão.

O critério de aceite no grupo, desde o seu início é a indicação por um membro que já esteja no grupo, ou seja não é possível solicitar a entrada, o usuário do Facebook precisa ser convidado. Não são aceitos perfis falsos, os chamados *fakes*, por não serem confiáveis, e a função de averiguar a veracidade dos perfis é dos administradores e moderadores que devem fazer essa sondagem antes de aceitar o usuário no grupo. Por conta desse critério de aceite, o grupo foi criando ares de uma comunidade e por ter pessoas LGBTI como uma quantidade majoritária dos membros, o grupo tendeu a agregar mais pessoas semelhantes, pois elas formavam o círculo social dos membros até então.

A partir desse momento, os conteúdos postados passaram a ter um tom mais informal, entre posts descontraídos sobre divas pop e desabafos sobre o cotidiano difícil daqueles que integram a comunidade LGBTI. Desde então, o grupo ganhou novos contornos, voltando-se com maior ênfase a temáticas LGBTIs, em que as pessoas passaram a se manifestar por vezes em tom mais confidencial, buscando acolhimento para suas questões e dilemas. Transformou-se, atualmente, em um grupo onde as pessoas compartilham seus interesses, se divertem, geram atritos, algumas banalidades, situações cotidianas, às vezes desabafam, contam histórias de todo teor, se distraem e muitos se sentem acolhidos para tratar de temas íntimos, apenas para compartilhar como um desafogo ou em busca de conforto e ajuda.

A vida do grupo não é medida em um tempo comum e sim em “eras”. São doze, desde sua criação, isso quer dizer que o grupo LDRV não é apenas um grupo, são doze grupos, mas todos provenientes do mesmo, com o mesmo dono e todo o contexto do LDRV. Kaerre explica, em entrevista concedida para esta pesquisa<sup>22</sup>, que as “eras” foram criadas porque o número de membros crescia demasiadamente e não era possível controlar e administrar. Dada a situação, desde sua primeira versão os administradores arquivavam a era que estava com muitos participantes e criavam um novo grupo ou, como chamam os integrantes, uma nova “era” do início. Os administradores adicionavam alguns membros, geralmente os conhecidos ou mais próximos desde o início do grupo, e a partir deles os convites iam se espalhando. Atualmente a era de número doze está ativa, inicialmente chamada de Éden, a versão do grupo hoje se chama LDRV DISK ME, fazendo referência à uma música da drag queen e cantora Pablló Vittar<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> Entrevista concedida à pesquisa em agosto de 2017

<sup>23</sup> Disk me, lançada em outubro de 2018

Entretanto, em janeiro de 2017 uma publicação do grupo vazou<sup>24</sup> e tomou grande proporção em toda a rede social, chegando a ser noticiada em alguns portais de notícia bastante conhecidos como G1, R7 e papel pop. Os posts do grupo que têm bastante interação e ganham grande proporção são chamadas de *tour*, e a “tour do cofre”<sup>25</sup>, como foi chamada a publicação que ganhou grande repercussão inicialmente dentro do grupo e ultrapassando a seguir suas fronteiras. Este fato acabou por atrair a atenção de muitos usuários do Facebook para o Grupo LDRV.

Com esse acontecimento, o grupo ganhou muita visibilidade, o que levou a se multiplicar o número de seus integrantes. Se antes, era em sua maioria, composto por pessoas LGBTI, após o acontecimento a sua composição se tornou ainda mais híbrida, com o entrelaçamento de identidades. A enorme popularidade do grupo fez com que as demandas mais específicas da comunidade LGBTI diminuíssem a frequência das publicações mais pessoais no *feed*, ainda que continuem a existir, dando lugar a milhares de publicações sobre temas banais do cotidiano, como preferência por tipo de comida, destinos de viagens mais desejados, entre outros.

Após muitas reclamações por parte dos membros mais antigos, um novo grupo chamado de Éden LDRV foi criado, mas não ficou ativo por muito tempo, e logo os administradores reativaram a penúltima e mais popular era existente – a de número onze nomeada de *Lust for LDRV* –, porque o Facebook acabou bloqueando a nova era, por conta da grande demanda de solicitações para entrar no grupo, e então eles preferiram voltar atrás a criar mais uma. Apesar de ter acontecido esse retorno à era 11 do LDRV, os administradores e moderadores não conseguiam manter o controle sobre ela, pois o número de membros beirava um milhão. Por conta disso, no dia 29 de maio, um dos administradores do grupo, Bruno Zampieri, fez uma enquete no *Lust for LDRV* com a seguinte questão “Você é a favor da volta do Éden?”<sup>26</sup>, com as seguintes opções: Volta o Éden; Fica só o no Lust for LDRV; Ativa os dois. Venceu a primeira opção com cerca de 2.300 votos dos integrantes que votaram.

---

<sup>24</sup> Ganhou conhecimento externo ao grupo.

<sup>25</sup> Publicação criada por um integrante do grupo, em janeiro de 2017, onde ele narrava que a mãe havia chamado ele e o irmão para ir até outra cidade, onde os pais moravam, para que o mistério de um cofre, guardado pela família desde a sua infância, fosse revelado. O mistério foi revelado alguns dias depois, após toda a repercussão, e se tratava de uma metáfora que a mãe do integrante usou para dizer que sabia da homossexualidade dele.

<sup>26</sup> Enquete publicada no grupo no dia 29 de maio de 2018. Link: << <https://www.facebook.com/groups/LANADELRAYVEVO11/permalink/5261409803880653/> >> (Por ser um grupo que tem configuração secreto e a era estar arquivada, o link apresentado não está disponível para quem não fazia parte do grupo) Acesso em 13 de agosto de 2018

No dia 3 de junho de 2018, o mesmo administrador, Bruno Zampieri, anunciou<sup>27</sup> a reativação da era de número 12, até então nominada de Éden, para o dia seguinte. Bruno justificou, no post, o motivo do retorno da era de número 12:

O motivo da volta é o mesmo de sempre né, esse aqui tem muito intruso, muita gente que posta coisas que a gente já pediu MIL vezes pra não postar e a quantidade de posts lixo estão cada dia maiores, os moderadores não conseguem mais limpar tudo. Vamos recomeçar no outro grupo que é menor e mais fácil de limpar a bagunça e as **gays são mais unidas** e menos farofeiras. (Bruno Zampieri, 2018)<sup>28</sup>

Na mesma publicação, o administrador do grupo também faz um pedido aos membros:

Antes de tudo queremos uma colaboração, precisamos da ajuda de vocês pra denunciar os conteúdos repetitivos e maçantes que as *farofeiras*<sup>29</sup> postam quando o grupo for reaberto. Não dá pra reclamar das coisas e não ajudar né amores! Existe uma opção de denunciar aos administradores e queremos que vocês comecem a usar isso porque a gente tá de olho nos posts denunciados. (Bruno Zampieri, 2018)

O administrador ampara sua proposta nos motivos que são de acordo com as solicitações que vinham sendo feitas pela maioria dos membros veteranos no grupo. É desses membros veteranos que entendem a essência do grupo que Bruno se refere quando fala “as gays são mais unidas”. O administrador chegou a fazer uma publicação<sup>30</sup> em que exemplificou os tipos de postagens que eram mais recorrentes e ameaçou os membros que criavam essas publicações.

Se você vem pra esse grupo postar print de conversa sem graça com o seu amigo no whatsapp, amor ou ranço, posts sobre EX, posts sobre relacionamento (O MAIS INSUPORTÁVEL), de 0 a 10, correntes e etc. Não reclame se um dia o Éden for reativado, você nunca vai entrar. E nem adianta ir no reclama LDRV chorar as pitangas se você ajuda a estragar o lust for ldrv. (Bruno Zampieri, 2018)

Em uma visão mais generalizada do grupo, o vemos como um lugar onde milhares de usuários do Facebook se encontram em busca de humor. Entretanto, dentre esses milhares de indivíduos, existem aqueles que almejam algo além, que perseguem um

<sup>27</sup> Publicação disponível em: << <https://www.facebook.com/groups/LANADELRAYVEVO11/permalink/5296696820351951/> >> Acesso em 13 de agosto de 2018

<sup>28</sup> Grifo da autora, com destaque para a relação da publicação de Bruno com o tema da pesquisa.

<sup>29</sup> Consultar glossário.

<sup>30</sup> Publicação disponível em: << <https://www.facebook.com/groups/LANADELRAYVEVO11/permalink/4888680237820280/> >> Acesso em: 17 de janeiro de 2019

lugar de identificação por uma das principais características do grupo, destacado por Kaerre na entrevista concedida à autora, que é a busca de um local com maior atenção para o público LGBTI.

Com um espaço dedicado majoritariamente a essa comunidade, percebemos que as demandas aparecem mais nas postagens e os demais indivíduos integrantes da comunidade LGBTI que estão presentes no grupo, também passam a se manifestar com maior frequência, nas mais diversas situações. Inclusive em situações de pedidos de ajuda e desabafo – como quando membros pediam ajuda por terem assumido sua sexualidade para a família e se viam expulsos de casa, necessitando ser abrigados e os demais membros se sensibilizavam e procuravam formas para acolher, no sentido de abrigar, mesmo sendo de outras cidades ou estados do Brasil, mobilizavam-se até conseguir se certificar de que aquela pessoa estava em uma situação segura. Foram muitas as situações desse tipo presenciadas por mim como integrante do grupo, o que me fez perceber como aquela comunidade virtual, em especial, tinha/tem influência fora do ambiente da rede social online e agia/age ativamente, quando necessário, na vida dos seus membros em diversos âmbitos, transbordando para fora do espaço virtual.

Podemos observar que o ambiente construído baseado nas identificações e representatividades que ali se encontram permite que pessoas LGBTIs se sintam confortáveis para contar as situações pelas quais passam por partilharem essa conjuntura, por estarem constantemente em contato com temas, demandas, ambientes de forma geral, em que se sobressai a performatividade do indivíduo LGBTI. A linguagem usada majoritariamente no grupo demonstra isso, com bordões e *memes*<sup>31</sup> que envolvem as personas de LGBTIs ou de pessoas com grande capital social que apoiam a causa. O grupo possui um vocabulário peculiar e gírias próprias. A criação e uso de *memes* muito populares e o vocabulário singular fizeram com que o grupo se tornasse muito famoso em outras redes e até por alguns portais. O site Vice, por exemplo, elegeu o LDRV como “a espinha dorsal do Brasil memético”<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> Memes são imagens ou expressões que viralizam nas redes sociais por representar algo ou alguém com grande importância ou que simplesmente representam algo engraçado e que vários indivíduos encontram brechas nas mais diversas situações para encaixá-los. São usados para potencializar a intenção dada em um comentário, publicação ou demais modalidade de interação. “Ressalte-se que a propagação dos memes é cíclica e nem sempre implica a reprodução fiel da ideia original. Ao contrário, as mudanças e transformações são frequentes e comparadas, em sua abordagem, às mutações genéticas: essenciais para a sobrevivência do meme.” (RECUERO, 2009. p. 124)

<sup>32</sup> Disponível em: <<[https://www.vice.com/pt\\_br/article/kz3dz9/como-o-ldrv-se-tornou-a-espinha-dorsal-do-brasil-memetico](https://www.vice.com/pt_br/article/kz3dz9/como-o-ldrv-se-tornou-a-espinha-dorsal-do-brasil-memetico)>> Acesso em 19 de dezembro de 2017

A linguagem utilizada inclui expressões de tribos – fãs de pop, k-pop, funk e outros ritmos musicais possuem algumas expressões próprias, além dessas tribos, existem os fãs de séries ou filmes, diversos vocabulários englobados –, sotaques, imagens e emojis, além das reações dentro do próprio facebook, são o que Kozinets (2014) chama de indicadores de afeição, afiliação e outros elementos esclarecedores da comunicação. Estes aproximam a comunicação mediada por computadores da comunicação face a face, mesmo que a primeira tenha tido esse ponto colocado em discussão dentre os primeiros estudiosos das comunidades online, notou-se que esses ambientes sociais antes julgados como empobrecidos e magros demonstraram-se detalhados e pessoalmente enriquecedores (KOZINETTS, 2014).

Kozinets (2014) assinala que a tecnologia constantemente molda e remodela nossos corpos, nossos lugares e nossas identidades, sendo também moldada para as nossas necessidades (KOZINETTS, 2014. p. 28). No caso das pessoas que fazem parte do grupo, pode-se perceber que fazem daquele um ambiente em que suas interações constroem um espaço onde se busca ajuda, escape, acolhimento e apoio. Para Braga (2008) esse encontro de pessoas com os mesmos interesses já é bastante significativo:

[...] o fato de se sentirem sociados provoca satisfação em seus membros, a formação daquela sociedade como tal é em si um valor. O puro processo de sociação, a forma desse processo é, assim, um valor estético socialmente apreciado. (BRAGA, 2008. p. 69)

Entende-se que a criação de um espaço onde as necessidades e demandas sociais estão compartilhadas entre os indivíduos que ali circulam, despertam um sentimento de pertencimento neles. É uma das características percebidas no LDRV e que possivelmente favorece os interlocutores desta pesquisa a contarem suas histórias, observando de forma hipotética. Em alguns momentos, ainda apenas como participante do grupo, foi possível perceber onde a temática se volta para assuntos mais sensíveis, como em uma publicação que um membro relata sofrer preconceito por ser negro e por ser gay. O ambiente do grupo traz assuntos, linguagem e pessoas as quais contribuem para que o clima do grupo seja propício aos testemunhos e desabafos.

Tão comodamente que os assuntos pessoais, cotidianos, de diversos âmbitos e espaços da vida são levados a ele, com a finalidade de serem compartilhados, empaticamente comentados e, se necessário, solucionados. Braga (2008), inspirada por Simmel, lembra que para que essa sociabilidade se mantenha é necessário que certos conteúdos sejam banidos, no caso do LDRV as discussões sobre política, gatilhos sobre



abusos e religião<sup>33</sup> foram banidas, pois publicações que traziam essas temáticas causavam muitos conflitos e, assim como a autora aponta, desestruturavam a harmonia entre os participantes (BRAGA, 2008).

Precisamos enfatizar que nem sempre a postura dos membros às postagens é receptiva, por vezes os integrantes do grupo reagiram de forma repulsiva a algumas publicações, sendo por não gostarem do conteúdo ou da pessoa que postou. Um exemplo recorrente no grupo é com relação às postagens feitas por Lana Almeida<sup>34</sup>, ela é a única pessoa que tem liberdade para postar o que quiser no grupo, relatos sexuais detalhados, desabafos e todo tipo de experiências pessoais são compartilhados por ela, incluindo selfies<sup>35</sup> o que é expressamente proibido a qualquer outro membro do grupo, ela é a exceção da regra. Essa liberdade dada a Lana é incompreendida por muitos integrantes, principalmente os mais novos no LDRV, que questionam e até se revoltam.

É comum vermos nas postagem dela um embate entre os que gostam e os que reclamam, a exemplo da imagem abaixo (imagem x) que mostra os comentários da publicação onde a Lana compartilhou sua nova tatuagem.

Figura 3: Print Screen dos comentários da postagem feita por Lana Almeida no LDRV

---

<sup>33</sup> Retirados do Manual do Membro do LDRV em 09 de março de 2018.

<sup>34</sup> Mais à frente, durante a pesquisa, será possível entender quem é essa personalidade do grupo LDRV.

<sup>35</sup> Fotos de si mesma.



Fonte: site Facebook

As pessoas responsáveis por evitar esses conflitos são os administradores e moderadores do grupo. Eles estão um patamar acima dos membros, na hierarquia do grupo, e são essenciais para manter o funcionamento e a ordem. São eles que autorizam a entrada dos usuários no grupo e que também punem os que descumprem as regras de acordo com a gravidade da situação. Essas pessoas são responsáveis por evitar os conflitos dentro do LDRV, além da vigilância, eles tem a ajuda dos próprios membros que auxiliam nessa vigilância fazendo denúncias. No caso da hierarquia e funções delegadas no grupo podemos observar a atuação de 58 moderadores e cinco administradores com base na autoridade conquistada no grupo.

Raquel Recuero (2009) colabora com nosso estudo facilitando nosso entendimento quanto a autoridade que se cria nas redes sociais online:

É uma medida da efetiva influência de um ator com relação à sua rede, juntamente com a percepção dos demais atores da reputação dele. Autoridade, portanto, compreende também reputação, mas não se resume a ela. (RECUERO, 2009. p. 113)

Para manter a ordem do grupo, foram estabelecidas algumas regras de convívio e o descumprimento gera punições – silenciamento, remoção do grupo ou banimento. Elas foram criadas desde o início do LDRV e, segundo Kaerre Neto, não houve grandes modificações, apenas adaptações de acordo com o que os próprios membros solicitavam. E para que as regras sejam seguidas, os moderadores e administradores do grupo recebem denúncias dos próprios integrantes do grupo.

Para boa convivência é necessário o respeito com a diversidade de pessoas que entram neste grupo, portanto não serão admitidas quaisquer conteúdos ofensivos AOS MEMBROS tentando rebaixar características como: Peso, Gênero, Raça e Sexualidade. (Grupo LDRV, 2017)

O manual do membro do LDRV foi criado pelos próprios administradores, podendo ter as regras modificadas sempre que eles acharem necessário. Elas são uma forma de controlar os conteúdos produzidos no grupo, afim de evitar brigas ou discussões e, segundo Kaerre, também com o objetivo de manter o clima descontraído, evitando problematizações e debates sobre assuntos mais sérios, além de prevenir que alguns assuntos fiquem saturados. O Manual do membro do LDRV<sup>36</sup> diz:

- *“São proibidas a criação de posts contendo politicagem, ativismo, tragédias, abusos, substâncias ilícitas e qualquer problematização que influi o meio social em questões de direitos humanos.”* – Esta regra visa preservar o cunho humorístico do grupo, segundo os administradores.
- *“Não é permitido vazar ou ameaçar vazar conteúdo do grupo para fora dele bem como intimidar membros conterrâneos por conta de seus comentários.”* – Esta regra objetiva evitar que as publicações feitas no grupo sejam usadas como ameaça ou algum tipo de julgamento moral contra seus membros. Nesta regra também há o aviso de que, a partir do momento em que se faz uma publicação no grupo, ela está sujeita a aparecer na página de humor que gerou o LDRV, entretanto com a identidade preservada de acordo com o que o integrante permitir. Um adendo sobre esta regra é que, com a criação de perfis do grupo em outras redes sociais, como Twitter e Instagram, o aviso sobre a condição de publicação no grupo se estende para estas outras redes sociais.

---

<sup>36</sup> As regras estão na descrição do LDRV, entretanto não podem ser acessadas por pessoas que não integram o grupo, pois a configuração dele é secreto. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/grupo-ldrv/manual-do-membro-20171/1480127545342250> Acesso em 02 de maio de 2018.

- “*Proibido floodar o grupo.*” – Esta regra tem por objetivo evitar que muitas publicações repetidas ou de temas muito semelhantes encham o grupo e acabem por tomar o espaço de publicações diferentes e até mais importantes no *feed* do grupo e dos participantes dele.
- “*Proibido perfis fakes (falsos)*” – Essa regra explica-se por si só, perfis falsos não são aceitos no grupo, mas se por um erro o perfil for adicionado e for pego, a punição de expulsão do grupo não será aplicada apenas ao perfil, tal como será expulso o perfil que indicou o grupo ao perfil falso.
- “*Proibido selfie tour*” – Esta regra proíbe publicações que visem apenas a postagem de fotos sem um contexto engraçado ou para evidenciar uma história que pode ser verdadeira ou *fanfic*. Esta regra possui exceções, além das condições anteriormente citadas, que são: Drag Queens podem fazer *selfie tour* com o intuito de divulgar seu trabalho; Se o integrante que fizer a publicação for a Lana Almeida ou o Erisvando Gomes, eles são os únicos membros do LDRV autorizados a postarem fotos sem contexto no grupo, mas falaremos mais à frente sobre eles.
- “*Proibido postar/comentar nudez, pornografia, imagens de cunho perturbador, spoilers e qualquer coisa que venha incentivar direta ou indiretamente a saúde >>>física<<< do membro.*” – Esta regra proíbe postagens de cunho perturbador, que é considerado qualquer conteúdo que viole os padrões de comunidade do Facebook<sup>37</sup>; *spoilers* – porém só serão consideradas *spoilers*, informações sobre acontecimentos com mais de um ano. No caso de *spoilers*, nudez/pornografia ou conteúdos considerados *gore*, a publicação pode ser feita, desde que com um alerta e sem miniatura – imagem com prévia do conteúdo.
- “*Proibido divulgar redes sociais, páginas e eventos ou projetos com fins lucrativos.*” – A regra é autoexplicativa, nela também há a proibição de divulgação de outras páginas ou grupos de WhatsApp, mesmo que sem fins lucrativos. A exceção para essa regra são campanhas de doações e vaquinhas, mas “*desde que sejam para cessar necessidades básicas para pessoas trans, casos de doenças fatais em humanos ou para ajudar ongs carentes que ajudam*”

<sup>37</sup> Padrões de comunidade do Facebook. Disponível em: << <https://www.facebook.com/communitystandards/> >> Acesso em 13 de agosto de 2018

*animais*”. Neste tópico também é liberada a divulgação de trabalhos acadêmicos sem fins lucrativos, bem como campanhas para a visibilidade dos mesmos.

- “*Para boa convivência é necessário o respeito com a diversidade de pessoas que entram neste grupo, portanto não serão admitidas quaisquer conteúdo ofensivo aos membros tentando rebaixar características como: Peso, Gênero, Raça e Sexualidade.*” – Esta é a regra principal do Lana Del Ray Vevo e proíbe todo e qualquer tipo de discriminação.

Dessa forma, podemos observar como os conceitos e teorias trabalhados anteriormente apontam favoravelmente para a construção dessa interação, que não apenas se dá por afinidades banais, mas também em busca de reconhecimento e identificação de cunho social e moral. Onde laços podem ser criados a partir das necessidades em comum que esses indivíduos têm e que, em um espaço comum, possam tecer um espaço de resistência. Há possibilidade de grande parte dos membros do LDRV se sentir dessa forma, consideraremos a importância social que o grupo tem para seus membros, como símbolo de luta e força, e para a sociedade.

## **2.4 – O LANA COMO PALCO, OU ESPAÇO PERFORMÁTICO, PARA A REPRESENTATIVIDADE LGBTI**

A busca por acolhimento em espaços dentro de uma sociedade que, de modo geral, ainda é bastante preconceituosa e limita os direitos das pessoas que compõem a comunidade LGBTI foi essencial para que delimitássemos o enfoque da pesquisa e assim pudéssemos definir os recortes desta. O *corpus* selecionado para a pesquisa foi a era de número onze do grupo, pois é uma era que já foi arquivada e pelo fato de não ter mais publicações sendo feitas nessa versão do grupo, fica mais seguro transitar e buscar os posts relativos ao recorte feito sem que outras publicações entrem aleatoriamente e possam gerar inconsistências na pesquisa.

A era onze, chamada de LUST FOR LDRV, estava ativa desde o final do ano de 2015 e durante esse período milhares de postagens foram feitas no grupo. Dentre estas, algumas chamaram a atenção pelo seu conteúdo, que possuía um acontecimento em comum: a revelação da posição LGBTI de alguém, seja para familiares ou em outros âmbitos da vida social. As publicações variavam entre a felicidade de ter sido aceito no seio familiar e a frustração por conta da rejeição e as consequências, muitas vezes graves, desta rejeição.

Inegavelmente, retomando a Eve Sedgwick (2007), o “armário” ou o “segredo aberto” é um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas e, a despeito do sentimento de potência adquirido por essa comunidade desde o marco de Stonewall, em junho de 1969<sup>38</sup>, com a promessa da auto-revelação gay, a epistemologia do armário está longe de ser um regime superado de conhecimento, segundo a autora, já que “o reino do segredo revelado foi escassamente afetado por Stonewall” (idem. p. 21). A rigor, ela acredita que, em certo sentido, deu-se o oposto.

Para as antenas finas da atenção pública, o frescor de cada drama de revelação gay (especialmente involuntária) parece algo ainda mais acentuado em surpresa e prazer, ao invés de envelhecido, pela atmosfera cada vez mais intensa das articulações públicas do (e sobre o) amor que é famoso por não ousar dizer seu nome. Uma estrutura narrativa tão elástica e produtiva não afrouxará facilmente seu controle sobre importantes formas de significação social (SEDGWICK, 2007, p. 21).

Mesmo quando pessoas gays assumidas têm a chance de ser bem acolhidas pelas suas comunidades imediatas, o armário sempre se impõe como uma presença formadora, argumenta Sedgwick, que as acompanha, se desloca e se ergue como um muro em volta dos gays quando se veem expostos a novos âmbitos de interação na vida social, a exigir deles “novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição” (2007, p. 22). Trazendo um exemplo que surge a partir dos resultados da pesquisa, observamos essa circunstância acontecer quando é relatado o incômodo de alguns integrantes do LDRV a partir da popularização do grupo e a conseqüente presença de muitas pessoas do contexto social extra grupo, que não tinham acesso à algumas informações pessoais de alguns membros. Os colocando, muitas vezes, em um novo armário, mesmo se tratando de um ambiente com o qual aquele indivíduo já partilhava intimidades. Portanto, o gesto da revelação, a “saída do armário”, reveste-se de grande importância e envolve um risco subjetivo marcante e profundo na vida dos autores da revelação.

---

<sup>38</sup> O violento embate ocorrido no dia 28 de junho de 1969 entre policiais e frequentadores do bar Stonewall-Inn, em Nova Iorque, acabou por se tornar um marco na história das lutas e do ativismo LGBTI, razão pela qual esta é a data em que se comemora o Dia do Orgulho Gay no mundo inteiro. O bar era frequentado por gays, lésbicas e travestis. Como já era habitual, os policiais naquela noite fizeram mais uma investida para importunar o público frequentador do bar. A novidade é que os frequentadores resolveram resistir e enfrentaram os policiais em um longo embate que acuou os policiais. O episódio, que se desdobrou nos dias que se seguiram, acabou por levar à decisão do Presidente da Câmara de acabar com a violência policial, conquista importante que se tornou um marco nessa luta. Ver mais em: <https://www.esquerda.net/dossier/batalha-de-stonewall-marco-do-movimento-lgbt/17046> .

A autora atenta para um fato que muitas vezes ocorre pouco tempo antes da saída do armário de alguém, é o que ela chama de “armário de vidro” (SEDGWICK, 2007. p, 38) que seria aquela situação de achismo de outra pessoa que acaba pressionando o sujeito a revelar sua situação, sujeitando esse LGBTI a situações constrangedoras, piadas ou xingamentos que o atinjam em sua classe, para que a curiosidade alheia seja sanada. Sedgwick explica

Em muitas relações, senão na maioria delas, assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam, que já estavam no ar por algum tempo e que já tinham estabelecido seus circuitos de força de silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade. Afinal, a posição daqueles que pensam que sabem algo sobre alguém que pode não sabê-lo é uma posição excitada e de poder – seja que o que pensem que esse alguém não saiba que é homossexual, ou meramente que conheçam o suposto segredo desse alguém. (SEDGWICK, 2007. p, 38)

Silva Filho (2012) compreende que diante de situações dessa natureza a pessoa que sabe ou acha que sabe antecipadamente sobre a condição do outro sempre deterá certo poder sobre a sexualidade dele, podendo partir do insulto, mas também da manipulação desse segredo, a partir de brincadeiras que visem uma saída ostensiva e forçada desse armário (SILVA FILHO, 2012. p, 120). Em vista da singularidade deste momento na vida de sujeitos da comunidade LGTBI em geral e particularmente na vida dos participantes do grupo LDRV é que o escolhemos como recorte para as observações da pesquisa.

Partimos da ideia de que os membros que ali estão, familiarizam-se com o ambiente a partir das interações que fazem que muitas vezes resultam na criação de laços. Para Goffman (1985), interação pode ser definida como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata (p. 23), mas no caso desta pesquisa, supomos que o contato virtual nos tempos atuais se aproxima do que seja uma presença imediata, porém ela não é física, mas com os efeitos semelhantes, pela nossa perspectiva.

O grupo é formado majoritariamente por pessoas LGBTIs, o conteúdo produzido pelos administradores e boa parte do grupo – não é possível precisar números em vista grande quantidade de publicações feitas diariamente – é voltado para esse público, ainda que esta não seja oficialmente a sua temática primordial. A finalidade inicial do grupo, falar sobre o universo de música pop, fez com que ele reunisse muitas pessoas da comunidade LGBTI, que interagiram entre si e perceberam que havia outras afinidades

além do gosto musical. Foi assim que o ambiente do grupo, aos poucos, foi se revelando propício à exposição da vida pessoal.

Provavelmente encontraremos indivíduos que, em geral, são marginalizados e menosprezados socialmente, que buscam visibilidade para uma causa específica – a causa LGBTI – e, de certa forma, para suas histórias de vida. Além disso, indivíduos que buscam um ambiente onde encontrem mais semelhantes e que se sintam representados e incluídos nas mais diversas discussões e em diversos patamares.

Presumimos que o Lana Del Ray Vevo seja além de um grupo de entretenimento, já que também podemos observar casos em que o grupo fora incluído como grupo e como ambiente na vida dos seus membros LGBTIs, pois eles encontram no grupo entretenimento, diversão, críticas e um pouco de *tretas*<sup>39</sup>, confusão e gritaria (como o grupo mesmo se define), mas também podem encontrar acolhida, um ambiente de semelhantes às suas escolhas e um lugar onde muitos têm confiança para buscar apoio. A atmosfera desse ambiente foi sendo construída a partir da contribuição dos próprios membros, que juntos trouxeram situações e demandas pessoais que geraram identificação à ponto de outras pessoas se permitirem compartilhar mais e mais histórias e se identificar com o espaço e as pessoas daquele lugar.

Os membros do grupo Lana Del Ray Vevo compõem juntos um espaço em que compartilham e tomam para si experiências, e a partir disso perante a sociedade. Adriana Braga (2008) aponta que a internet e seus espaços são usados por pessoas como meio de expressão individual e coletiva, onde são veiculadas representações de identidade e individualidade (BRAGA, 2008. p, 64). Constroem o ambiente, compartilham e tomam para si experiências de quem tem a realidade semelhante e muda-se o próprio indivíduo que convive e participa disso, levando os frutos dessa interação para todos os âmbitos da vida social.

Em virtude dessas barreiras encontradas, que poderiam ser metaforicamente chamadas de trancas dos armários, a comunidade LGBTI está em constante busca por representatividade e identificações, razão pela qual, as personalidades LGBTI acabam conquistando de forma mais profunda essa parcela dos membros do grupo. Essa empatia que é gerada pela identificação entre aqueles que se reconhecem, fez com que algumas pessoas se destacassem no grupo, tornando-se personalidades icônicas do grupo, que

---

<sup>39</sup> Brigas, no vocabulário ou gíria do LDRV.



chamaremos de celebridades do LDRV. Eles representam a personificação da representatividade LGBTI no interior do LDRV.

Paula Simões (2009) aponta que as celebridades surgem a partir de uma afetação que elas causam na sociedade e vice-versa e que elas emergem a partir das diferentes interações que se estabelecem entre as “estrelas em potencial”, os indivíduos na vida cotidiana, a mídia e o contexto social (SIMÕES, 2009. p, 75). Que estas celebridades podem, por muitas vezes, serem vistas como heróis, pois elas são o conjunto das demandas de quem a vê como tal, entretanto em uma posição de destaque. Isso se dá por conta do contexto em que elas se encontram.

Para ser celebridade nos tempos antigos, havia uma necessidade de contribuição da pessoa que almejava esse título, principalmente artística. A personalidade precisava ser extraordinária e se mostrar como tal. Na atualidade não se busca mais algo necessariamente extraordinário e sim real, quanto mais acessível for aquela figura, no sentido de ser facilmente identificada e reconhecida, mais provavelmente ela chegará ao *status* de celebridade como afirma Paula Sibilia (2004).

Hoje a mídia não se cansa de apregoar que qualquer um pode ser famoso, e até mesmo os “famosos” de outrora e de hoje em dia são resgatados em seus papéis de qualquer um; são festejados nas telas e em outros suportes com esplendor midiático por serem comuns, escancarando e ficcionalizando a sua intimidade banal embora – e provavelmente por isso mesmo – atraente aos olhos dos outros. (SIBILIA, 2004. p. 12)

Duas pessoas que fazem parte do grupo LDRV e que se enquadram no *status* de celebridade, dentro do grupo, foram selecionadas para compor a pesquisa, e uma atividade desenvolvida no decorrer do mestrado, e foram entrevistadas por via digital. O contexto do grupo permite que eles sejam vistos como tal. A exemplo de alguns programas televisivos que tem celebrizado pessoas comuns, como o Big Brother Brasil<sup>40</sup>.

A celebração das pessoas comuns (...) pode revelar, por exemplo, o valor da visibilidade no contexto contemporâneo; ao mesmo tempo, o modo como tais programas constroem seus discursos sobre as celebridades revela valores que retornam para a vida cotidiana. (SIMÕES, 2009. p. 76)

A forma com que as pessoas ganham esse *status* e como lidam com ele tem como fonte o mesmo aspecto, que é o contexto social em que elas se encontram. No caso

---

<sup>40</sup> Reality show exibido pela Rede Globo de Televisão.

observado, é dentro do grupo, suas interações e experiências compartilhadas. Simões (2009) afirma que nesse processo, a celebridade, os atores sociais e a mídia se adaptam e se transformam mutuamente, em um processo marcado pela reflexividade (idem).

Tomamos como exemplos Lana Almeida e Erisvando Gomes para compreendermos a importância de ter uma representatividade. Essas duas pessoas se tornam celebridades, em um âmbito de certa forma reduzido que é o grupo LDRV, como reflexo da busca por ver algum semelhante em uma posição de destaque, ganhando a atenção que grande parte da comunidade LGBTI carece. Essa fama, mesmo que em escalas simbólicas, tem grandes reflexos tanto no âmbito pessoal de quem conquista esse título, de forma profissional e financeiro e, talvez um dos pontos mais relevantes e que afeta não apenas quem detém o posto de celebridade quanto quem se espelha nela, social e moral. Oferecendo suporte e respeito para ser quem se é.

#### **2.4.1 - O PRÍNCIPE DO LDRV<sup>41</sup>**

O primeiro personagem escolhido foi Erisvando Gomes, um menino que, na época do episódio aqui relatado tinha 13 anos, de origem humilde, da cidade de Quixeramobim, interior do Ceará. E que apareceu no grupo por meio de seu vizinho que gravou e postou um vídeo no qual o menino fazia chacotas de uma cantora. O vídeo repercutiu no grupo e tanto foi aceito por grande parte dele como uma brincadeira quanto obteve atenção dos fãs da cantora que, ainda que chateados pela brincadeira, deram atenção ao vídeo e por consequência ao garoto. O vídeo tinha um tom bastante jocoso e também despertava curiosidade pelo fato de o garoto ter trejeitos afeminados e demonstrar conhecimento sobre cantoras do chamado “mundo pop”. Os posts seguintes, com vídeos amadores, seguiram essa linha do tom sarcástico e espirituoso. Assim, o menino começou a ganhar certa notoriedade no grupo, sendo acolhido afetivamente pelos membros.

A participação de Erisvando no grupo é diferenciada, pois ele é uma criança e não pode ter acesso a todo conteúdo que é postado, pois muitos dos assuntos abordados lá não são adequados para a idade dele. Ele não recebe nenhuma notificação do LDRV, o amigo dele, que está no grupo e é responsável por configurar e monitorar o conteúdo que

---

<sup>41</sup> Tópico baseado em entrevista da autora com o garoto Erisvando Gomes, supervisionado por um adulto, via Messenger do Facebook, em Julho de 2017.

o menino tem acesso no Facebook, configurou o perfil do garoto para não aparecer nada do grupo, nem quando os seus amigos postam. Além de monitorar a interação do menino com outras pessoas, a exemplo de quando deixam uma mensagem, via Messenger<sup>42</sup>, Erisvando só vê quando acompanhado do seu amigo ou de sua mãe. Durante a entrevista realizada para a pesquisa aqui desenvolvida, Erisvando foi assistido por sua mãe.

A mãe do menino também tem conhecimento do grupo e tem uma enorme gratidão por ele, pois o LDRV ajudou muito a família nos momentos de dificuldade. O menino contou que, após o grupo tomar conhecimento das dificuldades financeiras que a família dele enfrentava, esta recebeu ajuda de todo o Brasil. Foi feita, inclusive, uma “vaquinha online”, em que foi arrecadado quase nove mil reais em doações. Este dinheiro foi utilizado para pagar muitas dívidas, consertar algumas coisas na casa e, segundo Erisvando, o principal, que foi ter comida no prato.

Figura 4: Print Screen da Vaquinha online criada para ajudar a família de Erisvando

[Twitter](#)
[Compartilhar](#)



## Ajuda o nosso Rei Erisvando Gomes

VAMOS AJUDAR O NOSSO REI ERISVANDO A MUDAR DE VIDA DIVULGANDO E CONTRIBUINDO <3

# 895 %

Vakinha de Renan Santos Lençóis Paulista/SP

Criada em 05/06/2017    Encerra em 31/07/2017

\$ **contribua**

**R\$ 1.000,00**  
Objetivo

**R\$ 8.949,03**  
Arrecadado

sobre
novidades (0)
comentarios (1)
quem ajudou (310)
contato
denuncie

Erisvando tem 12 anos e mora no interior do Ceará, na cidade de Quixeramobim. Ele, sua mãe e seu irmão dormem na sala, pois o único quarto da casa corre risco de desabar, além de não ter água encanada (pois foi cortada). Nós queremos ajudar Erisvando e sua família a terem moradia e alimentação dignas.

Ajude o Erisvando a sair dessa casa e melhorar um pouco suas condições de vida. O pouco que você contribuir, com amor, será muito pra ele.

\$ **contribua**

<sup>42</sup> É o chat do Facebook, onde os usuários da rede podem conversar diretamente ou em grupo, mas de forma mais reservada.

Fonte: Site Vakinha<sup>43</sup>

Em diversos momentos, durante a entrevista, o menino demonstrou grande gratidão pelo grupo e seus membros, como ocorreu no post de aniversário de 13 anos, que ele mesmo o fez. Foi publicado no dia 13 de julho de 2017. Na publicação, Erisvando agradece o apoio e o carinho que tem recebido do grupo e afirma que a convivência online diária com os membros que fazem parte do LDRV o fizeram se sentir querido, por isso gostaria de compartilhar seu aniversário com estes. Em resposta à publicação, houve quase trinta mil reações, em sua maioria *curtir* e *amei*<sup>44</sup>, além de quase três mil comentários parabenizando-o e deixando felicitações.

Apesar das demonstrações de afeto e a grande reação aos seus posts, Erisvando não se sente como uma celebridade, para ele ser uma celebridade é algo maior e o garoto frisa que não se sente melhor do que ninguém e sim como um membro qualquer, mas sente o carinho dos membros com ele, e pretende se valer da notoriedade que ganhou no grupo para ajudar outras pessoas, da mesma maneira como ele foi ajudado. O menino tem liberdade para burlar as regras e mais algumas regalias no grupo, mesmo sem perceber o garoto possui um nível de destaque maior que os demais membros comuns e por isso foi escolhido para representar as celebridades, ou *ícones*<sup>45</sup>, do LDRV.

Ele diz que o grupo é como uma segunda e grande família para ele e que os ama muito. Que graças ao grupo ele pôde mudar sua vida e acreditar nos seus sonhos. O menino, no momento da entrevista, fazia o sétimo ano do ensino fundamental e tem pretensão de cursar a escola profissional na sua própria cidade.

#### 2.4.2 A RAINHA DO LDRV<sup>46</sup>

A outra personagem escolhida foi a transexual Lana Almeida, de 19 anos<sup>47</sup>, que é uma das figuras mais icônicas do grupo. Diferentemente de Erisvando, Lana está no grupo há muito mais tempo, desde o início, e apareceu nele compartilhando relatos do

---

<sup>43</sup> Disponível em: << <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/ajuda-o-nosso-rei-erisvando-gomes> >> Acesso em julho de 2017

<sup>44</sup> Na rede social Facebook é possível reagir às publicações do site por meio de botões de reação que vem logo abaixo do post, juntamente com as opções comentar e compartilhar (caso a publicação não esteja em modo privado). As opções de reações são: *curtir*; *amei*; *haha*; *uau*; *triste*; *grrrr*.

<sup>45</sup> Pessoas com destaque ou importantes.

<sup>46</sup> Tópico baseado em entrevista da autora com Lana Almeida, via aplicativo de mensagens instantâneas, WhatsApp, em julho de 2017.

<sup>47</sup> Idade referente ao período em que a entrevista foi feita.

seu cotidiano como uma mulher transexual, que trabalhava na rua como garota de programa. Costumava relatar diversas situações, positivas e negativas, sobre o seu cotidiano e assim conquistou a simpatia e a empatia de muitos membros.

Lana reconhece que ganhou notoriedade e muitas oportunidades graças ao grupo e é muito grata por todas as mudanças na sua vida e por tudo ter dado certo. Hoje ela trabalha como DJ e Youtuber<sup>48</sup>, mas se denomina como autônoma. Em suas redes sociais e no seu canal no Youtube, porém, Lana ainda diz ser prostituta, mas não mais na rua. Ela percorre o Brasil inteiro fazendo eventos que levam o nome do grupo, geralmente festas voltadas ao público LGBTI, que é o que mais a reconhece, e diz que adora ser reconhecida e parada na rua. Ela disse ainda não ter se acostumado com essas situações, o que era só uma questão de tempo, a seu ver.

Mesmo com um *status* de celebridade, Lana ainda faz do grupo um espaço de compartilhamento de experiências. Ela continua a ter intimidade com o grupo de forma geral, com o qual ela compartilha suas aventuras, suas intimidades, sua vida afetiva e as situações cotidianas há muito tempo. Ela vê o LDRV como um lugar de acolhimento e percebe que muitas pessoas usam o grupo como uma válvula de escape.

Um exemplo disso foi a publicação feita por ela no dia 26 de julho de 2017. Nela não há texto, apenas um emoji<sup>49</sup> chorando e um vídeo. No vídeo, Lana compartilha com os membros do grupo que sua mãe biológica está com uma doença grave e, chorando, diz estar muito preocupada, pois a mãe que a criou já faleceu e ela diz que não conseguiria lidar com o fato de perder a sua outra mãe. As reações de tristezas foram predominantes, dentre as mais de dezesseis mil registradas, e a publicação obteve quase cinco mil comentários e neles se via muito apoio e desejos de melhoras para a mãe de Lana.

Para Lana é mais concreto o conceito de celebridade, pois com ela ocorrem situações que são descritas apenas por pessoas públicas, a exemplo das abordagens nas ruas, da tietagem<sup>50</sup> e dos eventos que ela tem feito como DJ e presenças VIPs. No caso dessa pessoa em especial, esse destaque possui um significado que pode ser descrito perfeitamente no que Paula Simões (2009) chama de uma afetação que elas causam na sociedade e vice-versa. Lana ganhou visibilidade por ser um símbolo forte, que luta e não

---

<sup>48</sup> Canal no Youtube da Lana Almeida: <https://www.youtube.com/user/LanaAlmeidaOficial>

<sup>49</sup> Pequenas imagens com as quais é possível comunicar sentimentos, reações e ações. Mais famosos como *smiles* os emojis surgiram a partir da junção de símbolos do teclado afim de montar carinhas e expressões, no decorrer dos avanços tecnológicos, estes já fazem parte dos teclados e tem as mais diversas formas e não mais apenas *carinhas*.

<sup>50</sup> Ato de reconhecer, demonstrar carinho, tirar fotos e mostrar que tem conhecimento sobre aquela pessoa pública.

se esconde mesmo com as difíceis situações que sua posição, muitas vezes marginalizada, impõe. Mesmo não conseguindo mensurar a importância e a representatividade que carrega, Lana Almeida é um dos ícones da representatividade LGBTI no Lana Del Ray Vevo.

Todas as pessoas que estão no LDRV possuem as mesmas possibilidades de se destacar e se tornarem ícone no grupo, como a Lana e o Erisvando, e há quem tente diariamente alcançar esse *status*. Para impressionar, é necessário se tornar espetáculo, construir narrativas que envolvem o próprio eu e performar. O mais do mesmo não rende curtidas, o comum passa despercebido. Compreenderemos no capítulo a seguir de que forma as narrativas do eu são criadas e principalmente quais os limites do público, privado e o íntimo, para tal.

### 3 DA INTIMIDADE À EXPOSIÇÃO EM REDE: O EU COMO PROJETO ABERTO

*Não importa que vida, por mais insignificante que seja...*

*Se ela for bem narrada, é digna de interesse*

*Samuel Taylor Coleridge*

Ter as redes sociais como lugares de identificação abre janelas para que os indivíduos compartilhem naquele espaço situações e desejos pessoais, tão pessoais que adentrem a sua intimidade. Entretanto, parece não bastar a eles o simples ato de compartilhar aquela situação ou desejo com os demais integrantes do grupo. É necessário mais que isso, transformar a sua história de vida ou alguma história da sua vida em algo atrativo, que chame atenção em meio a milhares de outras que se tem disponíveis diariamente. Além do mais, é preciso torná-la convincente e verossímil. Verifica-se, então, uma constante performatização do eu, muitas vezes trazendo ingredientes ficcionais a essas narrativas, para que a sua história se torne mais interessante aos olhos de um possível público.

Paula Sibilia (2004) chama de “fome de real” essa busca por histórias reais e de pessoas verdadeiras que vemos crescer dia após dia. A autora frisa que essa necessidade por histórias verdadeiras têm diminuído o interesse por histórias de ficção e justifica o aumento do interesse por biografias. É uma curiosa tendência contemporânea que se justifica apenas pelo interesse em vidas reais mesmo que não sejam “grandes vidas”, de figuras ilustres ou exemplares, basta apenas que sejam reais; isto é, “verdadeiras”, “autênticas”, enfim: realmente vividas (p. 7).

No entanto, há um crescente interesse por histórias hipoteticamente verdadeiras de pessoas reais, ainda que essas narrativas possuam edições, ficções ou performances compondo os seus enredos, o interesse ultrapassou as barreiras do consumo – de livros, filmes, peças de teatro, etc. – e passou a fazer parte da vida cotidiana. Alargados os espaços sociais, estendendo a vida para o ciberespaço, nota-se um maior interesse pelas vidas reais cotidianas, aquelas que estão relativamente próximas ao indivíduo, mas que ainda mantêm algumas barreiras de distanciamento, que podem, no entanto, ser ultrapassadas com um *click*. Por exemplo, colegas de trabalho podem ater seus assuntos ao ambiente profissional, mas basta um colega seguir o outro no Instagram que muitas barreiras serão quebradas, dali em diante o indivíduo terá acesso aos momentos e pessoas que o outro julga importante, adentrando vida pessoal do colega.

A popularização das tecnologias e das mídias digitais tem ajudado a concretizar os novos sonhos de auto-estilização, permitindo registrar todo tipo de cenas da vida privada com facilidade, rapidez e baixo custo, além de inaugurar novos gêneros de expressão e novos canais de disseminação das informações assim elaboradas. (SIBILIA, 2004. p. 13)

Dessa forma, chegamos a um questionamento: mas até que ponto certas informações são públicas ou privadas? Como selecionar informações pessoais, de acordo com o que se julga interessante ao público? O público que determinamos é realmente público? São vários questionamentos que surgem a partir da difícil delimitação de fronteiras entre o público, o privado e o íntimo. Precisamos saber qual o limite desses conceitos, na vida cotidiana, e como eles têm sido observados e aplicados.

Vemos, como Leonor Arfuch (2010) denomina, uma verdadeira obsessão pela intimidade alheia. Sob a ótica da autora, é possível estudar a circulação narrativa das vidas – públicas e privadas –, particularizando os diferentes gêneros, na dupla dimensão de uma intertextualidade e de uma interdiscursividade. Mas ela questiona:

Como se articulam os gêneros autobiográficos (...) com a proliferação contemporânea de fórmulas de autenticidade, com a voracidade pelas vidas alheias, com a obsessão do ‘vivido’, certificado, exato, com o mito do ‘personagem real’ que deve testemunhar em todos os lugares a existência e a profundidade do ‘eu’? Como se compõe hoje o espaço biográfico? (ARFUCH, 2010, p. 60).

Um fator essencial sobre os relatos pessoais, ou autobiográficos como denomina Arfuch (2010) é a vivência do fato. Este é um elemento que sempre esteve presente nos relatos autobiográficos, a autora salienta que a vivência “é algo que se destaca do fluxo do que desapareceu na vida” (p. 38), ou seja, é o que se leva da experiência, o que houve de mais importante para o indivíduo. Por isso o compartilhamento de vivências, reais ou inventadas, recebe certa atenção, pelo fato de ser uma experiência que todo indivíduo tem. O que é enfatizado pela vivência é, na visão de Arfuch (2010), o que “ressoa, como inquietude existencial, nas narrativas autobiográficas” (p. 39).

E essa inquietude de um indivíduo pode se refletir na inquietude de outros, por isso se buscam lugares de identificação para compartilhar suas vivências. É o caso desta pesquisa, em que nos voltamos aos testemunhos de cunho pessoal, que são feitos muitas vezes em busca por acolhimento e em um ambiente onde possa existir uma identificação, por parte do leitor, que seja suficiente para que este tenha o sentimento de pertencimento.



Neste capítulo, observaremos sob vários aspectos o fenômeno da performatização do eu nas redes sociais, buscando compreender qual o limite entre a intimidade pública e a intimidade privada, entender como o eu pode se tornar um personagem e também se oferecer em um espetáculo, ficcionando e performatizando suas narrativas, buscando autores para que possamos compreender esse processo. Buscamos também entender como as redes sociais se tornaram um espaço de desabafos e testemunhos de modo geral e, por fim, como tudo isso se coloca em meio à busca por identificação e acolhimento. Como se dá essa postura do eu personagem, vezes performatizado, a fim de comover os demais indivíduos que transitam por aquele mesmo espaço.

### 3.1 – OS LIMITES DA EXPOSIÇÃO DO EU NAS REDES SOCIAIS: INTIMIDADE PÚBLICA VS INTIMIDADE PRIVADA

Em tempos em que se questiona o que é público e o que é privado, convém indagar: até onde a intimidade é privada e até que ponto ela pode ser exposta, sendo de conhecimento público? Arfuch (2010) diz, para início de discussão, que o espaço público e o privado não apresentam mais limites nítidos, nem atribuições específicas e que estão em constante experimentação (p. 95). De fato vivemos uma era em que o que é público é público, mas o que é privado a qualquer momento pode deixar de ser. Além do mais, esses conceitos estão conseqüentemente cada vez mais condicionados pelos contextos em que se aplicam.

Por exemplo, o LDRV é um grupo com configuração *secreto* e o que entendíamos por *secreto* é o que diz a definição do dicionário, buscamos algumas delas: que se oculta, que se dissimula; íntimo, particular; o que não se revela; segredo<sup>51</sup>. Desta maneira, quando se fala em um grupo *secreto*, supomos que é algo reservado e seletivo, entretanto a versão do grupo em que estamos trabalhando possui quase 950 mil membros, em dado momento atingiu o número de 1 milhão de integrantes.

Essa definição de *secreto* está cumprindo a função que seu significado propõe? Não há dúvidas de que a resposta é não. Ainda que em meio às suas regras exista uma que proíbe o vazamento de informações desse grupo, é impossível controlar, por exemplo, que os membros de comentem algo a respeito do grupo publicamente. Ademais, o grupo possui, além das outras versões no Facebook, uma página pública também no Facebook<sup>52</sup>,

<sup>51</sup> Significado de *secreto*. Disponível em: << <https://www.google.com.br/search?q=dicion%C3%A1rio&oq=dicion%C3%A1rio&aqs=chrome..69i57j0l5.3418j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8#dobs=secreto> >> Acesso em 19 de agosto de 2018

<sup>52</sup> Página Lana Del Ray Vevo: <https://www.facebook.com/lanadelrayvevo/>

e outras redes sociais – Twitter<sup>53</sup> e Instagram<sup>54</sup> – onde são compartilhadas algumas publicações do LDRV, escolhidas por seus administradores. Questiona-se então a função das regras, especialmente sobre o vazamento de conteúdo. O questionamento pode ser respondido, primeiramente, porque apenas administradores têm permissão de externalizar publicações e com a condição de serem postados apenas nas páginas oficiais do grupo. Além disso, as publicações compartilhadas fora do grupo têm obrigatoriamente tom humorístico. Kaerre explica o porquê da criação da conta no Instagram e qual o processo de seleção das publicações que serão compartilhadas na conta:

Na verdade, a gente decidiu criar o Instagram do LDRV pra poder dar a oportunidade das pessoas que ainda não tiveram como entrar no grupo de acompanharem as melhores *tours*, entendeu?! E a gente pede sempre a permissão do dono do post, se a gente pode postar no Instagram aquela *tour* que fez sucesso no grupo, e a gente passa pra lá pra usar como um mecanismo de manutenção de viralização de conteúdo, pra ajudar a viralizar nosso próprio conteúdo que, você sabe bem, por si só já viraliza sozinho de uma forma muito eficiente. (Kaerre Neto, 2019)

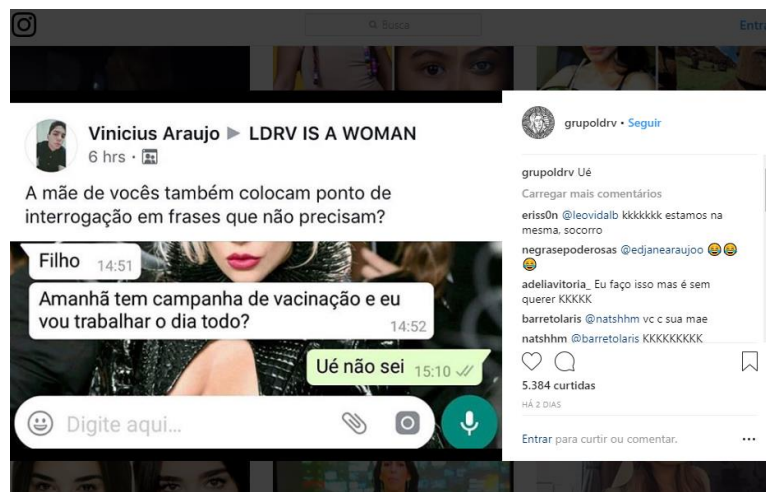
Trazemos como exemplo a Figura 5, que traz a publicação feita no Instagram do grupo, em que um membro do LDRV, já em sua nova era quanto estava nomeada de LDRV IS A WOMAN – apesar da mudança do nome, esse grupo é a era de número 12, anteriormente chamada de ÉDEN – publicou sobre uma peculiaridade da sua mãe e colocou uma captura de tela de uma conversa entre eles, via WhatsApp. No grupo, a publicação feita no dia 17 de agosto de 2018, teve cerca de 1400 reações por meio dos botões do Facebook e 243 comentários. Já na postagem no Instagram do LDRV (Figura 5), feita no dia 18 de agosto de 2018, a publicação teve mais de 5 mil curtidas e 176 comentários.

Figura 5: Publicação no perfil do LDRV no Instagram

---

<sup>53</sup> <https://twitter.com/ldrvgroup>

<sup>54</sup> <https://www.instagram.com/grupoldrv/>



Fonte: Instagram

Devemos ressaltar que, diferentemente da configuração do grupo no Facebook – secreto –, o perfil do LDRV no Instagram é público. Isso significa que histórias publicadas no Instagram do grupo são de livre acesso a quem assim desejar. Entretanto, também é necessário frisar que as histórias que são publicadas nas outras redes sociais do LDRV são apenas de cunho humorístico. Nenhum dos relatos que serão utilizados como *corpus* de análise desta pesquisa ou testemunhos semelhantes foram externalizados do grupo, por meio das páginas oficiais.

Desta forma, enquanto são postadas no grupo, as histórias ou situações pessoais têm caráter privado, mas a partir do momento em que essas histórias são acessadas pelo grupo esse caráter secreto está em jogo. Ou seja, “os temas – e seus formatos – seriam então públicos ou privados, segundo as circunstâncias e os modos de sua construção” (ARFUCH, 2010. p. 96).

A autora salienta que não devemos acatar o cancelamento dos conceitos de público e privado, muito menos inutilizar o sentido deles, apenas acreditar que seja possível deslocar a linha que os separa, tornando-a móvel. Como anteriormente mencionado, até certo momento as publicações do LDRV são secretas, apenas de conhecimento de alguns membros que tenham visualizado, mas mudam seu caráter quando o assunto é mencionado com uma pessoa de fora do grupo. Para que entendamos a mobilidade dessa condição entre público e secreto, buscamos na própria autora esse esclarecimento:

Antes contribui para deslocar o eixo da questão, de uma hipotética (in)adequação a limites e competências “canônicos” a uma reflexão mais atenta sobre a atualidade, sobre os modos cambiantes de expressão, manifestação e construção de sentidos; modos que tornam

“públicas” certas pessoas e “privadas” certas cenas coletivas.  
(ARFUCH, 2010. p. 96)

É nesse ambiente, em que o público e privado estão separados de forma tênue, em que o espaço biográfico se amplia, segundo Arfuch (2010). As pessoas tentam se destacar em meio ao geral. Um geral que não é o comum, é um espaço onde o indivíduo se identifique com os demais que ali estão e espera ser entendido e compreendido a partir de um papel que ele represente perante a sociedade, que pode se assemelhar ou é igual ao papel que representa seu público/leitor à sociedade.

Contudo, como assinalamos, está em jogo nesse espaço a lógica – compensatória – da falta, esse vazio constitutivo do sujeito que convoca a necessidade constante de identificação, a busca, por meio das narrativas, de uma hipotética completude, a obsessão pela presença multiplicada pelo reinado virtual. (ARFUCH, 2010. p. 99)

Assim sendo, a autora propõe uma visão mais otimista sobre essa condição, em que não se falam em perdas, mas também em chances. E não apenas de excesso de individualismo, mas principalmente sobre a constituição de um nós. Frisando considerar que toda biografia ou relato de experiência é coletivo, de uma narrativa comum de identidade. (Idem, p. 99 – 100) Essa característica é essencial para o desenvolvimento desta pesquisa, pois os testemunhos que veremos na análise falam muito sobre o grupo de forma geral e como os membros LGBTI se identificam com o grupo e acreditam no caráter acolhedor dele para contar suas histórias e, principalmente, compartilhar experiências.

Mas a partir de que momento os indivíduos percebem um ambiente propício a compartilhar algo íntimo? É preciso ter um vínculo ou um laço com aquele ambiente em que se pretende compartilhar sua intimidade. Essa relação se constrói a partir de uma identificação do sujeito com um ambiente em que ele se veja representado e contemplado sobre alguma particularidade que lhe é própria.

Percebemos que esses laços que são criados dentro de grupos, como o LDRV, podem também não ser apenas superficiais. As redes sociais já são um lugar de exposição, onde o *eu* pode se tornar uma narrativa/espetáculo. Sibilia (2004) aponta que a narração do eu tem como uma de suas motivações o avanço do que se entende de limites de intimidade e que a vida privada está mais aberta.

São alargados, progressivamente, os limites do que se pode dizer e do que se pode mostrar, inflacionando a esfera da intimidade sob a luz da

visibilidade total e esvaziando, de forma concomitante, aqueles âmbitos tradicionalmente conhecidos como “públicos”. (SIBILIA, 2004. p, 4)

Dentro de um grupo secreto, com uma quantidade tão expressiva de membros, essa abertura da vida pessoal se torna maior ainda. No LDRV observam-se muitos segredos serem divididos, conflitos e situações cotidianas, que, mesmo em tempos de superexposição em redes sociais talvez não chegassem a ser compartilhados de forma tão aberta em outros ambientes sociais.

É comum dentre as publicações do grupo vermos intimidades relacionadas à vida sexual, por exemplo, serem discutidas sem pudor e geralmente esse é um dos assuntos que mais rendem reações e comentários por parte dos membros. É quando a porta da intimidade é aberta, em que o indivíduo que acessa aquele conteúdo tem ao seu alcance algo extremamente pessoal de quem está ali publicando e como consequência, dessa interação tão íntima, aquele que recebe esse conteúdo pode reagir abrindo também parte da sua própria intimidade.

Apresentamos o exemplo de uma postagem onde um integrante do grupo pede aos demais algo muito pessoal, que cite lugares inusitados onde praticaram sexo. De início o próprio criador da publicação já compartilha sua experiência “no banheiro da escola” e daí em diante a publicação vira *tour*, com uma grande quantidade de interações. São contabilizadas mais de 6,6 mil reações por meio dos botões de reação do facebook e mais de 8 mil comentários, onde muitos membros também contam suas experiências.

Dentre estes, as mais diversas e curiosas revelações são feitas, alguns membros chegam a brincar com o nível de intimidade da pergunta, respondendo como um dos usuários que diz o seguinte: “*NÃO VOU ME EXPOR NÃO VOU ME EXPOR JÁ, NO UBER*” ou brincam com a sua própria realidade afetiva, como um integrante que diz: “*na seca que eu to transar que vai ser inusitado*”. Curiosamente, a sexualidade chama muito a atenção dos integrantes do grupo, pois geralmente essas publicações que adentram nesse nível e âmbito a intimidade de outro indivíduo interessa à comunidade de uma forma geral.

Os membros do grupo compartilham seus sentimentos em relação à vida amorosa, social e com situações no seio familiar ou acadêmico, de forma tão pessoal como se o seu relato não estivesse sendo dividido com milhares de pessoas, a maioria destas com quem provavelmente nunca irá se encontrar ou se relacionar diretamente. Além dos desabafos podemos ver publicações em que se percebe a curiosidade por parte de algum membro com relação à intimidade dos demais e que tem a reação pretendida.

Comumente no *feed* do grupo encontramos publicações como “Qual a relação de vocês com os irmãos de vocês?”, “vocês estão satisfeitos com seu corpo?”, “Conta aqui uma coisa boa do seu dia” e até “A amiga de vocês também enfrenta dificuldade na hora de transar?” e esses questionamentos provocam reações inesperadas dos membros, por exemplo: “*Achei q eu tava encontrando dificuldades mas essa superou*” e “*Agora teremos de perguntar pro boy se ele é vegano antes de ir pra cama com ele???? TA FELIZ BELA GIL????*”<sup>55</sup>. Pode-se perceber a naturalidade com que se trata de sexualidade, vida amorosa e autoestima entre os membros, consequência desse laço de confiança que é criado. Na publicação de onde foram retirados estes comentários, quase dez mil comentários se divertiam ao falar sobre a vida sexual da amiga do autor da publicação.

Rosaly Brito (2016) nos ajuda a perceber que compartilhar esse tipo de relato de natureza tão íntima até pouco tempo atrás, seria inimaginável, principalmente com um grupo de grandes proporções e de pessoas anônimas, desconhecidas (p. 24). O que também percebemos no Lana Del Ray Vevo é que os membros não sentem a necessidade de criar uma personalidade que seja mais padronizada ou aceita socialmente – tendo como parâmetro a sociedade de um modo geral–, pelo contrário, vemos muitas publicações e reações mostrando peculiaridades e diferenças pessoais, assumindo erros, defeitos e desabafos sobre como é inalcançável para a maioria das pessoas assumir esse personagem ideal que é imposto pela sociedade, seja com relação aos padrões de beleza, sociais ou o heteronormativo.

Os questionamentos de outros membros, em algumas publicações funcionam como gatilhos e milhares de pessoas passam a compartilhar suas experiências. Publicações que têm temáticas voltadas a desilusões amorosas e ex relacionamentos, acabam transformando os comentários em grandes diários sobre como as pessoas ainda se sentem em relação a essas histórias que muitas vezes ainda estão mal resolvidas. Brito (2016) desembaraça nosso entendimento:

A intimidade, antes confinada à casa e, em uma visão mais restrita, ao próprio corpo, às paixões, aos pensamentos e à mente, ao lugar próprio de cada um, agora assume uma dimensão alargada, que faz transbordar seus clássicos limites na vitrine eletrônica da rede e das telas. (BRITO, 2016. p, 27)

---

<sup>55</sup> Comentários feitos por membros na publicação que perguntava de forma irônica e sarcástica se os membros tinham amigas com dificuldade na hora de transar, e o post trazia uma captura de tela do WhatsApp mostrando um relato da amiga do autor da publicação reclamando da relação sexual que ela teve. A postagem foi feita no dia 6 de março de 2018.

E ainda que:

Já faz tempo, conforme Rosalía Winocur (2011, 2012), que a intimidade não se esgota mais, tanto física como simbolicamente, em seus referentes históricos – a casa, o corpo, a sexualidade e a família. O público, o privado e o íntimo passaram por intensos reordenamentos em vista da reflexividade que marca a alta modernidade. (BRITO, 2016. p. 169)

Pode-se afirmar que os membros do LDRV ali se comportam de forma em que o íntimo e o público praticamente se interseccionam. Seria o grupo um local onde essa fronteira não existe? Ou talvez a barreira do público invadiu um pouco o espaço da intimidade? Arfuch (2010) apontou a mobilidade da barreira do público e privado e ainda reiterou que é nesses espaços em que há essa maleabilidade da barreira entre o público/privado em que os relatos biográficos ganham um terreno para se instalarem.

Rosalía Winocur (2011) ressalta desdobramento da intimidade em dois níveis – a intimidade pública e a intimidade privada, esta última circunscrita àquilo que não pode ser mostrado. A autora busca descobrir o lugar da intimidade nas práticas de sociabilidade dos jovens nas redes sociais, o que corrobora os questionamentos desta pesquisa. Dentre as possibilidades de como essa intimidade é vista, a autora pondera que “nem todas as intimidades têm o mesmo valor nem são objeto do mesmo grau de atenção e interesse” (p.189) e isso diz respeito também à popularidade de quem revela esta intimidade, popularidade online e fora da rede, pois a autora acredita que a rede social é uma extensão da sociabilidade no mundo real, logo quem tem muita atenção off-line não passará despercebido se sua intimidade for revelada no ciberespaço, mesmo que minimamente.

Para compreendermos melhor como esses espaços se especificam, recorreremos à Arfuch (2005) que nos auxilia na compreensão da relação contemporânea entre público, privado e íntimo.

Ainda que a construção histórica da intimidade faça dela um território, um espaço delimitado, interior, contíguo ao corpo, à consciência, à casa, uma observação mais detida permite perceber sua ubiquidade, o caráter vago de seus limites, sua intrínseca condição comunicativa. Da mesma forma que o público e o privado já não podem ser pensados como domínios autônomos com incumbências e sentimentos específicos, mas como espaços simbólicos mutuamente implicados, em constante interação – e interseção –, a intimidade, componente essencial do ‘privado’, parece tanger hoje um ponto extremo nos termos daquilo que Arendt assinalara como um paradoxo: não apenas a intimidade pode ser expressa em seus aspectos mais recônditos (exibição dos corpos, da afetividade, da sexualidade [...]), como também pode irromper no ‘altar’ do espaço doméstico por meio das telas (...), em uma tematização quase maníaca, do científico ao pornográfico – isto é, como intimidade

pública –, e então como articulação lógica de ambos os espaços de sua consumação: o público – os públicos – e o privado (Arfuch, 2005: 261).

Ainda que esses conceitos às vezes invadam o espaço um do outro, é possível selecionar ambientes nos quais o íntimo é íntimo e o público é público. Winocur (2011) faz esse questionamento em seu estudo e obtém como resposta dos jovens com quem trabalhou que o universo da intimidade bifurca-se em três âmbitos: o de seus parceiros; o de seus quartos; e o de seus corpos e pensamentos (p. 181). E ressalta que o ambiente familiar-casa é ambíguo, pois pode ser íntimo – se considerarmos o público externo da casa – e pode ser considerado público – se o vemos da perspectiva do quarto ou de seu corpo e pensamento. Por vezes acredita-se que o íntimo privado é aquele que não está ao alcance do público, mas isso também pode ser relativizado e é através dessa discussão que a autora discute a dinâmica das redes sociais.

Feliz e coincidentemente ela faz referência à rede social em que estamos trabalhando, o Facebook. Compara o navegar por esta rede social com estar em um ambiente social onde a maior parte do entorno não interessa ou chama atenção, como estar em um ônibus ou caminhando na rua, os pensamentos tomam frente e ajudam a ignorar o restante. A comparação se dá quando Winocur (2011) argumenta que de nossas amplas listas de 300 ou 400 contatos, só interagimos regularmente com aqueles 20 ou 25 que vemos todos os dias ou que são significativos para nós (p. 184). E essa comparação pode ser feita para além dos contatos, pode se dar com páginas e grupos com que o indivíduo tenha se relacionado em algum momento, mas que atualmente pode ou não ser interessante. Se o *feed* estiver configurado para as postagens mais relevantes, o próprio algoritmo do Facebook vai selecionar os usuários com quem o indivíduo mais interage, as páginas e grupos no mesmo sentido.

Um exemplo apresentado pela autora é o de familiares se comunicando, seja por telefone, em um ambiente público como supermercado ou por redes sociais. No momento em que isso acontece esses indivíduos se desconectam dos olhares externos e trazem parte do ambiente familiar para aquele espaço. Só perde esse ar desinteressante o conteúdo mais exaltado, violento ou que ganhe um tom de mais intimidade, mas que ainda assim não o traz para fora do ambiente familiar, ou seja se assemelha às brigas de vizinhos ou os barulhos cotidianos. Dessa forma, o íntimo que se revela nas redes sociais online acaba por não ser compartilhado com muitas outras pessoas de fora do ciclo comum, por isso não extrapola os limites da intimidade familiar e pessoal, o que não pode ser aplicado ao grupo já que ali se compartilha mais com “estranhos” do que com conhecidos.



Outra perspectiva que Winocur agrega é a de que o íntimo não está radicado em nenhum lugar ou tempo especial; a decisão de comunicar ou não o que se sente pode ser tomada a qualquer momento (p. 185). Dá ao íntimo basicamente o significado de um relato, mas um relato em que o indivíduo precisa sempre se preocupar sobre o que ele quer falar, a quem quer falar e pensar sobre as pessoas que terão acesso a esse testemunho, ou seja, um processo constante de reflexividade. Relacionando com o de Arfuch (2010), chega-se ao ponto de que o autobiográfico é um umbral em que, no cruzamento entre o público e o privado, são construídas narrativas identitárias (p. 186). Isto posto, a intimidade está condicionada à vontade do indivíduo de revelá-la ou não. Ela não é algo fixo e sim constantemente em construção.

Outro aspecto é colocado por Winocur (2011), o de que íntimo é aquilo que não se pode comunicar porque será objeto de estigmatização e acarretará sofrimento (p. 187). Esta conceituação tem muita relação com a linha que seguiremos nesta pesquisa, pois é com este caráter que surgem os testemunhos da comunidade LGBTI, o compartilhamento de um momento que para muitos é de sofrimento dá um tom íntimo aos relatos. Este aspecto está diretamente ligado ao próximo ao qual a autora faz referência, o que vê o íntimo como o lugar que pode ser invadido ou violado por outros, independentemente do fato desse lugar estar visível a todos (p. 188). Ser LGBTI é algo que, se descoberto por um terceiro e falado em momento impróprio, pode cair como uma bomba na vida de um sujeito.

A autora conclui falando a respeito da existência de dois tipos de intimidade, a de primeira e a de segunda classe, para falar sobre a atenção que essas intimidades expostas demandam. Enquanto umas passam despercebidas, outras tomam toda a atenção num sinal de que serão reveladas. Um dos fatores principais com relação a essa questão é a popularidade de quem o faz, se a pessoa é popular online, ela será interessante e popular off-line e se ela não o for em um, dificilmente será em outro, são espaços que se complementam. E nesse ponto chegamos à performatividade da intimidade. Quando esta é usada para uma produção de si mesmo, os espaços se dividem assim: público representa aquilo que se deseja que os outros saibam, as aparências ou atuações mostradas aos demais; e o íntimo é o que está por trás do aparente, os verdadeiros motivos ou intenções das atuações (WINOCUR, 2011. p. 189).

Há ainda, conforme a autora, a performatização da intimidade, em que alguns sujeitos se colocam em situações de intimidade extrema – como algo que exponha seus fetiches sexuais ou manias condenáveis –, de forma totalmente planejada, para conquistar

a atenção de quem for receber aquele conteúdo, situação que avaliamos ser bastante comum no LDRV. Compartilhar experiências íntimas e sexuais de forma esdrúxula é uma forma de performatizar o íntimo e, não por coincidência, as publicações que envolvem esse tipo de narrativa tendem a ser mais movimentada. A autora viabiliza a concepção:

Diferentemente do que se pensa, quanto mais audaz for o ato de exibição, mais elaborado e preparado tenderá a ser. O que se escreve ou o que se mostra não é produto de um ato espontâneo e irrefletido, mas que demanda, a cada momento, projetar a quem será dirigido, quem serão as testemunhas e que efeitos poderá causar. (WINOCUR, 2011. p. 191)

A autora conclui que essa performatividade é necessária para reforçar a intimidade pública e ainda que:

O desejo de comunicar-se é muito mais forte do que o de mostrar-se, e que ao se mostrar, os jovens não estão necessariamente desnudando sua intimidade, mas produzindo um ato performático com o objetivo de estar visível nos espaços onde ocorre sua sociabilidade – tanto online como offline –, que constituem cenários-chave de entretenimento e dramatização das novas formas de inclusão social. (idem. p. 192)

Por fim, existe a possibilidade de uma intimidade ser pública ou privada e muitas vezes o mesmo ato pode representar os dois níveis de intimidade, ora representando uma ora representando outra, podendo até se confundir entre elas. Tudo vai depender de que forma o indivíduo quer ser visto e assim sua intimidade estará exposta nas redes sociais, podendo inclusive construir um personagem ou espetacularizar sua intimidade em favor de um possível atenção que irá receber.

### **3.2 – O INDIVÍDUO COMO SUJEITO PÚBLICO: PERSONAGEM E ESPETACULARIZAÇÃO DO EU**

E eis a boa notícia que por toda parte ressoa: agora podemos escolher o personagem que gostaríamos de ser, livremente, a cada momento e sem muito compromisso. (SIBILIA, 2004. p. 13)

Início este tópico com a fala de Sibília (2004), pois este é o foco que pretendemos manter no percurso deste. Considerando que o estudo da autora não se especifica na rede social online a qual estamos observando, buscamos absorver o cerne do seu pensamento para que possamos leva-lo ao Facebook, e para que seja mais descomplicado imaginar exemplos de como é possível tornar-se um personagem perante determinado público. Este pode ser composto apenas os seus amigos mais próximos – considerando uma postagem em seu perfil, em uma configuração em que só os seus “amigos” vejam –, pode ser um

público mais amplo, incluindo pessoas que você não conhece e possivelmente nunca encontrará pessoalmente – como no caso de publicações em grupos – e também pode ser para o que vem a ser público de uma forma geral – como em caso de publicação configurada no modo público. Winocur (2011) contribui apontando que tudo é calculado, raramente é um ato espontâneo.

Papacharissi (2011) aponta que essas performances são possibilitadas por uma paleta performativa que combina elementos multimídia com referências culturais, elementos de expressão denotativa e conotativa de jogo e uma variedade de ferramentas (p. 307). Um cenário propício, cheio de ferramentas que facilitam essa performance, apoiado na necessidade que o indivíduo tem de ser visto.

Por conseguinte, as atuações também variam de acordo com o público que irá receber tal conteúdo. Entretanto não se pode perder o que de mais importante vemos nas formas de aparecer dos tempos atuais, a veracidade dos fatos, da pessoa que o faz e a construção minuciosa deste conteúdo a ser produzido. Precisa ser autêntico, diferente, mas ao mesmo tempo parecer verossímil. Dando aquela pitada de ficcional no real, para temperar e atrair os olhos alheios.

Winocur (2011) enriquece a compreensão quando diz que:

Na realidade, cada um se mostra como quer ser visto por seus próprios olhos. O processo de criação de um personagem para interatuar na rede é profundamente egocêntrico; para existir, não requer confirmação ou negação dos demais – requer apenas ser visto. (WINOCUR, 2011. p. 191)

Muitas vezes, criam-se personagens ou se espetacularizam o que já é fato para se fazer visto. Não apenas por questões de fama ou ego, mas também para ser visto diante de uma sociedade que fecha os olhos para muitos sujeitos e os marginaliza, a ponto de o seu eu se tornar estigmatizado. Por isso, algumas pessoas criam verdadeiras performances do eu para serem notadas.

É por esses motivos que as “vidas reais” contemporâneas devem ser estetizadas como se estivessem sendo constantemente alvejadas pelos paparazzi. Para ganhar peso, consistência e até mesmo existência, a própria vida deve ser estilizada e ficcionalizada como se pertencesse ao protagonista de um filme. (SIBILIA, 2004. p. 12)

Os papéis são diversos, inúmeras possibilidades. Além disso, não é obrigatório seguir um roteiro pré-estabelecido até o final, o indivíduo tem a autonomia de mudar seu personagem ou sua forma de agir de acordo com o que ele acredita e essa crença não é fixa, é mutável. Assim como as personalidades que um indivíduo pode assumir.

O próprio corpo e os “modos de ser” constituem, agora, superfícies lisas nas quais todo e qualquer sujeito – estilizado como artista de si – deve exercer a sua própria “arte”, transformando a si próprio em um personagem capaz de atrair os olhares alheios. (SIBILIA, 2004. p. 15)

Fundamentadas nesse modo de atuação geral, as pessoas se atentam para a representação dos outros com quem elas têm contato, observando já em um primeiro momento com quem está interagindo com o objetivo de já obter informações sobre aquela pessoa antes de permitir que ela se apresente ou represente perante ela. Para Goffman (1985) quando um indivíduo chega à presença dos outros, estes procuram saber sobre ele e saber dele, a fim de já conhece-lo antes mesmo de qualquer contato. Transpondo para o ambiente das redes sociais online, no caso dos membros do LDRV, existem dois pontos para estar apto à essa primeira avaliação: o primeiro é preparar o seu perfil para ser visitado por outros membros do grupo. Com informações que suprem a curiosidade do visitante (seja uma publicação, uma foto ou outro elemento); o segundo é a apresentação feita pelo próprio membro, dentro das *tour's* do grupo, a partir dessa participação é possível obter conclusões sobre aquela pessoa.

O autor compara as representações do eu com a atuação de um ator no palco, que pode ou não convencer a plateia, mas que tem ciência de sua atuação e se ela é de acordo com a realidade ou não. Também aponta que os papéis podem ser executados com uma realização dramática, diz que “o indivíduo geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios” (p.36). Acrescenta-se algo mais, seja uma palavra, um gesto ou uma postura a uma situação para que a impressão que deseja ser passada, seja ela qual for, tenha mais chance de atingir o seu objetivo. Reforçam-se alguns pontos chaves, características ou detalhes para que seu papel seja o mais convincente possível.

E essa representação é sobre o máximo da perfeição que aquele personagem precisa alcançar, um ser idealizado que, para o autor, é bastante necessário para todas as pessoas, pois se elas não precisassem representar o seu melhor diariamente, não o buscariam. Assim as pessoas evoluem e se educam de fora para dentro. (p.40) Também se busca ascensão social, como exemplifica o autor. O que se adequa ao LDRV, pois os membros buscam visibilidade e atenção, às vezes até se colocando em posições diminuídas – como fazer publicações nas quais demonstram autoestima baixa ou um fracasso em relacionamento amoroso – para atrair a atenção do seu espectador, que nesse caso são os demais membros do grupo LDRV.

Ainda conforme Goffman (1985), vemos que às vezes falsas interpretações podem ser desmascaradas pela plateia, se assim decidir, mas também podem ser relevadas quando motivadas por uma necessidade de aceitação social por parte daquele que representa e essa necessidade convence a plateia. A exemplo de pessoas que se mantêm “no armário” de acordo com o risco que algum ambiente oferece, nesse caso a plateia pode sim perceber aquela representação, mas empaticamente fingir um convencimento. “Embora possamos ter uma opinião desfavorável de atores como vigaristas que propositalmente falseiam todos os fatos relativos à sua vida, podemos ter alguma simpatia pelos que possuem apenas um defeito fatal e tentam esconder o fato” (GOFFMAN, 1985. p.61).

Da mesma forma, são desmascarados pelo público quando a falsa representação é percebida e a intenção por trás dela é a busca por um tipo de atenção da qual o ator não precisa ou merece, aí tem-se a reação e a rejeição por parte dos espectadores. Poderíamos até relacionar esse conceito com uma gíria que compõe o vocabulário do grupo e tem quase o mesmo sentido. A expressão é *biscoiteiro* uma expressão que simboliza um indivíduo que performatiza e muitas vezes espetaculariza situações falsas e/ou absurdas para que receba atenção da plateia do LDRV. A exemplo da postagem (Figura 6) do dia 18 de agosto de 2018, onde um integrante do grupo fez uma publicação sugerindo que colocaria a mão em uma privada para “resgatar” uma moeda e na mesma postagem ele diz que pessoas que fazem intercâmbio sabem que qualquer moeda vale ouro. Logo alguns membros começaram a ironizar a postagem (Figura 7), que não teve muitas interações, entretanto os integrantes que comentaram satirizaram a intenção do autor da postagem.

Figura 6: Postagem feita no grupo LDRV dia 18 de agosto de 2018



Fonte: Facebook

Figura 7: Comentários dos membros do LDRV à postagem da figura 6



Fonte: Facebook

Outros conceitos formulados por Goffman (1985) nos ajudam a compreender o comportamento dos membros do LDRV no grupo. Quando o autor fala em região de

fachada<sup>56</sup> – que seria um local onde os atores representam ininterruptamente, é nesta região que o ator tem o contato direto com seu público – e região de bastidores<sup>57</sup> – que representa um local no qual se tem acesso ao íntimo privado, àqueles comportamentos ou atitudes que não condizem com o personagem que o ator se propõe a ser e sim o que está em sua essência – podemos compreender que o LDRV é como a soma desses dois conceitos do autor, ora de fachada e ora de bastidores.

O pensamento de Papacharissi (2011) sobre as redes sociais nos ajuda a justificar essa maleabilidade quando pensamos no LDRV, para a autora estes locais ampliam as ferramentas que o indivíduo tem, as torna mais acessíveis e, por consequência, garante ao sujeito um manejo maior sobre a distância entre as regiões de fachada e de bastidores, logo sobre o que deve ser performatizado/representado e o que deve permanecer escondido. O que requer, do sujeito, performances muito mais planejadas e pensadas. Por exemplo, existem sujeitos que, por convenção social, acabam se conectando nas redes sociais com pessoas do seu cotidiano profissional, mas não quer que essas outras pessoas tenham acesso ao seu eu por completo, então existem espaços como o LDRV que permitem que esse eu possa se expressar, não de forma geral para o público.

Por que devemos considerar que o LDRV tem essa dualidade? Respondo, porque as demandas das publicações do grupo, muitas vezes, adentram questões que dizem respeito de uma intimidade privada e que por vezes muda de caráter e se torna uma intimidade pública, como vimos no tópico anterior. Entretanto, ela não cambia de forma natural entre esses dois campos, ela passa por um filtro pessoal, onde o sujeito define como, quando e, principalmente, de que forma aquela intimidade deve ser revelada. Se ela necessita de pouca atenção e pode ser revelada nos comentários ou se o sujeito julga que tal intimidade deva receber uma maior atenção, digna de uma publicação só dela e performaticamente aberta.

Existem intimidades que são abertas de forma sutil apenas como que deva ser de conhecimento público, mas nem todos os indivíduos o fazem. Na verdade, até quando uma intimidade vai ser revelada de forma mais contida, como nos comentários de uma

---

<sup>56</sup>“[...] será conveniente muitas vezes usar o termo ‘região de fachada’ para se referir ao lugar onde a representação é executada. [...] A representação do indivíduo na região de fachada pode ser vista como um esforço para dar a aparência de que sua atividade nessa região mantém e incorpora certos padrões.” (GOFFMAN, 1985. p.102) Ex: enfermeiras deixando seu trabalho para quando o seu supervisor aparece, para mostrar eficiência. (p. 104)

<sup>57</sup>“Uma região de fundo ou de bastidores pode ser definida como o lugar, relativo a uma dada representação, onde a impressão incentivada pela encenação é sabidamente contradita como coisa natural. [...] É aqui onde se fabrica laboriosamente a capacidade de uma representação expressar algo além de si mesma.” (p. 106) Ex: na sua própria casa, no seu quarto, atrás da tela de um computador.

publicação. O indivíduo muitas vezes busca artifícios, como *memes* ou gírias, para que até mesmo um simples comentário possa ter uma maior atenção.

Para além disso, podemos perceber que, a depender do que a publicação feita no grupo estimule como reação ou quem está como plateia nesta (o Facebook mostra algumas interações de pessoas que estão adicionadas à conta pela qual se acessa o grupo, por isso é possível saber alguns dos seus contatos que interagiram com a publicação que aparece no *feed*), a reação pode ser de uma região ou outra.

Isso fica bastante claro quando os membros reclamam de pessoas conterrâneas no grupo, pois elas fazem parte cotidianamente de sua plateia de fachada, podem vir a desmascarar uma representação que é feita perante o público geral do facebook e de fora dele. É o que Goffman (1985) chama de intromissões inoportunas (p. 192), quando algum intruso invade os bastidores e acabam por ver o que não deveria, desmascarando o ator que está representando.

Quando essas intromissões acontecem, ocorrem rupturas de representação, e estas rupturas fazem com que muitas vezes uma nova cena se forme, e que a ação anterior seja abruptamente substituída por outra, que pode ter cunho totalmente inverso. Muitas vezes a plateia não reage bem no momento em que há essa ruptura de representação e alguns atores, quando descobertos, optam por falar umas verdades para a plateia, modificando o teor de sua representação (GOFFMAN, 1985. p. 193). É o que acontece quando um membro do LDRV é confrontado com a presença de alguém da sua região de fachada obtendo informações da sua região que poderia ser de bastidores, que são as interações no grupo.

Por vezes, do mesmo modo, há uma cumplicidade entre os atores e seu público, e essa relação favorece que deslizos sejam desconsiderados ou ignorados, a fim de não desmascarar o ator em torno dessa afinidade (GOFFMAN, 1985. p. 214). É o caso dos amigos mais íntimos que estão presentes no grupo, os quais fazem parte da equipe de bastidores, para quem o indivíduo não precisa representar o que não é ou que quando representa algo, estes não o tiram de uma condição de fachada.

Sendo assim, criam-se espaços peculiares no LDRV, em que as pessoas se movem entre a região de bastidores e a região de fachada, de acordo com o que se convém. Além disso, precisam se reconhecer entre si, para que haja entrosamento e que se formem laços, mesmo que superficiais, mas sempre buscando por identificações e sempre com a necessidade de ser visto. Assim, são construídas as personas dentro do ciberespaço em



geral. Da mesma forma, o grupo LDRV se faz um espaço peculiar, de pessoas e personagens que se destacam diariamente.

### **3.3 – TESTEMUNHOS EM REDE: ANTES SEGREDOS DE DIÁRIO, HOJE POSTAGENS DO FACEBOOK**

Anthony Giddens (2002) aponta que virtualmente toda experiência humana é mediada, seja pela socialização ou pela linguagem. A linguagem e a memória estão diretamente ligadas tanto com relação à memória individual quanto ao da institucionalização da experiência coletiva. No caso dos testemunhos, usa-se da linguagem para compartilhar uma memória, compartilhar uma experiência com outras pessoas. O autor diz ainda que a linguagem é o meio original e principal de separação do tempo e espaço<sup>58</sup>, pois através dela, o indivíduo pode não estar mais em uma situação e mesmo assim acessá-la, em forma de memória, é onde diferencia-se a vida humana da imediatez das experiências dos animais.

A linguagem nos permite diferenciar passado, presente e futuro. A palavra falada se mantém no tempo, como o significado das coisas, por isso as experiências compartilhadas são guardadas como exemplos. É por isso que a linguagem está diretamente ligada às tradições. É por meio dela, em suas diversas formas, que as tradições se mantêm. Com relação à linguagem e suas diversas formas em prol do avanço, da mediação social, o autor aponta sua estreita relação com a modernidade:

O desenvolvimento e expansão das instituições modernas está diretamente envolvido com o imenso aumento na mediação da experiência que essas formas de comunicação propiciaram. (GIDDENS, 2002. p. 29)

Ao passo que os meios de compartilhar experiências eram criados, aumentava-se a potencialidade que a linguagem tem de atingir os indivíduos. Por exemplo, quando os livros eram manuscritos, o processo de compartilhamento era muito mais lento, porque eram poucas unidades e estas precisavam passar de mão em mão, já com a tecnologia de impressão, tornou-se possível atravessa o espaço tão facilmente quanto o tempo porque poderiam ser distribuídos para muitos leitores mais ou menos simultaneamente (GIDDENS, 2002. p. 29).

---

<sup>58</sup> Condição ao qual Giddens (2002) aponta como um dos três elementos que compõem a o dinamismo da modernidade, juntamente com outros dois, o desencaixe das instituições sociais e a sua reflexividade intrínseca. “A condição para a articulação das relações sociais ao longo de amplos intervalos de espaço-tempo, incluindo sistemas globais.” (p. 26)

Com o avanço das tecnologias de comunicação, inicialmente pelas histórias dos livros ou jornais, tornava-se mais fácil a forma compartilhamento de experiências. Logo as obras biográficas, diários íntimos, etc. começaram a se disseminar e alimentar o gosto dos sujeitos pelo que é real e o que é íntimo. Para mais, do que o sujeito poderia aproveitar do verdadeiro e real na própria realidade.

Para o autor as semelhanças entre a tradicional mídia impressa e a mídia eletrônica são bem mais importantes que suas diferenças, principalmente na constituição das instituições modernas da sociedade. Para ratificar isso, Giddens (2002) apresenta duas características da experiência transmitida pela mídia nas condições da modernidade: o efeito colagem e a intrusão de eventos distantes na consciência cotidiana.

A primeira característica dá ênfase ao fato de histórias diferente comporem o mesmo espaço, de certa forma, pois as histórias que são compartilhadas por jornais, apesar de estarem lado a lado, não têm necessariamente semelhanças entre si. Por isso, esse efeito desprende a informação totalmente do lugar. Da mesma forma podemos relacionar com as redes sociais nos dias atuais, diversos tipos de conteúdo são ofertados ao mesmo tempo, num mesmo espaço, sem que tenham relação uns com os outros, muito menos a necessidade de ter um lugar de origem onde precisem estar.

Já o segundo é quase que autoexplicativo, a intrusão de eventos distantes na consciência cotidiana é o que certos tipos de notícias influenciam diretamente no particular, ainda que o evento noticiado tenha grande distância do indivíduo. Por exemplo, todos sabem da realidade da violência que assola o país, mas nem todos os indivíduos já foram acometidos por ela, entretanto não se questiona a gravidade da situação muito menos a existência dela, pois é comum ouvirmos relatos sobre esse triste aspecto. Pela mídia ou por meio dos testemunhos de assaltos ou outros tipos de violência presenciados por conhecidos e compartilhado nas redes sociais. “Em suma, nas condições da modernidade, os meios de comunicação não espelham realidades, mas em parte as formam.” (GIDDENS, 2002. p. 32)

Essas características tendem a elevar o nível de desenvolvimento social:

As características unificadoras das instituições modernas são tão centrais para a modernidade [...] quanto as desagregadoras”. E mais, “o ‘esvaziamento’ do tempo e do espaço pôs em movimento processos que acabaram por estabelecer um ‘mundo’ único onde antes não existia nenhum (GIDDENS, 2002. p.32).

E por conta das influências sobre o indivíduo dessa modernidade, a consequência é que a partir deste compartilhamento de experiências e consequente mudanças que ocorrem, forma-se o que Giddens (2002) entende como um “nós”, lidando com problemas e oportunidades de forma universalizada.

Buscamos Arfuch (2010) para interpretar de que forma os relatos autobiográficos se tornaram a peça-chave no compartilhamento de experiências e na construção da sociedade contemporânea. A autora explana que o objetivo do seu estudo, em especial, é ir além de exemplos autobiográficos, é compreender a ênfase biográfica que caracteriza o momento atual.

Propor relações, em presença e ausência, entre formas com grau diverso de proximidade, relações nem necessárias nem hierárquicas, mas que adquirem seu sentido precisamente num espaço/temporalização, numa simultaneidade de ocorrências que por isso mesmo podem se transformar em sintomáticas e serem suscetíveis de articulação, ou seja, de uma leitura compreensiva no âmbito mais amplo de um clima de época (ARFUCH, 2010. p. 58).

Observar o espaço biográfico pela perspectiva de Arfuch (2010), em que o relato biográfico parece se relacionar com quem o lê, de uma forma a ser considerado por seu compartilhamento de experiências e não por qualquer outra condição que ele carregue “permite a consideração das especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas da comunicação e da ação” (p. 59).

Há de se destacar que a autora aponta o espaço enunciativo midiático como um espaço que proporciona maior evidência a respeito da não coincidência entre autor e narrador, pois trata-se ali verdadeiramente da construção dialógica, triádica e polifônica das “autobiografias de todo mundo” (idem, p. 63). Sendo desta forma uma narrativa em que todos influenciam em sua construção, não apenas o autor ou narrador, inclusive dando a devida importância ao indivíduo que receberá essa autobiografia.

É como a autora explica, existe um caráter dialógico na própria comunicação, em que se dá a devida importância ao enunciador mas também ao seu receptor e dessa moldura podemos inferir a intersubjetividade que existe nas formas biográficas. Funcionando também como um acordo, em que os dois lados possuem suas funções.

Mas esse dialogismo é, por sua vez, múltiplo: o enunciador e o destinatário são ao mesmo tempo suportes dessas vozes outras que alentam na linguagem, fenômeno que concerne igualmente a possibilidade relacional dos discursos, essa deriva das significações que conhecemos como intertextualidade (ARFUCH, 2010. p.68)

Mais que isso, a construção das narrativas biográficas não diz respeito apenas ao leitor e o enunciador, do mesmo modo o contexto tem sua importância. O ambiente em que se dá a narrativa autobiográfica influencia diretamente no final desse processo. Volta-se, principalmente para a evolução da soma de tudo isso como uma comunidade. A partir do conhecimento gerado no “nós”, avança de uma forma geral todos que se incluem nesse “nós”. Como em um ciclo, onde a partir das experiências dos outros progride-se particularmente e a essa evolução reflete no geral e assim sucessivamente.

Para além dos relatos biográficos exteriorizados, Arfuch (2010) caminha em direção à intimidade e discute até os diários íntimos. Nestes há uma infinidade de possibilidades de linguagens e temas, de vertentes e de histórias, tudo gira em torno do tempo e das necessidades de quem o escreve, não importa se são delírios, segredos, reais ou inventados, os diários íntimos nos leva a mergulhar profundamente no eu, de forma a conhecermos o que se passa intimamente com o autor.

Se se pensa a intimidade como subtração ao privado e ao público, o diário podia ser seu cerimonial, a cena reservada da confissão [...], o ritual do segredo zelosamente guardado – a gaveta escondida, a prateleira, a chave. (ARFUCH, 2010. p. 143)

O precursor da intimidade midiática, que não apenas diz, mas mostra o íntimo até mais do que o diz. Alguns vieram a conhecimento público e outros até foram feitos com essa finalidade, como os exemplos dados pela autora: Byron, Tolstói, Simone de Beauvoir, André Gide, entre outros. Levando o íntimo ao público, o que Arfuch (2010) chamou de o espetáculo da interioridade (p. 143).

A autora salienta que nos diários o que importa é fazer o registro, registro do que o eu foi dia a dia, ainda que o que se viesse a escrever fosse de total insignificância. Mas havia a necessidade de registrar-se, como que uma marca no tempo e espaço. Arfuch (2010) dá forma a alguns diários íntimos, uns são como os de etnógrafos e viajantes – trazem uma certa rotina, entremeado por aventuras e descobertas – outros são como álbum de fotografias – que além das imagens que traz, pede juntamente com ele um trabalho de narração – e há ainda os que são como tábuas de salvação – que seriam aqueles que trazem histórias que, quando se acabam, trazem consigo segredos e traumas que não querem ser revividos e só precisavam ser encerrados (p. 145).

Com tantas possibilidades de escrita, os diários íntimos trazem consigo uma gama de caminhos, mas todos estão dentro dos relatos biográficos, com a diferença de que o

diário era a forma mais profunda de se conhecer o eu e de produzir o eu. Busca-se o íntimo e compartilha-se o mesmo para conhecimento geral, como na contemporaneidade, quando vemos as redes sociais forjarem novas versões dos antigos diários íntimos.

A internet conseguiu, assim, popularizar novas modalidades das (velhas) práticas autobiográficas das pessoas comuns, que, sem necessidade de mediação jornalística ou científica, podem agora expressar livre e publicamente os tons mutantes da subjetividade contemporânea. (ARFUCH, 2010. p. 150)

Ao lidar com narrativas pessoais em meio a um incontável número de postagens banais, foi criado um estranhamento pessoal em mim, ou melhor, um questionamento. Do porquê daqueles testemunhos pessoais e muitas vezes dramáticos em um meio nem sempre acolhedor ou sério. Essa inquietação despertou diversos problemas e possibilidades. Buscando o exemplo do professor Leandro Lage (2018) confronto a primeira questão, os personagens daquela narrativa não são sujeitos homogêneos, sendo assim não são unicamente o que a narrativa expõe, esse lugar de sujeito é ambíguo. Esse protagonista tem outros papéis também importantes, pode ser uma pessoa comum, com capacidade para sofrer, trabalhar, conversar, perseguir seus objetivos, planejar o futuro e, principalmente, avaliar a própria condição, muitas vezes de uma perspectiva externa.

Assim como Lage (2018), percebi a importância dos testemunhos, primeiramente por identificação e empatia, após com um olhar mais crítico e pesquisador, que percebeu naqueles testemunhos virtuais o lugar de uma política possível (p. 19), onde se enxerga para além de narrativas, observam-se a importância daquela fala para uma comunidade (LGBTI), o compartilhamento de uma experiência – boa ou ruim, mas que de toda forma funciona como um ponto de partida para os demais sujeitos que passam por essa situação também se enxergarem –, um lugar de fala que muitas vezes é abafado socialmente, por vezes semelhantes ao exemplo utilizado pelo professor, são pessoas cuja existência, cidadania e direitos são ignorados (p. 19).

O autor se torna afim desta pesquisa quando busca observar o testemunho com a característica de tornar possível o reconhecimento de uma humanidade comum ou de ensejar um reajuste das medidas do comum (LAGE, 2018. p. 20). E nos ajuda a compreender melhor quando assinala que mais do que possibilidades, o testemunho se apresenta concretamente em nossa vida cotidiana, em grande parte, graças às práticas midiáticas que o incorporam (p, 27), e ainda observar o testemunho como atividade atravessada pela revelação de uma vulnerabilidade comum (p.49).

Histórias, desabafos, criações de ficção ou performances são compartilhadas diariamente nas redes sociais, de forma mais íntima apenas em ambientes onde a receptividade para tal se faça presente. E para que isso ocorra, é necessário que o contexto seja de acordo e que todos os atores, autor e leitor, possam se identificar entre eles e com o ambiente em que se encontram, para que possam se permitir que as experiências sejam trocadas de forma íntima e fluida. Uma troca que compõe o ciclo da construção social.

### **3.4 – O SUJEITO E A REPRESENTAÇÃO DE SI: EM BUSCA DE IDENTIFICAÇÃO E ACOLHIMENTO**

Giddens (2002) acentua que as novas condições – universo social pós- tradicional, organizado reflexivamente, permeado por sistemas abstratos, e no qual o reordenamento do tempo e do espaço realinha o local com o global – colocadas pela vida moderna tardia interferem diretamente na mudança de comportamento dos indivíduos que estão nesta sociedade, ou seja, no *eu*. Este eu que diariamente se vê obrigado a fazer escolhas, das mais variadas naturezas, e, diferentemente do que se via nas sociedades tradicionais que impunham o que deveria ser escolhido, a sociedade moderna coloca frente ao indivíduo uma grande quantidade de possibilidades e pouca informação sobre quais deveriam ser seguidas, por isso várias consequências se dão.

Uma delas é o estilo de vida, que se dá não apenas pela perspectiva consumista, afirma Giddens (2002), mas vai além disso, “não só seguimos estilos de vida, mas num importante sentido somos obrigados a fazê-lo — não temos escolha senão escolher”. O estilo de vida vai além das coisas que o indivíduo consome, diz respeito às práticas que ele abraça, “não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade” (p. 79).

Esta auto-identidade difere-se das identidades de sociedades tradicionais porque nelas não existia uma autonomia do indivíduo para escolhas, de certa forma as identidades eram padronizadas e impostas no seu formato. Já na alta modernidade essa autonomia para escolhas é recorrente, porém limitada até certo ponto. Essa possibilidade de escolhas também permite um caráter mutável dessa auto-identidade, suas rotinas estão suscetíveis à mudanças. E Giddens (2002) frisa que essa mutabilidade da auto-identidade diz respeito não apenas a como o indivíduo deve agir, mas também a quem ele deve ser. Para fazer escolhas, é necessário desprender-se dos contextos tradicionais de atividade. A variação nos estilos de vida entre os grupos também são marcas das diferenças de classe no reino da produção.

Falar de uma multiplicidade de escolhas não é o mesmo que supor que todas as escolhas estão abertas para todos, ou que as pessoas tomam todas as decisões sobre as opções com pleno conhecimento da gama de alternativas possíveis. (GIDDENS, 2002. p. 80)

Adotar um estilo de vida significa seguir hábitos e orientações, que todos os estilos de vida precisam ter, para que haja uma certa continuidade, para que seja possível optar pelas escolhas cotidianas num certo padrão. Cada um desses estilos de vida é gerado e colocado à disposição do indivíduo com base na escala social, econômica e de classe, onde em cada uma dessas classes existirá algumas possibilidades de estilos de vida, onde o indivíduo dentro de suas possibilidades escolhe o que seguir. Existem, obviamente, pessoas que fogem à regra e conseguem viver estilos de vida que não condizem ou não fazem parte das possibilidades para a sua realidade, mas são exceções.

A partir dessas colocações, o autor traz um termo que Berger (1974) chama de “pluralização dos mundos de vida” para explicar os diversos e segmentados ambientes da vida da alta modernidade, uma vez que nas sociedades pré-modernas, os ambientes se completavam ou estavam diretamente ligados, completamente diferente do que se passa na contemporaneidade. Essa pluralização dos ambientes se dá devido a diferenciação entre os domínios público e privado, sendo que cada um deles também está sujeito às pluralidades dentro deles, eles estão diretamente ligados a ambientes específicos de ação que também expressam.

Na alta modernidade, como Giddens (2002) se refere aos tempos atuais, os indivíduos não estão constantemente em ambientes onde seu estilo de vida possa prevalecer, na verdade o que acontece é o inverso. De forma geral, o indivíduo está, por conta do trabalho, estudos, vida social e etc., colocado em ambientes onde seu estilo de vida pode não ser predominante, por vezes pode ser minoritário.

Nesses casos, quando o seu estilo de vida é posto em questão, geralmente o indivíduo se molda e se adapta aos espaços, formando algumas personas ou criando um estilo de vida múltiplo. Por conta dessa variedade de ambientes de ação, no qual o indivíduo está inserido, as escolhas de atividades tendem a ser segmentadas, de forma que o modo de ação deste indivíduo esteja condicionado ao ambiente em que ele se encontra, o que o autor chama de setores de estilo de vida<sup>59</sup>.

---

<sup>59</sup> “Um setor do estilo de vida se refere a uma "fatia" do tempo-espaco do conjunto das atividades de um indivíduo, dentro do qual um conjunto de práticas relativamente consistentes e ordenadas é adotado e encenado.” (GIDDENS, 2002. p. 81-82)

Outro fator colocado por Giddens (2002) em relação à pluralidade da escolha é o impacto existencial da natureza contextual das crenças garantidas nas condições da modernidade (p.82). Isso significa que na alta modernidade não há certeza que perdure, a mutabilidade existe em todos os âmbitos, mesmo com relação ao que o autor chama de autoridades mais fidedignas, todos estão propensos a uma “nova ordem”. O exato sempre está em aberto para ser superado, seja no âmbito científico ou social.

Além deste, o autor aponta como outro fator que condiciona a pluralidade de escolhas a experiência transmitida pela mídia. Com o avanço da globalização da mídia, deram a possibilidade de alguns ambientes tornarem-se visíveis a quem desejasse saber mais sobre. E mais, o efeito colagem da televisão e dos jornais dá forma específica à justaposição dos ambientes e escolhas potenciais de estilo de vida (p. 82), ou seja, são infinitas as possibilidades de estilos de vida disponíveis de uma forma geral, mas nem todos estão ao alcance de todo mundo, desta forma em algum momento pode haver esse contato por meio da mídia. Falamos em mídia de uma forma geral, porque essa justaposição de ambientes não está restrito apenas à televisão ou jornais, a internet talvez seja o meio moderno mais fácil de se ter acesso a todos os estilos de vida possíveis. Por meio das mídias o indivíduo toma conhecimento de vários ambientes, inclusive de alguns que ele pode nunca ter acesso presencialmente, entretanto só esse fato de ele ter tido um contato com outros estilos de vida já quebra algumas barreiras, algumas questões e até preconceitos. “Como resultado, a ligação tradicional entre "ambiente físico" e "situação social" foi solapada; situações sociais que vêm pela mídia constroem novas semelhanças — e diferenças — entre formas pré-constituídas da experiência social” (GIDDENS, 2002. p. 83)

No contexto de inúmeras alternativas de estilo de vida, o planejamento estratégico de vida se faz necessário. Esse planejamento pode ser entendido como o conteúdo substancial da trajetória reflexivamente organizada do eu (idem, p. 83) e ajuda a organizar um plano de ações futuras em prol da biografia do eu. Funcionam juntamente com calendários pessoais, em que o tempo do indivíduo é relacionado a eventos significativos, permitindo que aquele indivíduo divida seu tempo de forma personalizada e estão sujeitos a mudanças de acordo com as necessidades de cada um, mas também pode ser relacionado com experiências compartilhadas pela mídia, por exemplo uma viagem pessoal que está marcada para o período da Copa do Mundo, unindo o pessoal com o fator externo.

Claramente que esse planejamento se dá de forma em que não necessariamente seja minuciosamente cumprido e nem que seja um planejamento para a vida inteira.



Apenas auxiliará o sujeito a fazer suas escolhas, selecionar estilos de vida de acordo com ambiente e de modo geral conduzir suas ações cotidianas. Novamente salientamos que as oportunidades se dão de acordo com as condições em que o indivíduo se encontra, não são tão abertas as possibilidades, muitas vezes, inclusive, só reforçam os contextos socialmente impostos. “As possibilidades negadas pela privação (sócio)econômica são diferentes e vividas de maneira diferente — isto é, enquanto possibilidades — da exclusão originada pelo quadro da tradição” (p. 84).

Nessas condições menos favorecidas também se criam estilos de vida, são aqueles que o indivíduo se adequa ao que a realidade dele permite. Neste meio, a auto-identidade gerada é tão importante quanto as mais prósperas e mais afetadas por influências globalizantes, mas as privações que lhes são condicionadas podem “tornar essas tarefas um peso quase insuportável, uma fonte de desespero e não de auto-enriquecimento” (GIDDENS, 2002. p. 84). Esta condição interfere também principalmente no planejamento de vida do indivíduo, com relação ao tempo que nem sempre está ao seu favor.

Muitos hábitos dos estilos de vida são construídos pelas resistências da vida nas periferias e também pela elaboração direta de estilos culturais e modos de atividades distintos vindos de lá (p. 84). Apesar de não serem socialmente bem aceitos, de uma forma majoritária, esses estilos de vida são tão ricos culturalmente e historicamente quanto qualquer um outro, por isso existem pessoas de fora desse ambiente social que passeiam por ele, justamente para ter acesso aos modos culturais. O fortalecimento das minorias que vem acontecendo nos tempos mais recentes, tem ajudado muito na consolidação dessas identidades perante à sociedade que um dia os invisibilizou e ainda invisibiliza, mas que agora abre um espaço para que essas identidades possam se expressar.

Finalmente, a pluralidade de escolha também está diretamente ligada às relações com os outros. “É característico dos sistemas modernos de intimidade sexual e de amizade que os parceiros sejam escolhidos voluntariamente entre uma diversidade de possibilidades” (p. 85). As relações também não escapam das escolhas, em todos os níveis inclusive de intimidade, pois estas relações influenciam diretamente nas escolhas dos estilos de vida, condicionam as ações e influenciam diretamente na identidade do sujeito.

Um exemplo fundamental é o próprio contexto desta pesquisa. Os indivíduos que serão observados vivem em diversos estilos de vida, muitas vezes que diferem ou contrastam totalmente do que a essência pede. Especificamente, pessoas da comunidade LGBTI, que vivem em meios que geralmente comportam ações e comportamentos

homofóbicos como a sociedade de forma geral, vivem constantemente “no armário”, não apenas no ambiente familiar – que geralmente é onde existe maior resistência com relação a todas as condições LGBTI – mas nos mais diversos setores de estilos de vida.

Elas precisam se adaptar a esses ambientes, muitas vezes reprimindo a si mesmo para que se torne possível a vivência em sociedade. Entretanto, esta pesquisa atinge aqueles que não se permitem viver escondidos e assumem uma auto-identidade, mesmo que esta seja marginalizada, em prol do bem-estar e da valorização do eu real.

As redes sociais online, como Papacharissi (2011) indica, possuem um ambiente múltiplo, que contém uma diversidade de públicos, de privacidade variável, e uma única multidão de espectadores observando o mesmo desempenho, mas de uma variedade de pontos de vista, dependendo de sua relação com o eu que se apresenta (p. 307). Dessa forma, inúmeras possibilidades de escolhas são postas frente ao sujeito, que tem a oportunidade de escolher que performance cabe melhor perante sua escolha de vida.

Podendo também adotar mais de uma, pois as redes sociais, como a sociedade de um modo geral, possuem uma variedade de ambientes onde várias personas do sujeito são possíveis. Também há a possibilidade do sujeito mesclar diversas características de diversos ambientes, para quem mais de um seja englobado em um eu mais generalizado. Mas também existe a possibilidade de ser expressado um eu mais fundamentado nas raízes do sujeito, um eu que esteja reprimido e que sente a necessidade de ser expressado, mas não é em qualquer condição que essa expressão é possível.

Para que seja possível a valorização do eu que o indivíduo deseja externar, é necessário buscar ambientes que já possuam aquele modo de vida de forma consolidada, para que haja um fortalecimento da auto-identidade e assim seja possível levar o seu estilo de vida próprio aos mais diversos ambientes, mesmo que estes não estejam a favor dela. Um ambiente que agrega nessa situação específica é o grupo Lana Del Ray Vevo, nele é possível a imersão em um mundo majoritariamente LGBTI, onde o indivíduo que está incluso nessa comunidade se reconhece, se vê representado nas pessoas que ali estão e, principalmente, se identifica e fortalece sua identidade.

Castells (1999) define a identidade como a fonte de significado e experiência de um povo (p. 22) e também afirma que a identidade é construída. É construída a partir de como este indivíduo reage aos conteúdos que lhe são expostos – informações dos mais diversos âmbitos como instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva, fantasias pessoais, aparatos de poder, etc. – e como este processa tais informações, de acordo como a relevância que elas têm dentro da sua estrutura social (p. 24).

O que podemos observar também no Lana Del Ray Vevo é como as informações e conteúdos que são compartilhados naquele ambiente contribuem para o reforço de uma identidade que Castells (1999) define como *identidade de resistência*<sup>60</sup>, mas que busca se tornar, à medida que se fortalece, uma *identidade de projeto*<sup>61</sup> e que tem se reafirmado e fortalecido perante a sociedade por estar em uma condição de consolidação por conta dessa movimentação coletiva.

Justamente a *identidade de resistência* acaba por construir o que Castells (1999), com base em Etzioni, chama de comunas ou comunidades e, para o autor, esta talvez seja a forma de construção de identidade mais importante para a sociedade, porque ela dá origem às resistências às opressões que estão intrínsecas e encruadas na sociedade, baseadas em justificativas históricas ou biológicas, por exemplo (p. 25). É a construção de uma identidade, de resistência o que vemos predominantemente dentro do LDRV. A luta LGBTI é uma das mais fortes identidades de resistência presentes no grupo. Cotidianamente, a partir de publicações que relatam de LGBTIfobia, observa-se uma onda de fortalecimento do discurso de que é necessário resistir ao que a sociedade impõe de forma geral e essa situação colabora para que os membros compartilhem mais histórias. Este é um exemplo das novas formas de transformação social possíveis, apontadas pelo autor, em virtude da sociedade em rede.

As comunidades formadas a partir dessa identidade são a principal alternativa para que esses indivíduos possam construir significados na sociedade. Por isso, essas comunidades são de suma importância para que estes indivíduos possam ser reconhecidos como atores sociais relevantes e as redes transcendem o tempo e o espaço, permitindo assim que se estabeleçam com contribuições que são atemporais. E essas reações defensivas provenientes dessas comunidades tornam-se fontes de significado e identidade ao construírem novos códigos culturais (CASTELLS, 1999. p. 85).

Percebe-se que, no caso dos grupos das redes sociais, se pode escolher o ambiente em que se vai interagir e também se este se adequa aos seus objetivos na sociedade. Essa escolha é baseada em fatores pessoais que compõem a identidade.

---

<sup>60</sup> Criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos, conforme Calhoun ao explicar o surgimento da política de identidade. (CASTELLS, 1999. p. 24)

<sup>61</sup> Quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. (CASTELLS, 1999. p. 24)

Assim, poderíamos imaginar a comunidade como um núcleo mais denso na rede social, constituído de laços fortes, capital social de segundo nível. Por causa da característica da agregação, temos atores sociais sendo incluídos no grupo e atores saindo do grupo. (RECUERO, 2009. p, 145)

Neste momento precisamos resgatar o conceito de acolhimento que trabalhamos, pois é em busca de acolhimento que os sujeitos buscam esses locais onde possam se identificar a ponto de serem recebidos e principalmente acolhidos sem condições para tal. Nesse caso as características que muita vez são negadas como condições de convívio social – como o fato de fazer parte de uma comunidade muitas vezes subjugada, como a LGBTI – em grande parte dos ambientes sociais possíveis, em ambientes como o LDRV são elementos de agregação.

O vínculo necessário para que o acolhimento se dê de forma eficiente, que Garuzi (2014) nos apontou, se faz justamente dessas carências, dessas feridas sociais que estão há muito tentando ser superadas, começam a ganhar um espaço e ser o laço que une muitos indivíduos, que formam comunidades e ambientes sociais que agregam pelo simples fato de abraçar estes indivíduos que não conseguiram formar vínculos emocionais em todos seus setores de vida que segregavam sua essência de alguma forma.

Partindo do que a autora conceitua como acolhimento, essas relações e esses laços criados a partir de alguma carência do indivíduo surgem de forma a suprir suas demandas afetivas e sociais, desenvolvendo e fortalecendo afetos.

É por meio das contribuições desenvolvidas ao longo deste trabalho que buscar-se-á compreender como o LDRV tornou-se um ambiente que vai além do seu viés humorístico, que representa para muitos de seus membros, senão a maioria, um lugar de representatividade e de acolhimento. Suprindo as demandas e carências sociais da comunidade LGBTI que existe no grupo, sendo palco para as representações do eu, por meio de testemunhos e compartilhamento de experiências.

#### 4 SUA VIDA EM UMA TOUR DO LANA DEL RAY VEVO

*“Esse lugar central, essa exterioridade íntima,  
essa extimidade, que é a Coisa.”*

*Jacques Lacan*

O ambiente das redes sociais online favorece a criação de performances, personagens e ambientes que consolidam vários tipos de expressões. Comumente vemos tais espaços serem entulhados de sorrisos e representações de vidas perfeitas e felicidades plenas, que muitas vezes mascaram uma realidade que pode ser exatamente o inverso. Entretanto, alguns desses espaços permitem que essa configuração idealizada das performances dê lugar ao sofrimento, aos momentos ruins e ao desabafo. A busca por apoio em meio às comunidades virtuais tornou-se uma nova forma de criar laços, mitigar ainda que temporariamente a solidão, encontrar conforto e cumplicidade entre aqueles que compartilham de angústias e dores semelhantes.

Embora por vezes contenham um teor humorístico, entre outras características, esses ambientes também podem propiciar testemunhos e assuntos mais delicados, como é o caso do Lana del Ray Vevo, nosso objeto de estudo. Apesar de ser um grupo que se define como de diversão e escape, o LDRV em muitos momentos deixou essa característica principal de lado para se adaptar às necessidades de seus membros.

O caminhar da nossa pesquisa nos mostra o quanto algumas comunidades virtuais podem gerar mudanças nas vidas dos indivíduos que delas fazem parte. O Grupo Lana del Ray Vevo é um ambiente multifacetado, heterogêneo e rico em sua diversidade de temáticas e de pessoas, agindo de formas variadas na vida daqueles que o constroem diariamente ao longo de sua existência. Fugindo ao padrão das redes sociais online em que se destacam os triunfos da vida, no grupo, há lugar para as glórias e felicidades, mas também para testemunhos da vida como ela é, cujo teor, sabe-se de antemão, nem sempre é auspicioso.

Para mergulharmos no LDRV e discutirmos a face supostamente afetiva e acolhedora que destacamos ao longo desse trabalho, neste capítulo final analisamos os dados de campo, colhidos por meio de entrevistas semiestruturadas, com alguns de seus membros, que sua, tiveram como foco central a maneira como repercutiu no grupo o relato ali compartilhado sobre a revelação para a família de sua orientação sexual, em geral um dos momentos mais delicados na vida de um LGBTI, para muitos o mais

sensível e temido entre todos. Na entrevista, eles falaram sobre vários aspectos dessa experiência a partir das interações no grupo, bem como sobre a percepção mais ampla que têm do LDRV como espaço de interação.

A seleção dos interlocutores da pesquisa se deu, portanto, a partir do recorte de posts que eles fizeram no grupo sobre o momento específico em que “saíram do armário” no âmbito familiar. Inicialmente foram selecionadas, da 11ª era do grupo, 14 postagens utilizando a ferramenta de busca do Facebook como mecanismo e, dentre as que apareceram, estas 14 tiveram maior repercussão. Todavia, nem todos os autores destas publicações estavam disponíveis para participar da pesquisa e ao serem contatados, dispensaram o convite ou não responderam. Assim, nosso número final de selecionados foi de oito membros – sendo 3 mulheres e 5 homens –, os quais aceitaram participar deste trabalho com seus nomes reais e relatando quais suas experiências adquiridas a partir de sua participação no grupo por meio de entrevistas. Entretanto seus nomes foram protegidos por questões éticas.

A jovialidade é uma das características mais fortes do Lana Del Ray Vevo e isso se reflete em nosso segmento. Com idades entre 18 e 27 anos, os membros entrevistados demonstram segurança e familiaridade quando o assunto é o grupo. Relembrando o que Braga (2008) propõe, as experiências, quando partilhadas em uma comunidade não apenas se tornam de conhecimento dos outros, e sim algo que esses indivíduos tomam para si, por isso infere-se que esses membros podem aumentar sua experiência de vida a partir do que já presenciaram no grupo. Especialmente quando se trata de temas tão seletos e sensíveis, como alguns dos que afetam a comunidade LGBTI, pois são situações comuns que podem ocorrer ou ocorrem com todos os que dela fazem parte. Tomados pela importância ou gravidade dessas situações, os demais membros trazem para si os testemunhos, fazendo daquela publicação um gatilho para que, através da identificação, se encorajem a compartilhar a sua experiência pessoal.

Nem todas as publicações selecionadas tinham um teor de felicidade, especificamente, duas das oito fogem ao tom alegre do grupo e, por esses motivos, questionamos o dono do LDRV, Kaerre Neto, se aquelas postagens não poderiam ir contra a primeira regra do Manual do membro em que se diz que “*são proibidas a criação de posts (...) tragédias, abusos, (...) e qualquer problematização que influi o meio social em questões de direitos humanos*” para que se possa preservar o cunho humorístico do grupo. Se o tom não é nem de humor e muito menos de alegria, por que essas publicações ainda permaneceram no *feed*, sendo que outras semelhantes foram retiradas? Kaerre explica:

E é justamente esse um critério, é bom senso. Se a gente vê em primeira instância que aquilo vai apertar o gatilho psicológico de alguém, a gente apaga. Se a gente achar que, baseado na nossa experiência de vida, aquilo não vai afetar ninguém a gente deixa, agora se a gente vê que alguém comentou que foi prejudicial, que aquilo acabou com o dia dela aí a gente vai e apaga. A gente não quer prejudicar as pessoas, aí a gente faz esse filtro. Porque a pessoa tá no LDRV porque ela quer que aquilo seja um válvula de escape dos problemas aqui de fora, esse é o objetivo do grupo. Então, você tem um problema aqui fora e entra lá pra lembrar desse problema, então tá errada essa postagem. (Kaerre Neto, 2019)

Sendo assim, o compartilhamento desses momentos no LDRV depende de uma resposta positiva do grupo para se manter nele. O que percebemos, durante as entrevistas, ser comum em todas as postagens que selecionamos as respostas majoritariamente em tom positivo, ainda que a publicação trouxesse referências de infelicidade, os membros que reagiram a elas buscaram trazer conforto e afeto ao autor da publicação. Isso se dá por conta da identificação que Arfuch (2006) e Giddens (2002) permitem compreender como a forma de se ver no outro, pois esse sentido não se projeta apenas nos bons sentimentos e boas experiências, pelo contrário, a identificação se fortalece mais ainda quando nos deparamos com as mesmas fraquezas e dificuldades que existem em nós espelhadas no outro. Giddens (2002) mostra como se dá inicialmente o processo de identificação e como age no indivíduo que se identifica:

[...] assumir traços ou padrões de comportamento do outro que são relevantes para a resolução ou diminuição dos padrões geradores de ansiedade [...] relação espaço-temporal que é o palco de desenvolvimento da confiança básica, é o primeiro impulso para a identificação. [...] Tornar-se "parte do outro" constrói uma compreensão gradual da ausência e de que "o outro" é uma pessoa separada. (GIDDENS, 2002, p. 48-49)

Esse tipo de identificação desperta o sentimento de pertencimento, de empatia e de acolhimento. Pertencimento naqueles que se encontram em um meio cujas realidades cotidianas semelhantes são divididas, empatia naqueles que assumem seus privilégios e conseguem ver a dificuldade na vida do outro indivíduo e acolhimento pela maioria que passa, passou ou poderá passar por situações semelhantes, ao confortar o indivíduo que se viu diante de seus monstros, os quais podem ser enormes e aparentemente invencíveis ou que, apesar de causarem medo no início, foram superados e “domados”.

As experiências vividas no LDRV e compartilhadas conosco pelos oito interlocutores da pesquisa revelam que a identificação é fundamental para que as publicações como as deles tenham êxito em seu objetivo. A identificação está presente

antes – quando o indivíduo reconhece o espaço e se sente à vontade para compartilhar seu relato –, durante – ao criar aquela postagem o indivíduo busca atingir seus semelhantes e por isso se utiliza de expressões ou outros detalhes que os conecte – e depois – no momento em que os outros membros recebem aquele conteúdo e reagem a ele.

Como Recuero (2009) enfatiza, a identificação é essencial para todo tipo de relação online e todos os tipos de laços criados no ambiente virtual, especialmente em redes sociais online. Ela se fundamenta em afinidades, que decorrem de uma identificação inicial e passam pela interação até que o vínculo se crie e se consolide. A própria busca pelos ambientes online se dá deste modo. A autora também chama atenção para como se processam as interações no interior dos grupos, algo que é pertinente em relação ao nosso objeto. Sob sua ótica, as publicações aqui focalizadas foram feitas, em um primeiro momento, sem saber ao certo quem iria vê-las, entretanto elas foram, sim, direcionadas a uma parcela do grupo que poderia se identificar com a situação, os membros que também fazem parte da comunidade LGBTI. Dentre os mais de 950 mil integrantes, o objetivo dessas publicações não era necessariamente atingir a todos, mas sim uma parcela específica que poderia se identificar com o relato trazido nos posts.

A análise feita a seguir cruza a observação das postagens selecionadas, inferindo, a partir das edições, a repercussão que alcançaram e o conteúdo das entrevistas feitas com os autores dos posts, interlocutores da pesquisa, buscando compreender como a participação dos indivíduos no LDRV pode agir direta ou indiretamente na vida dos seus membros. Partindo da percepção dos interlocutores como norteadora desta análise, propomo-nos a investigar a possibilidade de acolhimento no grupo e se ela correspondeu às expectativas dos autores das postagens nos casos selecionados.

#### **4.1 – SAÍ DO ARMÁRIO, ISSO DÁ UMA TOUR! – AS POSTAGENS NO LDRV E SUA REPERCUSSÃO**

O momento da revelação, popularmente chamado de “saída do armário”, é uma etapa muito difícil na vida de muitos LGBTIs. Os indivíduos que compõem a comunidade precisam enfrentar a sociedade e a heteronormatividade nela enraizada em diversos níveis para que sua identidade e/ou sexualidade possam ser respeitadas e validadas, e uma das formas de se impor diante da sociedade é nessa ocasião. As formas que os indivíduos escolhem para concretizar este “evento” são pessoais e específicas, mas algo comum à maioria é a dificuldade que se encontra diante do ambiente familiar. Por isso,



consideramos o fato de algumas pessoas compartilharem essa experiência, nem sempre feliz, com o grupo de quase um milhão de pessoas.

Algumas concepções de família podem interferir diretamente na dificuldade que os LGBTIs encontram no momento de “sair do armário”. Serejo (2018) aponta duas concepções básicas de família vigentes atualmente:

De um lado uma ala extremamente conservadora que credita à família o status de base da sociedade, seria a partir desse núcleo que alcançaríamos uma vida social regulada e moralizada, logo, equilibrada. Para esse grupo, a família é vista como célula sagrada que precisa ser mantida intacta. Do outro lado, temos grupos e correntes para os quais a família, como instituição social, deve ser dissolvida, pois é parte de um sistema que impede o desenvolvimento social de fato. Sendo assim, esse núcleo seria altamente nocivo, sobretudo na forma de repressão às mulheres e crianças. (SEREJO, 2018. p, 44)

A ideia de que a família precisa ter uma estrutura heteronormativa é, em si, discriminatória, e essa concepção está tão enraizada na sociedade a ponto de outras formas de estrutura familiar – não as homoafetivas, mas as monoparentais<sup>62</sup> ou as famílias em que parentes de outros graus, como tios e avós, são responsáveis pela criação de crianças – reproduzirem o discurso de uma estrutura familiar “correta”. A família patriarcal, monogâmica e heterossexual é a estrutura central da problematização de Serejo<sup>63</sup> (2018), por isso o autor nos ajuda a perceber os pontos nocivos à sociedade, principalmente quando pensamos na comunidade LGBTI como um dos alvos dessa estrutura opressora. Isso porque grande parte das pessoas que compõem a comunidade LGBTI são provenientes de famílias que são ou que acreditam nessa estrutura patriarcal, que entendem essa formação como o modelo estrutural de família, combatendo tudo o que estiver fora da norma dominante.

A família também é o núcleo social do indivíduo, Serejo (2018) aponta essa instituição como mediadora entre o sujeito e a sociedade. Por isso, as concepções sobre determinados temas sociais chegam ao indivíduo em um primeiro momento quando lhe é apresentada a posição da sua família diante de tal tema. Ao viver em uma sociedade heteronormativa, os primeiros valores relacionados à comunidade LGBTI, sob os quais uma criança é socializada, em geral são de condenação moral aos que têm orientações sexuais que afrontam a norma estabelecida. Para alguém que se identifica como LGBTI,

---

<sup>62</sup> Famílias com apenas um pai ou uma mãe, sem a presença do outro.

<sup>63</sup> Para melhor compreensão sobre a histórica formação da estrutura familiar, recomendamos a leitura de Serejo (2018).

essa postura familiar diante do tema causa muitos conflitos internos e também dentro do seu contexto familiar.

A relação difícil no ambiente familiar é bastante comum, apesar de não representar a maioria dentre as publicações selecionadas. Reis (2017) destaca essa dificuldade enfrentada por homossexuais ao longo do tempo, abordando especialmente o fato de que, em vista da não aceitação no meio familiar, alguns começam a considerar como família aqueles que estão ao seu lado, geralmente amigos. Essa condição se deu por vários motivos e necessidades, mas sem dúvida sua principal fonte geradora foi o forte preconceito que se disseminou ao longo do tempo. A busca por acolhimento em meio aos seus semelhantes se fortaleceu.

Procurar apoio em meio aos seus é importante, Reis (2017) destaca alguns trabalhos que abordam essas relações e ressalta a importância de se observar essa busca por acolhimento no próximo semelhante:

Determinados contextos, espaços e temporalidades relacionados à homossexualidade expressam certa força afetiva e recíproca e uma noção de “família”, ou um sentido de “família, que é produzida/o de modo a ressignificar situações de vulnerabilidade, além de garantir segurança e proteção; (REIS, 2017. p, 213)

O acolhimento que se busca na comunidade virtual online, embora seja em certa medida distinto das situações apontadas pelo autor, não deixa de ser uma variante delas, uma vez que deriva do mesmo uso simbólico feito pelos “pares” ali presentes, que se amparam mutuamente e, assim, ressignificam sua condição vulnerável. Pelúcio (2017) sinaliza que, para pessoas que fogem à heteronorma, a internet é um lugar onde se pode estar a salvo, onde se pode encontrar seus semelhantes sem se expor a indivíduos contrários ao seu modo de vida. Ao compartilhar com o grupo um momento tão marcante para a vida de um LGBTI, busca-se mais do que atenção, busca-se apoio, empatia, identificação e também, em alguns casos, ajudar os seus semelhantes, dando-lhes a oportunidade de constatar que, apesar de este ser um momento difícil, é passível de ser superado.

Sedgwick (2007) ressalta a sorte de um LGBTI que encontra apoio em suas comunidades imediatas, pois nesse contexto o sujeito não se vê obrigado a estar constantemente em um armário, ainda que esta condição quase permanente de se ver em um armário seja uma característica substancial na vida social desses indivíduos. O indivíduo que recebe apoio da sua família ao assumir-se tem o privilégio de ter um ambiente em que possa ser quem é. Essa não é, porém, a realidade do nosso país e nem

da maioria das famílias que abrigam LGBTIs. As mortes contabilizadas por LGBTIfobia<sup>64</sup> no Brasil apontam um elevado índice de suicídios<sup>65</sup>, que são motivados muitas vezes pela não aceitação nesse âmbito mais próximo, pois em muitos casos (como um de alguns de nossos entrevistados) são expulsos de casa. Não menos cruel, entretanto, é a realidade de quem não é expulso, mas não é aceito e sofre com agressões físicas e psicológicas constantes, a ponto de levá-los a atentar contra sua própria vida.

Para além da curiosidade natural de um indivíduo sobre a “saída do armário” do outro, que Sedgwick (2007) enfatiza e que destacamos no início do trabalho, nos casos selecionados por nós o contexto é outro, não totalmente adverso pois sempre haverá curiosidade sobre essa experiência, mas há muito mais a desvendar do que as aparências sugerem. Identificação, empatia e acolhimento é o que gostaríamos de destacar inicialmente com relação às publicações.

As publicações feitas na décima primeira era do LDRV foram autorizadas por seus autores a serem compartilhadas no trabalho, como assinalamos anteriormente, entretanto serão transcritas a partir de agora, a fim de preservar a identidade dos demais membros que interagiram com a publicação. Serão sinalizadas as edições feitas e descritas as mídias. Todas as postagens<sup>66</sup> abaixo referem-se ao momento da “saída do armário” narrado no grupo pelos oito interlocutores<sup>67</sup> da pesquisa.

#### ***a) Postagem Alexandre***

*“A única pessoa que eu não queria me assumir da família era minha avó e meu avô, aí conversa vai, conversa vem, acabei falando pra ela. Já era de se esperar isso dela mesmo. Já passaram por isso??*

*Se flopar<sup>68</sup>, eu já to fucking sad mesmo.*

*edit1: minha grandma nem pisa na igreja há uns 10 anos e usa esses argumentos ???????*

<sup>64</sup> O relatório sobre o ano de 2018 do Grupo Gay da Bahia que “a cada 20 horas um LGBT morre de forma violenta vítima da LGBTIfobia, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais”. (Grupo Gay da Bahia, 2019. p, 01)

<sup>65</sup> “O suicídio é a 4ª principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, segundo recente pesquisa do Ministério da Saúde e de acordo com a revista científica *Pediatrics*, gays, lésbicas e bissexuais, devido à homofobia, têm 6 vezes mais chance de tirar a própria vida, em relação a heterossexuais, com risco 20% maior de suicídio quando convivendo em ambientes hostis à sua orientação sexual ou identidade de gênero.” (Grupo Gay da Bahia, 2019. p, 10)

<sup>66</sup> As postagens estão transcritas na íntegra e sem modificações de sua redação, da forma como foram postadas no grupo. Não houve alterações por parte da pesquisa.

<sup>67</sup> Não será citado o sobrenome dos interlocutores afim de preservar sua identidade como pede o Código de Ética de Pesquisas e Ciências Humanas.

<sup>68</sup> Verificar glossário.

*edit2: 90% da minha família sabe e são de boa, minha tristeza é porque minha vó sempre foi muito especial pra mim e acabou reagindo dessa forma.”*

A postagem de Alexandre, de 21 anos, foi publicada no dia 18 de março de 2017, com o objetivo aparente de desabafar e compartilhar com os demais membros do grupo a frustração de não ter sido bem aceito, após revelar sua sexualidade, para sua avó. A publicação teve 263 reações (210 tristes, 44 curtidas, 8 raiva e 1 amei) e 78 comentários, que em sua maioria tiveram um tom de pesar e de empatia, o que fez com que muitos membros compartilhassem suas experiências semelhantes, que inicialmente foram dolorosas, como a do autor, mas que com o tempo melhoraram ou ao menos foram amenizadas. Além do texto, o post continha também 7 capturas de tela, as quais mostravam a conversa entre Alexandre e sua avó em um aplicativo de mensagens instantâneas, sendo feitas duas edições após a publicação da experiência, as quais não alteraram o conteúdo do post, mas que foram feitas para que o autor pudesse responder de forma geral aos comentários que foram feitos em seu apoio.

Apesar da tristeza demonstrada, destacamos na fala de Alexandre um momento de revolta, provavelmente inflamado pela indignação de alguns outros membros do grupo, em que ele ironiza certa hipocrisia na fala de reprovação da sua avó, ao afirmar que “*minha grandma<sup>69</sup> nem pisa na igreja há uns 10 anos e usa esses argumentos?*” ele contesta com esse argumento, pois ela o acusa de desagradar Deus. Um enfrentamento bastante recorrente para a comunidade LGBTI, que encontra a mesma problemática, inclusive, em âmbitos sociais e de busca por direitos. Temos como exemplo a “*bancada da Bíblia*” no Congresso Nacional, por esta ser a principal antagonista aos direitos da comunidade LGBTI.

### ***b) Postagem Beatriz***

*“Manasss, hoje no meu niver de 18, criei coragem e contei pro meu pai que sou lésbica. Olhem a reação dele.*

*Melhor presente que esse eu não poderia ter ♥*

*Edith: Muito obrigada por todo carinho, e parabéns pra manas que eu vi que também fazem aniversário hoje. Só queria dar um abraço no papis, mas moro em Buenos Aires e ele em SP, mesmo assim nunca me senti mais abraçada e amada por ele ♥”*


A publicação de Beatriz, de 18 anos, foi feita no dia 16 de junho de 2018 e teve como principal assunto a felicidade da autora em ter assumido a sua sexualidade para seu

---

<sup>69</sup> Abreviação do termo em inglês *grandmother* que significa avó.

pai, no dia do seu aniversário de 18 anos, e ter sido bem aceita. A mídia da publicação era um vídeo de 1m33seg de gravação da tela do celular da autora, mostrando a conversa entre ela e o pai via aplicativo de mensagens, incluindo um áudio dele reportando o quanto a amava e aceitava a orientação sexual dela. A publicação foi uma das que mais repercutiram entre as demais selecionadas. Foram 16 mil reações (13 mil amei, 3.8 mil curtidas, 101 uau, 12 haha e 6 tristes) e 3,1 mil comentários, que poderiam ser resumidos<sup>70</sup> em uma frase: “*Que hino de pai*”. A maioria dos membros que comentou, manifestou admiração e fez elogios ao pai de Beatriz. Além disso, alguns externaram a vontade de ter um pai igual ao da autora da publicação, já outros compararam a atitude dele com a de seus pais. A autora ainda fez uma edição na publicação, sem alterar seu conteúdo original, apenas acrescentou um agradecimento aos demais membros do grupo que interagiram com sua postagem.

### **c) Postagem Bia**

*“Gente, o pai de vocês também é maravilhoso? Pq o meu é muito ! **Ontem me assumi pra minha mãe e ela nem deu as caras pra falar comigo. Hoje ele me ligou e me disse tantas coisas lindas, além de fazer post no Facebook dizendo que ama a gente e tudo. Pisa menos, Sr Sérgio !!!!!** *”

A publicação feita por Bia, de 27 anos, foi feita no dia 28 de fevereiro de 2018 e nela a autora compartilhou a alegria de seu pai ter reagido de forma muito positiva após a revelação de sua sexualidade. Em resposta a ela, o grupo teve 818 reações (555 amei, 260 curtidas e 3 tristes) e 221 comentários, em sua maioria parabenizando a autora pela sorte de ter um pai que aceitava a orientação sexual da filha, aceitação que muitos desses membros que comentaram disseram não ter. A postagem incluía uma captura de tela da conversa entre a autora e seu pai, após a revelação.

Grifamos, na fala de Bia, o momento em que ela faz um comparativo sobre a reação da mãe à sua revelação, demonstrando certa rejeição, em contraponto à reação do pai, que fez questão de declarar o amor que sente pelos filhos, inclusive publicamente por meio do seu perfil no Facebook.

### **d) Postagem Cauê**

*“Vocês já enfrentaram seu maior medo?  
Me assumi para o meu pai e ele foi tão tranquilo que eu nunca estive tão feliz.*”

<sup>70</sup> Respostas predominantes baseadas em aproximadamente 11% do número total de comentários.

*Quem me conhece, sabe que nunca tive um bom relacionamento com ele devido ao quadro de depressão e bipolaridade dele, por consequência disso e os surtos horríveis que ele tinha, os meus pais se separaram há mais de um ano. E algumas semanas atrás ele esteve em coma por conta de uma tentativa falha de suicídio, ele disse que a recuperação ajudou ele a se tornar alguém melhor. **Embora ele tenha falado que era "opção" e aquele discurso de ser "discreto"**, ouvir ele dizer que só queria minha felicidade já me bastou para o começo de tudo. Na hora da foto eu já estava todo me tremendo porém, feliz por tirar totalmente esse peso de mim. Finalmente me sinto livre. I WANT TO SEE YOU BE BRAVE ♥.*

*Edit: cheguei em casa e ele me mandou isso*

*<http://m.imgur.com/IajnFTM>*

*Edit2: Brigada, brigada mil vezes a todos. Meu abraço com a língua pra vocês.*

*Edit3: isso não seria possível sem o apoio das minhas bf Nathan Caetano e Guilherme Cavalcante e claro sem minha mãezinha me incentivando."*

Cauê, de 19 anos, resolveu compartilhar com o LDRV em 6 de maio de 2017 a felicidade de ter sido aceito ao assumir sua sexualidade para seu pai mesmo em condições conturbadas de relacionamento com ele. A publicação teve 1,2 mil reações (641 amei e 637 curtidas) e 79 comentários, em que os integrantes do grupo expressaram felicidade ante a aceitação do pai de Cauê, do mesmo modo que alguns membros também relataram o desejo de terem tido igual aceitação. Inicialmente a postagem contava com o texto e uma foto de Cauê com o pai, após a publicação e os *edits*, que foram três, foi acrescentada uma captura de tela de uma conversa entre ele e o pai, via whatsapp, após terem se encontrado e conversado.

Sublinhamos na publicação uma declaração de Cauê que diz “*Embora ele tenha falado que era ‘opção’ e aquele discurso de ser ‘discreto’ (...)*”, pois essa fala é reveladora do quão é comum a discriminação no cotidiano de quem é LGBTI. O autor da publicação dirige-se aos seus companheiros da comunidade LGBTI em um tom de familiaridade, evocando um discurso que reafirma o preconceito dominante, ou mesmo a desinformação. O esperado seria que a expressão “opção” fosse substituída por “orientação”, pois a sexualidade não implica uma escolha. A fala mais problemática é a segunda, quando o pai pede que o filho seja “discreto”, em que está enraizado o preconceito não só com os homossexuais, mas principalmente com aqueles mais afeminados, que não performam de acordo com seu gênero. A opressão da sociedade incide de maneira mais forte sobre essas pessoas, que são diretamente atacadas por não aceitarem se expressar de acordo com a heteronorma. Sendo assim, podemos ler essa fala de duas formas, que podem ser separadas ou não. Uma que aponta a preocupação do pai, que sabe que diante de uma sociedade LGBTIfóbica o filho seria mais facilmente atacado se não fosse “discreto”, mas também dela se pode inferir o preconceito, que sugere que

sendo “mais discreto” ele seria “mais homem”, discurso que reproduz a opressão social e se reflete nas falas e ações das famílias e familiares de LGBTIs.

**e) Postagem Júlio César**

*“Olá manas!!! Meu nome é Júlio, tenho 19 anos e ...  
Então, fui expulso ontem de casa , minha mãe descobriu que sou gay, é não tenho onde morar e nem roupas e documentos ( não irei chamar a polícia já deixo avisado !!! )  
Então, eu estou dormindo na casa da minha amiga e vou recomeçar a minha vida, continuar estudando no CEFET em Itaguaí e tirar meu documentos dnv , para arrumar um emprego e conseguir um local , no caso pagar uma república para que eu possa dormir. Estou sem roupas e queria pedir a vocês ajuda e perguntar se vocês podem me doar roupas e tênis ? Eu mesmo busco se quiserem doar.  
Quem também querer me dar um apoio moral, será muito bem vindo pois estou me sentindo meio perdido às vezes é solitário.  
Segue abaixo os tamanhos:  
Blusa : m ou g  
Calça/bermuda: 44  
Calçado : 40  
Serei muito grato se vocês puderem me ajudar...!!!  
EDIT 1: Estou bem manas  
EDIT 2: manas, se voces quiserem depositar dinheiro, voces podem depositar em minha conta. Ag \*\*\*\*\*, Conta \*\*\*\*\*, Banco Itaú.  
EDIT 3 ; Não respondi os comentarios e todas as mensagens porque foram muitas kkkk  
EDIT 4 : Obrigado por todo apoio e ajuda que vocês estão me dando. Vocês são incríveis <3”*

Em 22 de maio de 2018, Júlio Cesar, de 19 anos, publicou no LDRV um pedido de ajuda, pois tinha sido expulso de casa depois que sua mãe descobriu sua orientação sexual. O rapaz saiu de casa sem seus pertences, inclusive seus documentos, e recorreu ao grupo para ser amparado. Entre as publicações selecionadas para esta pesquisa, o post de Júlio foi o que mais repercutiu. Ao todo foram 27 mil reações (13 mil curtidas, 13 mil tristes, 1.4 mil amei, 72 uau, 25 raiva e 13 haha) e 16 mil comentários, a maioria deles<sup>71</sup> era de “up”, este é um comentário bem comum no grupo, quando os membros têm a intenção de deixar uma publicação em destaque. Quanto mais pessoas comentam, mais pessoas podem ver, logo mais possibilidades de ajuda para o autor da publicação.

Complementando a sua publicação, Júlio César incluiu também uma imagem bastante simbólica, a bandeira do movimento LGBTI. Entendemos essa estratégia como um verdadeiro chamado à comunidade, o que aparentemente fez uma enorme diferença. Além disso, por conta dos “edits” incluídos, podemos perceber que muitos se

<sup>71</sup> Respostas predominantes baseadas em aproximadamente 10% dos comentários.

preocuparam com a situação em que o autor se encontrava – “*EDIT 1: Estou bem manas*” –, em ajuda-lo financeiramente – pois ele disponibilizou um número de conta corrente – e também em enviar mensagens de apoio. Na publicação original, o autor pede esse apoio moral e diz se sentir perdido e solitário. Ainda assim, ressalta o fato de não querer o envolvimento da polícia no caso e de apenas buscar a reestruturação necessária para seguir sua vida.

#### **f) Postagem Lucas Fhelipe**

*“Manas vcs também se emocionam fácil?”*

*Essa semana eu me assumi pra minha família! E desde **então estava tudo bem embaraçoso e triste, o clima estava muito tenso e ninguém estava falando com ninguém.** Então hoje, eu chego da faculdade e me deparo com isso.*

*Fiquei muito emocionado kkkkk 😊”*

A postagem de Lucas Fhelipe, de 21 anos, compartilha com o grupo a felicidade de, em pequenos passos, ir conquistando a aceitação da família. A publicação foi feita no dia 25 de agosto de 2017, teve 485 reações (260 amei, 212 curtidas e 13 haha) e 117 comentários, em sua maioria os integrantes se mostraram emocionados com o pequeno gesto de carinho e que, por mais simples que possa ser um bombom de chocolate, pequenos gestos também simbolizam grandes avanços na aceitação. O bombom mencionado estava exposto na mídia que foi publicada juntamente com o texto, uma foto de um chocolate em cima da cama de Lucas.

Destacamos na postagem o adendo que Lucas faz sobre como estava a relação em casa após a revelação da sua sexualidade. Os demais membros comentaram ser comum esse primeiro momento de estranheza, pois os familiares não sabem muito como agir e/ou ainda não compreendem perfeitamente o que aquela revelação significa como um todo para aquele meio social. E que felizmente a situação começava a ser amenizada pela iniciativa de quem colocou o bombom na cama de Lucas.

#### **g) Postagem Maria Carolina**

*“Manas que se assumiram pros pais, como foi a reação deles? Achem que valeu a pena? Vou me assumir pros meus pais hoje, e aproveitar e contar da minha namorada. **Me desejem sorte, pq não vai ser muito fácil.**”*



*Edit1: manas eu tô tentando responder tudo, obrigada do fundo do meu coração por tanta energia positiva e luz que vocês estão passando pra mim, logo depois que eu conversar com eles eu venho contar pra vocês, **nem que seja um desfecho negativo***



*Edit2: tinha marcado de conversar com meus pais as 15 horas, mas minha tia chegou aqui em casa e não vai mais embora, logo que ela for a gente vai conversar, então só tenho que esperar.*

**DESFECHO GALERA: PARA COMEÇAR QUERIA DIZER QUE FOI SURPREENDENTE**

*Então, minha tia ficou aqui em casa a tarde inteira e eu achei que a gente só ia conversar amanhã, aí eu tava até tranquila pq eu achei que não ia rolar nada hoje, então minha tia foi embora e minha mãe subiu pro quarto, aí do nada ela me chamou e pediu se a gente podia conversar no quarto, daí falei que sim né, aí cheguei lá meu pai tava sentado na cama, minha mãe de pé e eu sentei na cama, **comecei falando que independente de tudo meu caráter não ia mudar, e que os ensinamentos sempre continuariam os mesmos, eu mesmo assim queira casar, ter filhos, ser sempre a menininha que eles sonharam**, nesse momento minha mãe começou a chorar e eu gelei, pensei agora se foi, vou desistir, mas aí continuei firme, e depois de um discurso inicial, eu peguei e **disse na lata "eu sou lésbica" contei que descobri isso a tempos, e tentei muito mudar quem eu era, mas que eu não conseguia**, e muito da minha depressão vem disso, contei que eu decidi falar pq eu tava com um peso nas costas que me matava, e que ia contar ano que vem mas não ia aguentar esperar até lá. **NESSA HORA TAVA TODO MUNDO CHORANDO.***

*Aí continuei falando que no meio dessa confusão eu acabei conhecendo alguém, que me ajuda muito, e que me fez procurar tratamento, e que me fez ter planos e achar o sentido da vida (AI QUE CAFONA QUE EU SOU), e que eu tava namorando essa pessoa, e que essa pessoa era especial e que eles já conheciam, aí nessa hora meu pai interrompeu e pediu "quem é essa menina?" aí eu disse que era a Amanda (PODE ENTRAR NA TUOR Amanda Ferreira) aquela que estava aqui em casa semana passada. **NESSA HORA FICOU UM SILÊNCIO NO QUARTO, E EU PENSEI FODEU.***

*Então nessa hora meu pai me olhou, pegou na minha mão e disse **"eu amo você filha, e isso não muda nada, você é a minha menininha e sempre vai ser, ver a minha menininha feliz é o que mais importar pro pai, claro que é difícil pensar todo o preconceito que você vai passar fora daqui, que tem muita gente da nossa própria família que vão querer que você se afaste, mas essa é mais uma batalha que vamos passar unidos, como todas as que passamos"***

*Nessa hora eu tava chorando muito e minha mãe disse quase a mesma coisa mas do jeito dela, que é mais grossa, **disse que não queria afeto na frente da família, e que minha vó não poderia nem pensar em saber agora, que eu ainda ia ter que aguentar a posição da minha família sobre isso, sem brigas absurdas ou me assumir pra eles, disse que ela me respeitava, mas ainda ia demorar um tempo pra aceitar**, disse que me amava independente de tudo, e que nunca me viu namorando com homem mesmo, que bom que eu achei alguém especial que me faz bem.*

*Conversamos muito, eles falaram sobre situação da distancia que eu e a Amanda vamos ter que enfrentar, se os pais dela sabiam, pediram a ficha técnica dela, com razão né, e depois de tudo isso, eles me abraçaram e meu pai disse que vamos enfrentar essa juntos, falou que sente que agora sim eu confio neles, e que é pra eu e a **"minha namorada"** **SIM ELES FALARAM MINHA NAMORADA se cuidar, pq o mundo é cheio de gente horrível que não valoriza o amor.***

*E FOI ISSO GALERA, NO MOMENTO EU SOU A MENINA MAIS FELIZ DO MUNDO, OBRIGADA PELA FORÇA E LUZ QUE TODO MUNDO ME MANDOU, VOCÊS SÃO INCRÍVEIS, GRATIDÃO PELA EXISTÊNCIA DE CADA UM 🌸❤️☐”*

O post de Maria Carolina, de 18 anos, despertou a expectativa dos membros do LDRV. Publicada em 27 de maio de 2017, o texto compartilhava com o grupo a ansiedade e angústia que permeiam o momento da revelação da sexualidade para a família. Diferentemente das demais publicações, Maria fez uma narrativa completa e detalhada sobre o “evento”, com antes, durante, desfecho e uma mídia com a captura da conversa na qual ela marcava a conversa com os pais, o que gerou uma boa resposta do grupo. Foram 6,4 mil reações (3.2 mil amei, 3.1 mil curtidas, 51 uau, 9 gratidão, 9 haha e 6 tristes) e 1,6 mil comentários, a maioria<sup>72</sup> deles demonstrava felicidade por tudo ter dado certo e também a vontade de ter tido essa reação no momento em que fizeram a revelação para a família. Alguns membros contaram suas experiências e situações, sendo algumas de extrema violência e rejeição, e destacaram a sorte que a autora teve de ter a aceitação dos pais. Os comentários observados foram aqueles feitos após o desfecho da história, por consequência eles têm essa tendência. Por conta da experiência pessoal com o grupo e de uma das três edições feitas pela autora, podemos afirmar que antes desse momento de desenrolar do caso, os comentários foram em tom de energias positivas e também de curiosidade em relação ao desfecho dele.

Alguns grifos foram feitos ao longo da publicação, para que fosse dado o devido destaque a esses pontos importantes. Devemos enfatizar, primeiramente, que a autora fez a publicação mesmo demonstrando certo receio na reação dos pais, por exemplo quando falou *“Me desejem sorte, pq não vai ser muito fácil”* e quando cogita que o desfecho pode ser negativo. Maria também detalhou o que disse aos pais ao expor sua sexualidade para eles e destacou vários pontos que muitas vezes são questionados quando alguém se assume LGBTI – *comecei falando que independente de tudo meu caráter não ia mudar, e que os ensinamentos sempre continuariam os mesmos, eu mesmo assim queira casar, ter filhos, ser sempre a menininha que eles sonharam (...) eu peguei e disse na lata "eu sou lésbica" contei que descobri isso a tempos, e tentei muito mudar quem eu era, mas que eu não conseguia* – em meio a essa fala, a autora pensou em desistir de contar ao ver sua mãe chorando, porém ela prosseguiu e concluiu o que gostaria de contar.

---

<sup>72</sup> Respostas predominantes baseadas em aproximadamente 10% dos comentários

A fala de Maria Carolina é muito importante, pois reflete os questionamentos aos quais os LGBTIs estão sujeitos cotidianamente. Após esse momento a autora traz a fala dos pais, que também se referiram à recorrência desses momentos de desrespeito ou discriminação. Nas palavras do pai quando este diz “*que é difícil pensar todo o preconceito que você vai passar fora daqui, que tem muita gente da nossa própria família que vão querer (sic) que você se afaste*” e principalmente na fala da mãe, onde ela demonstra ter certos preconceitos com relação à sexualidade da filha ao ponto de pedir algumas posturas dela, como quando “*disse que não queria afeto na frente da família, e que minha vó não poderia nem pensar em saber agora, que eu ainda ia ter que aguentar a posição da minha família sobre isso, sem brigas absurdas ou me assumir pra eles*”.

No entanto, apesar dessas falas, Maria Carolina prefere dar ênfase à parte positiva da história, assim como os membros que interagiram com a publicação. A autora expressa extrema alegria e certa euforia, pois no momento final da conversa houve uma manifestação de amor e apoio de seus pais para com ela – no abraço entre os três; nas palavras de suporte, aceitação e preocupação que o pai de Maria Carolina lhe dirigiu. Além desta preocupação exteriorizada, o fato de os pais da autora terem reconhecido sua namorada como tal e terem usado essa denominação, sem tentar modificar ou recorrerem a eufemismos a fim de mascarar a relação, revelaram um forte sentimento de aceitação. Não foi à toa que Carolina escreveu essa parte do relato em caixa alta, indicando gritos de felicidade. São pequenos gestos de aceitação, que podem parecer ínfimas aos olhos de quem não entende o que é a realidade da comunidade LGBTI, porém têm seu significado amplificado quando se está inserido nesse contexto. Na prática, significa uma libertação do preconceito, que parte daqueles que representam sua base afetiva, o que fortalece a pessoa para enfrentar o preconceito *lá fora*.

#### ***h) Postagem Matheus***

##### ***“DESABAFO DO BEM - MÃE E FILHO***

*Manas, marquei o cara que amo num post que vi aqui pelo Facebook ainda a pouco, até ai tudo bem. Fui tomar banho e quando voltei tinha 17 mensagens da minha mãe no meu WhatsApp. Entrei no quarto dela e ela me perguntou o que era aquilo, por que que eu tinha marcado o meu "amigo" naquilo. Disse que não queria responder, que não queria falar sobre isso. Ela me perguntou "você tá sentindo atração por pessoas do mesmo sexo?" A princípio falei que não, mas ela insistiu e criei coragem, disse que sim. Ela perguntou se isso era desde sempre e se eu tinha algo com o cara que marquei no post. Falei que era sim e que eu não sabia mais se tinha algo com ele :( Ela fez uma carinha triste e eu sai do quarto chorando. Entrei no whatsapp e tinha uma mensagem dela perguntando quem mais sabia disso tudo, falei que uma prima sabia e*

*uns amigos. Ela perguntou o que minha prima havia dito. Conteí que ela falou que nada mudaria, que já sabia e que eu não precisava ter medo. Minha mãe me respondeu "REALMENTE NÃO VAI MUDAR NADA DA MINHA PARTE TAMBÉM" eu geleeeee lendo isso. Não paro de chorar, gente!!!! Disse também que não queria que fosse assim, por que as pessoas são preconceituosas e que não quer me ver sofrendo por isso.*

*Voltei no quarto, ela me abraçou e disse que me ama.*

*São 3h23 e eu perdi o sono :(*

*Sinto um misto de medo, alívio, felicidade... Não sei descrever, só queria desabafar!*

*EDIT1: VOCÊS SÃO SENSACIONAIS! <3"*

A última postagem que trazemos é a de Matheus, de 22 anos, que foi feita no dia 24 de janeiro de 2017. Ao ser confrontado pela mãe a respeito de uma postagem no Facebook, acabou assumindo sua sexualidade. Mesmo quase desistindo de contar, o autor foi pressionado e cedeu, principalmente pelo fato de estar fragilizado no momento, pois o seu relacionamento estava abalado, esse fato fica claro quando ele diz que “*não sabia mais se tinha algo com ele*”. Os membros do LDRV responderam com 303 reações (161 curtidas, 138 amei e 4 tristes) e 92 comentários, a maior parte deles foi no sentido de que a relação entre o autor e a mãe só iria melhorar dali pra frente, compartilhando experiências próprias para exemplificar para Matheus. A resposta dele veio na forma do “edit” em que ele elogiou os colegas de grupo.

O grifo da postagem de Matheus é mais uma vez relacionado aos riscos que a comunidade LGBTI enfrenta diariamente, quando ele diz assim “*disse também que não queria que fosse assim, por que as pessoas são preconceituosas e que não quer me ver sofrendo por isso*”. Nessa fala fica clara a preocupação da mãe do Matheus com o contexto em que agora ela vê seu filho inserido, dos riscos de violência que ele pode sofrer. Infere-se, ainda, a preocupação da mãe do autor da publicação pela sua reação seguinte, pelo seu gesto e palavras de amor, quando procurada pelo filho. Com base nestas atitudes e nos comentários, a comunidade, de maneira geral, vê a possibilidade de melhoria nessa relação ao longo do tempo.

As publicações trazidas por nossa pesquisa têm algumas coisas em comum, especialmente no que tange à reação dos membros do LDRV perante uma situação delicada – como a abordada pelos membros que decidiram compartilhar suas histórias, em menor e maior escala. O que quero dizer com isso? As publicações foram todas na mesma temática – sobre assumir a sua orientação sexual –, entretanto a forma da narrativa foi diferente, os desfechos e situações foram distintos e, principalmente, o contexto de cada postagem é peculiar, ainda assim os membros reagiram de forma semelhante, acolhendo e fazendo apreciações positivas dos relatos. Após as entrevistas, essa

percepção ficou ainda mais clara, pois todos os membros entrevistados salientaram a forma com que foram acolhidos pelo grupo. Para que possamos entender o que a postura do grupo diante desses testemunhos gerou nos autores da publicação, precisamos entender melhor como as narrativas de sucesso do LDRV.

#### **4.2 – EDIT 1: O QUE É NECESSÁRIO PARA *HITAR* NO LDRV?**

Ricoeur (2014) é muito elucidativo ao discutir como se dá a construção do si mesmo sob a forma de enunciados. Para que o sentido de um enunciado se complete, antes de tudo, é necessário compreender que este é um fenômeno bipolar, em que existe um locutor e um interlocutor ou, como o autor se refere, um “eu” que diz e um “tu” a quem o primeiro se dirige. Para que o entendimento posterior do tema seja eficaz, deve-se sempre ressaltar a importância da segunda parte na recepção do enunciado.

Esse novo tipo de investigação é promissor na medida em que põe no centro da problemática não mais o enunciado, porém a enunciação, ou seja, o próprio ato de dizer, que designa reflexivamente o seu locutor. A pragmática põe assim diretamente em cena, a título de implicação necessária do ato de enunciação, o ‘eu’ e o ‘tu’ da situação da interlocução. (RICOEUR, 2014, p, 19)

O autor completa o raciocínio trazendo ao estudo a teoria da enunciação, pois esta ajuda a compreender melhor o papel do locutor e do interlocutor. A teoria trazida por Ricoeur (2014) aponta que toda enunciação consiste numa intenção de significar que implica, em sua visada, a expectativa de que o interlocutor tenha, por sua vez, a intenção de reconhecer a intenção primeira por aquilo que ela quer ser (RICOEUR, 2014, p, 24).

Refletindo sobre a interlocução dessa maneira percebemos que ela se refere, antes de tudo, a uma troca de intencionalidades, exigindo assim que a reflexividade da enunciação e a alteridade implicada na estrutura dialógica da troca de intenções sejam colocadas no mesmo plano. Ao considerar que o locutor e o interlocutor possuem funções determinantes para que a enunciação cumpra seu objetivo, podemos entender a finalidade da relação e assim compreender melhor como se dá a determinação do si, seguindo a partir de então para o entendimento sobre o sujeito da enunciação.

É preciso considerar, também, a individualização de coisas e pessoas, citada por Ricoeur (2014) em seu estudo, a qual os indivíduos precisam executar para que seja possível evidenciar aquela pessoa ou coisa de um meio onde ela se enquadra. Claramente,

que antes de individualizá-la, o indivíduo precisa colocá-la em meio uma classe ou grupo, para que uma primeira imagem comum seja formada. Após isso, os elementos específicos da coisa/pessoa começam a ser explorados para que a identificação minuciosa seja possível. O autor fala em três classes operadoras de individualização: a descrição, os nomes próprios e os indicadores. Essas classes são determinantes para que a individualização seja efetiva, pois elas distinguem qualquer coisa ou pessoa de um meio padrão. Entretanto explorar em profundidade as classes operadoras de individualização não é o objetivo desta pesquisa, mantendo o foco nos indicadores principais.

O “eu” é o principal indicador de individualização. Existem outros indicadores principais, o “isto”, o “aqui” e o “agora”, sendo todos chamados de operadores de individualização, pois sempre farão referência ao enunciador, mas dentre eles o “eu” é o eixo desse sistema, porque não é possível substituí-lo por nenhuma descrição, por mais fiel e exata que ela seja. A eficiência dos são determinantes quando precisamos saber a posição do sujeito no discurso.

Ricoeur (2014) busca compreender também como o “eu-tu” de uma interlocução em dado momento se transforma num “ele”. Mas o que ele quer dizer com isso? O autor explica que no início da interlocução existe a figura de um “eu” que fala para e sobre um “tu”, porém ao usar-se como referência nesse processo ou usar o receptor, ambos se transformam nesse “ele”. Não se trata de um mero intercâmbio de pronomes pessoais, mas de posicionamentos assumidos na situação da interlocução que são essenciais para a compreensão do que o autor denominou de teoria integrada do si no plano linguístico.

Diante desta menção ao autor, é possível que, a partir de agora, tenhamos uma melhor compreensão do que é ser *hit* no LDRV.

Quando pensamos na palavra *hit*, que quer dizer sucesso em inglês, à primeira vista, segundo o senso comum, traria referências relacionadas ao mundo da música, uma música de sucesso. O termo se origina desta concepção. Entretanto o ambiente virtual, especialmente o brasileiro, tende a mudar ou adaptar o sentido de alguns termos. O *hit* atualmente virou o verbo *hitar*, que tem o sentido semelhante ao original, mas que não se aplica exclusivamente ao mundo da música. Hoje tudo o que faz sucesso é *hit* e todo mundo pode ser capaz de *hitar*. O verbo se tornou mais acessível e abrigado, porém para conseguir representá-lo com êxito, é preciso ter sorte ou muita criatividade.

No LDRV, grupo com grandes proporções, vemos diariamente uma caça incessante pelo “*hit próprio*”, por isso milhares de publicações enchem o feed dos integrantes do grupo todos os dias. Um bordão foi criado para o momento em que o autor

da publicação percebe que a repercussão do seu post começa a crescer, a frase é: “Não acredito que virei *tour!*”, ou ela se adapta ao assunto abordado, por exemplo “não acredito que meu encontro *fail* virou *tour*”. O que pode ser considerado *tour* são as histórias contadas pelos membros, mas para ser considerado *hit* ela precisa ter uma repercussão muito maior

Podemos observar essa diferença entre as publicações que selecionamos. Todas podem ser consideradas *tour*, possuem enredo, personagens e, principalmente, a interação dos membros do LDRV. Contudo, apenas três das oito publicações são *hits*, pois nelas as reações por botão do Facebook e os comentários são contabilizados na casa numeral dos milhares. Sob a ótica de Ricoeur (2014), percebemos que as histórias são narradas com um ponto em comum: o protagonismo do LGBTI. Esse sujeito que narra e que protagoniza a história se dirige a um interlocutor específico, os integrantes do grupo que também fazem parte da comunidade LGBTI.

Não há, no entanto, uma fórmula pronta para o *hit*, por isso perguntamos<sup>73</sup> para Kaerre Neto e ele relatou o que pensa ser a forma mais perspicaz de alcançar o sucesso de uma publicação, quais os principais pontos para *hitar*:

Existem duas formas pra você *hitar* no LDRV: ou você postar uma coisa que todo mundo vai se identificar e vai falar assim “poxa vida, que legal, isso também acontece comigo” ou você vai postar uma coisa que é inusitada, a ponto de não acontecer com ninguém, e deixar as pessoas estonteadas de certa forma. Essas são as duas formas “prontas” se você quiser *hitar* no LDRV. As outras formas de *hitar* no LDRV são as mesmas formas de viralização que a gente vê aí, não tem uma fórmula pronta. Viraliza porque as pessoas gostam e porque é engraçado, mas esses (outros citados) são dois caminhos certos. (KAERRE NETO, 2019)

A melhor forma de ilustrar esse percurso é detalhando uma *tour* que *hitou* no LDRV e está presente nesta dissertação, é a publicação da Maria Carolina, apresentada no tópico anterior. A paranaense fez a sequência exata, primeiro compartilhou com o grupo qual era a sua intenção com aquela *tour*, que era assumir sua sexualidade para seus pais e pediu dicas. Compartilhou com o grupo, inclusive, a captura de tela do aplicativo na qual marcava com os pais a conversa, sendo esta uma estratégia para comprovar a veracidade da história e também para gerar o suspense em torno dela, colocando, ao longo do dia, suas expectativas e seu nervosismo na publicação por meio dos “*edits*”. Para concluir a *tour* com êxito, a autora ainda colocou o desfecho que, além do mais, era

---

<sup>73</sup> Nova entrevista online concedida em janeiro de 2019 para compor a pesquisa.

positivo e de aceitação. O tema importante e que gera comoção e identificação entre os membros do grupo auxiliou no sucesso da postagem. Ademais, Maria Carolina detalhou a história, destacou momentos importantes, descreveu a tensão que marcou a conversa com os pais, que quase precisou ser adiada por conta de uma visita inesperada e conseguiu envolver todos na emoção de sua narrativa, por isso sua publicação conseguiu o *status* de *tour* e de *hit*.

Miskolci (2017) fornece pistas importantes para se depreender a importância da busca pela visibilidade no grupo. O autor considera que a visibilidade, especialmente no que tange a homossexuais, foco específico de sua pesquisa, auxilia em suas lutas diárias, o que, no entanto, está diretamente relacionado a um contexto, a uma época e cultura particulares. Ela se torna uma relação social, relacional e estratégica (p. 268). Por meio da visibilidade pode-se alcançar representatividade e conquistar espaços na vida social. Quando o sujeito se posiciona e cria sua imagem, busca mudar um pouco ou aos poucos a imagem da comunidade, por exemplo, como o Miskolci (2017) pontua que alguns grupos sociais que, no passado, foram ignorados, tendem a ser hipervisibilizados como inferiores, anormais ou desviantes (p. 269), ou seja, alguns grupos que antes não eram sequer vistos, hoje podem ser, porém de forma negativa.

Miskolci (2017) favorece a compreensão quando aponta:

Quando um regime de representação serve aos grupos socialmente privilegiados, ele influencia as mídias a retratarem grupos historicamente subalternizados como mulheres, negros, homossexuais e imigrantes de forma injusta e distorcida. Quer sejam invisibilizados e, portanto, ignorados como se não fizessem parte da sociedade, quer sejam hipervisibilizados como inferiores, perigosos ou monstruosos, terminam por serem compreendidos e tratados como um problema social, objeto de repreensão moral, perseguição política ou práticas normalizadoras. (MISKOLCI, 2017. p. 270)

E construir a imagem da comunidade LGBTI com relatos sobre temas legítimos e comuns tendem a agregar mais, pois outros indivíduos se identificam e passam a reforçar a imagem que se cria. A visibilidade acaba por ser negociada com a conquista de um espaço, que parece ser de uma pessoa, mas que na verdade tem outros símbolos incorporados. Se o indivíduo que faz parte dessa classe ou comunidade e se posiciona publicamente, ele pretende reconstruir a imagem de si, que pode ter influência, a depender de sua repercussão, na modificação da imagem atual de seu grupo ou comunidade.

A pesquisa de Miskolci (2017) volta-se aos relacionamentos que se originam no Grindr, aplicativo de relacionamentos de homens gays, em que muitos dos que ali se



mostram constroem uma imagem máscula e viril, performando a heteronormatividade e condenando os homens gays que não a fazem. É importante ressaltar que a pesquisa em que se ancora este trabalho caminha em outra direção. Primeiramente porque se trata da comunidade LGBTI como um todo, não restringe às performances heteronormativas de homens gays, pelo contrário, a visibilidade que é trazida no contexto desta pesquisa é no sentido de quebrar padrões. O homem masculino ideal se torna uma figura satirizada naquele ambiente. Observa-se que a visibilidade buscada no seu interior questiona a heteronormatividade. O grupo faz uso do ambiente da internet para tecer e tornar visível outra imagem de si, ainda que seja entre seus pares, uma forma de resistir e negar a imagem historicamente construída da comunidade LGBTI, que a menospreza e inferioriza socialmente.

#### **4.3 – EDIT 2: “HÁ QUEM DIGA QUE O LDRV AFASTA DEPRESSÃO”**

Toda vivência é particular e específica. Nenhum fato, por mais semelhante que seja, acontecerá da mesma forma com indivíduos diferentes. Essa situação ficou bem clara após observarmos as publicações feitas pelos integrantes do LDRV selecionadas para esta pesquisa. O acontecimento é o mesmo, todos compartilharam sua experiência ao se assumir para a família, mas até as circunstâncias mais próximas foram apresentadas de formas distintas. Algumas se diferenciam muito, a exemplo do caso em que o rapaz foi expulso de casa e o da menina que foi aceita e os pais reconheceram sua namorada como tal, são dois extremos. Entretanto, todos buscaram o mesmo meio para o mesmo fim, compartilhar seu relato, ainda que com outras intenções somadas, como *hitar*, arrecadar doações para si, inspirar seus semelhantes, etc. Neste tópico buscaremos discutir as peculiaridades que envolvem as publicações selecionadas e, também, identificar suas semelhanças e como seus autores lidaram com o mundo que se criou no Lana Del Ray Vevo.

Para entender a relação desses oito membros do LDRV com o grupo, buscamos observar como ela se deu desde o início. A maioria dos membros conheceu o grupo por meio de outras pessoas e pediram para ser adicionados. Isso confirma o que o dono do grupo, Kaerre Neto, já havia nos relatado sobre o que levou o grupo a crescer tanto e assumir as atuais proporções. Como as publicações foram feitas entre 2017 e 2018, os membros estiveram ativos na era LUST FOR LDRV em períodos semelhantes, alguns

antes da era ser criada e outros ainda estavam na transição da era de número 11 para a atual. É pertinente destacar que, entre os selecionados, apenas Maria Carolina não está mais no grupo por um motivo que traremos mais à frente.

Contudo, de uma forma geral, os sujeitos desta pesquisa tomaram conhecimento do grupo por sua fama e se mantiveram no LDRV. Destes, o membro mais antigo é Cauê, que está no grupo há 4 anos. As *tours* famosas pelo humor sarcástico, característica marcante do grupo, acabaram chegando ao conhecimento deles por meio de amigos (Alexandre, Julio César, Lucas Fhelipe e Matheus), relacionamentos e familiares (Bia e Beatriz), por uma *tour* que vazou em outra rede social online (Maria Carolina) e por outros grupos do Facebook (Cauê).

Gostaríamos de sublinhar a experiência de Cauê, que fazia parte de outro grupo denominado de “ME, you” antes de ser integrado ao Lana Del Ray Vevo. O rapaz contou que o “LDRV era um grupo um tanto comentado entre outros grupos do Facebook, inclusive o que estava antes de entrar de fato (ME, you), *havia aquele clichê de rivalidade por popularidade*”. Devemos considerar também que a rivalidade por ele citada se dá porque muitos grupos buscam a estabilidade que o LDRV tem, mesmo depois de seis anos de atividade e doze eras, sendo que cada uma se reinicia do zero, se mantém popular e estável, ou cada vez maior. O grupo de que Cauê fazia parte não existe mais.

Além disso o Lana Del Ray Vevo tem forte influência sobre outros grupos, pois Cauê mencionou que muitas páginas e grupos copiam as *tours* do LDRV e ironizam os moderadores e administradores do grupo em postagens para tentar *hitar* nos grupos rivais e que chega a parecer desesperadora a forma com que o grupo influencia e estimula outras comunidades a gerar conteúdo. Foi justamente essa influência que o LDRV exerce sobre os outros grupos que despertaram em Cauê a curiosidade de saber o que o Lana Del Ray Vevo tinha de diferencial para que os outros grupos o cobiçassem tanto.

#### 4.3.1 – LDRV: UMA RELAÇÃO DIÁRIA

Outro ponto abordado é a assiduidade dos membros no grupo, que varia quando nos referimos a criar publicações, curtir, comentar ou apenas observar. Alguns entrevistados declararam ter feito algumas postagens, mas poucas, e apenas três mencionaram ter feito publicações quando perguntados sobre a sua participação no grupo. Diferentemente desse resultado, todos os que ainda permanecem no grupo buscam interagir diariamente com o LDRV, seja “às vezes só olhando e reagindo às publicações, outras vezes chegando a comentar e marcar amigos também” disse Julio César,

sintetizando o que seus colegas de grupo declararam. Tornou-se um hábito, mesmo que seja apenas observar quais as *tours* que estão sendo comentadas no dia. Comentar ou marcar amigos é um hábito que era muito mais comum antes do sucesso do grupo, pois depois disso muitos preferiram se manter como observadores, por medo de algum conhecido ver sua resposta e repercuti-la fora do grupo mesmo que seja contra as regras.

Para os membros mais ativos, o LDRV representa parte significativa do seu dia, pois seus conteúdos distraem e divertem, estando disponíveis o tempo inteiro para seus membros, um escape para os estresses diários, além disso muitas vezes as *tours* podem suprir a necessidade de um desabafo, por exemplo. Beatriz considera o grupo parte de sua vida quando está livre das suas obrigações, declarando que, hoje em dia, entra no Facebook por causa do grupo. Cauê resumiu a participação da maioria dos membros:

Já faz parte da rotina, boa parte do tempo estou acompanhando as "*tours*" por lá. Se for observado dentro de um contexto social, o grupo fica numa escala entre 70% e 80%, até conhecidos em minha volta e alguns amigos fazem parte do grupo. (Cauê, 2019)

Entende-se pela fala de Cauê que o grupo é colocado em seu contexto social, e o que podemos deduzir a partir desse seu relato? Inferimos que os assuntos e pessoas do grupo fazem parte do seu cotidiano até fora das redes sociais online. Quando menciona dedicar entre 70% e 80% de seu tempo ao grupo, não se imagina que ele esteja 80% do seu tempo online no grupo e sim que este seja assunto com os conhecidos e amigos que ele diz fazerem parte do LDRV.

Outra fala que merece destaque é a de Matheus, que disse que entrou em 2015 e que, naquela época, era muito difícil de entrar no grupo. Antes da grande repercussão que fez com que o LDRV tivesse grande atenção, a *tour do cofre*, a demanda de solicitações para entrar no grupo era menor, por isso era mais fácil para os administradores e moderadores serem mais rígidos com as permissões para novos ingressos. Mas não foi possível manter esse filtro tão apurado, como Kaerre destacou antes, após o grupo receber uma demanda enorme de solicitações, chegando a atingir a marca de um milhão de membros. Hoje há um controle maior sobre a entrada de novos membros na era LDRV DISK ME, a primeira é o questionário automático que foi incluído às etapas desses pedidos. Kaerre explicou que essas etapas ajudaram a retomar o controle sobre a entrada de novos membros e a filtrar quem entra no LDRV:

Na verdade não temos nenhum critério pra aceitar os membros do grupo, tem uma prioridade, a gente prioriza aceitar primeiro os LGBTs. Como é que a gente sabe que aquela pessoa é LGBT? Tem um conjunto de perguntas que, eu não sei se você sabia disso, pra entrar no grupo

LDRV. Quando você clica em “solicitar participação” vai aparecer umas perguntas, aí quando a pessoa diz que é LGBT, a gente filtra e aceita ela primeiro e deixa os héteros atrás. A gente geralmente recusa todos os homens héteros, a gente geralmente recusa qualquer um que tenha indícios de Bolsonaro no facebook. Na verdade, é qualquer um que tenha postagens de ideologias extremamente conservadoras. A gente entra no perfil, dá uma olhadinha lá nas postagens e volta lá pra ver se a pessoa é de bem ou não. (Kaerre Neto, 2019)

Apesar do controle, o grupo em sua era atual, chamada de LDRV DISK ME, tem quase 430 mil<sup>74</sup> membros. Não foi possível reduzir consideravelmente a quantidade de pessoas que integram, já que se tornou popular no ambiente online brasileiro, entretanto há um embate diário para que as regras sejam seguidas e para que os moderadores e administradores retirem de lá quem não se adeque ao que ele representa. Se considerarmos que o grupo chegou a atingir um milhão de membros na era que escolhemos como objeto, mais da metade dos membros que superlotavam a 11ª era ficaram nela. Como reiterado por Kaerre, a intenção é resgatar a essência LGBTI do grupo, tornar aquele ambiente um espaço representativo para a comunidade LGBTI.

Maria Carolina também reforçou essa questão em sua entrevista dizendo que por conta dessa “invasão heterossexual” após a *tour do cofre*<sup>75</sup> o grupo perdeu a essência, em suas palavras é como se os LGBTIs perdessem o seu espaço. Ela não está mais no LDRV, saiu ainda na era LUST FOR LDRV, por achar que o grupo estava muito cheio de heterossexuais. Maria justificou sua fala que poderia ser mal interpretada:

Pode parecer “preconceituoso” com eles mas é *pq* existe *muitossss* grupos legais pra heteros então *pq* eles não entram nesses, *pq* eles tem que vir roubar o espaço onde devia ser nosso, aí e muito complicado porque parece ser extremista né, mas se você não se sente em casa com pessoas que te aceitam como você é, é bem mais complicado você ser você. (Maria Carolina, 2019)

E desabafou sua indignação com um exemplo que é metafórico, mas que também pode ser real a partir de alguma experiência pessoal:

Eu e um amigo estávamos comparando com uma boate gay que as mulheres *heteros* começam a ir *pq* se sentem segura e porque toca música melhor, aí começa ir *hetero* pagando de gente boa *pq* descobre que lá tem mulheres, aí vai os *hetero top*<sup>76</sup> *pq* os amigos *heteros* gente boa vão, e quando vê a balada perdeu o conceito de LGBT e fecha ou

<sup>74</sup> 429.609 membros, número de integrantes do grupo no dia 19 de fevereiro de 2019.

<sup>75</sup> Quando se fala em *tour do cofre* nos referimos não apenas à publicação feita, mas sim a toda sua repercussão dentro e fora do grupo, que teve como consequência o crescimento do grupo.

<sup>76</sup> Maria Carolina usa a expressão “hetero top” como forma pejorativa de classificar pessoas que são heterossexuais que não costumam apoiar ou simpatizar com LGBTIs, que seguem à risca a heteronorma e que muitas vezes são conservadores com valores que se chocam com alguns conceitos da comunidade LGBTI.

vira balada de LGBTS que só vai os S. É muito complicado. (Maria Carolina, 2019)

Maria Carolina confessa ter vontade de voltar para o grupo, no entanto sempre desiste quando lembra que, por mais que os administradores e moderadores tentem controlar a entrada de pessoas com pensamento conservador, ainda pode acontecer de uma pessoa com esses valores conseguir passar na filtragem de seleção e convidar outro amigo que pense da mesma forma e então reinicia-se o ciclo de superlotação do grupo por pessoas que não são afins ao seu objetivo principal. Sendo assim, a fala dela reflete o quanto o preconceito sofrido pelos LGBTIs é sufocante, causa dor, dilacera, a ponto de se cultivar o desejo de falar só para seus semelhantes, em que há o consolo de se julgar acolhido e compreendido, respeitado na sua escolha.

Antes de passar ao próximo tópico, trazemos o relato dela que esteve no grupo durante um ano e nesse período conseguiu perceber as mudanças que estavam ocorrendo. Em vista disso, ela pôde definir o grupo praticamente em dois momentos:

Existiu duas fases sabe no começo o LDRV era um lugar incrível, cheio de respeito, mas ele foi se tornando conhecido e se tornando um lixo, é um grupo legal pra passar um tempo nele rindo e tudo mais, mas só isso mesmo. [...] (eu acho o grupo) Acolhedor não mais, hostil com certeza, eu não sei como tá o grupo agora sabe, mas nas últimas publicações que eu tava lá, conseguia ver de longe o preconceito. [...] Mas em outras eras já foi (acolhedor), eu gosto muito do grupo eu fiz muitos amigos lá, muita gente me ajudou, então tenho apego sentimental. (Maria Carolina, 2019)

#### 4.3.2 – TUDO BEM NÃO ESTAR TUDO BEM: O AMBIENTE DO GRUPO

Alguns dos outros entrevistados também apresentam um olhar bastante atento sobre o grupo, o que ficou claro quando responderam à pergunta: como você descreveria o LDRV, a partir da sua experiência? A vertente humorística do grupo sempre é mencionada em destaque; em geral é o primeiro aspecto a ser citado. As *tours* e os *memes* que nele circulam também fazem sucesso entre seus integrantes, por isso viralizam. Esta pode ser a característica principal do grupo, entretanto não é a única. O LDRV traz consigo uma gama de possibilidades de interações entre os seus participantes.

Todos os oito entrevistados expressaram essa diversidade nas suas respostas, alguns foram sucintos e diretos em suas classificações, como Alexandre, que descreveu o grupo como de “humor sensato”; já que muitas vezes é sarcástico, mas não agressivo, ofensivo ou discriminatório. O politicamente incorreto viola as regras do grupo. Ele também apontou as possibilidades de conhecer pessoas “de mente aberta”, ou seja,

peças sem preconceitos ou atitudes semelhantes. Bia classificou o LDRV como um espaço de descontração, preliminarmente valorizando sua principal característica. No entanto, também ressaltou a faceta do grupo com que aqui evidenciamos, quando diz que “muitas vezes, ele me serviu de refúgio e acolhimento”.

Alguns dos entrevistados apontaram os dois momentos do grupo - antes e depois de ser tão popular e como é agora - julgando negativamente as mudanças consequentes dessa popularidade. Matheus, por exemplo, qualifica o grupo de maneira muito positiva, principalmente pela sua marca de humor e que, além disso, “é um espaço que a gente pode falar, pode pedir ajuda, pode zoar<sup>77</sup>, a gente aprende coisas lá, descobre coisas, interage com gente de vários lugares, por N motivos”. Apesar disso, Matheus acredita que o grupo não é mais o mesmo quando diz que “hoje em dia é diferente do que era quando entrei lá por motivos de gente aleatória”. Há certa crítica na fala de Matheus, porque o que ele quis dizer com “gente aleatória” é que são pessoas que não pertencem ao meio LGBTI que passaram a participar e que, por isso, parecem ser alheias. Além de Matheus, Maria Carolina, citada anteriormente no trabalho, também demarcou claramente as duas fases, uma que ela classificou como “um lugar incrível”, onde era possível se sentir à vontade e saber sobre o respeito que encontrariam no grupo e a segunda, que ela classificou como “um lixo”, cuja linha divisória foi exatamente o vertiginoso aumento do número de participantes.

Os outros quatro entrevistados trouxeram uma visão mais multifacetada sobre o grupo. Tal como a sociedade, o grupo não é feito só de coisas boas. Tais peculiaridades presentes naquele ambiente exprimem a sua diversidade interna, bem como as individualidades do LDRV. Para que seja possível observar de forma minuciosa, seguiremos na análise de cada resposta:

O LDRV é um grupo que os membros estão sempre ativos, compartilhando episódios cômicos, tristes, engraçados e felizes. Com as redes sociais, desde sempre, as pessoas sempre tentam mostrar o mais perfeito de suas vidas, uma vida idealizada na internet, com o LDRV as pessoas se sentem incluídas pela liberdade de mostrar que nem tudo na vida é perfeito, e que não é preciso mostrar perfeição em redes sociais, porque isso no seu extremo causa uma série de comparações com as vidas alheias. O grupo nos ajuda a ver que tudo bem não é estar tudo bem, tudo correto. E as pessoas que passam/passaram por experiências parecidas nas “tours” se dão força e se divertem, o grupo é bem empático na sua maioria. (Beatriz, 2019)

---

<sup>77</sup> Fazer bagunça, atrapalhar, encher o saco; Tirar sarro de alguém, debochar; Brincar, se divertir. Dicionário informal disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/zoar/> Acesso em 20 de fevereiro de 2019.

Beatriz faz uma observação muito pertinente sobre o LDRV como espaço social, que acaba por se portar em contraposição ao que se vê comumente nas redes sociais online. As representações de vidas felizes e perfeitas, como trabalhadas anteriormente a partir de Goffman (1985), dão lugar a testemunhos autobiográficos, tal como em Arfuch (2010), a outro tipo de enredo que, ao mesmo tempo que faz uso da performance nas narrativas, também aborda as rugas diárias de um cotidiano mais próximo da realidade, principalmente quando se trata da comunidade LGBTI. O LDRV se torna um espaço em que as pessoas falam de sofrimento, de famílias imperfeitas, o que conseqüentemente gera identificação naqueles que interagem com essas narrativas. Como Arfuch (2005) assinala, a inquietude de uma pessoa, quando percebida por um outro que tenha a mesma inquietude, vai despertar nesse indivíduo uma forte identificação. Por outras palavras, é mais fácil alguém se identificar com testemunhos que trazem a dureza da realidade, do que com aqueles que a falseiam e dissimulam uma felicidade e sucesso inalcançáveis. Beatriz transmite essa mesma ideia quando diz que “o grupo não consegue ser muito definido como uma coisa só, é um lugar que pessoas de diferentes lugares compartilham suas **experiências parecidas** e para quem está lendo pode ser uma situação bem específica, mas que para outros pode ser **rotineiro**”, gerando assim identificação.

Tom semelhante encontramos no relato de Julio César, que destaca, para além da diversidade de pessoas, a de realidades:

Assim, eu vejo que é um grupo multifacetado. Ele apresenta uma enorme variedade de culturas, de cotidianos diferentes, e acho isso uma coisa incrível. Além disso, vejo como um meio de expor aquilo que se passa no dia a dia de forma as vezes cômica, dramática e etc. E como ele é um grupo de origem brasileira, ele apresenta a estrutura social com vasta apresentação cultural presente no Brasil e agora com as proporções até mundiais. (Julio Cesar, 2019)

Júlio observa como fator positivo o fato de o grupo espelhar a diversidade do povo brasileiro, em suas múltiplas realidades sociais. O que se aproxima do que Giddens (2010) chama de estilos de vida<sup>78</sup>, pois embora ali predominem estilos de vida marcantes na comunidade LGBTI, vários outros também se fazem presentes. Seja em função da diversidade de classe social, raça, estado ou região em que moram, pessoas que são admiradas pelos componentes do grupo, são inúmeras as possibilidades. Ele também faz

---

<sup>78</sup> Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque não forma material a uma narrativa particular da auto-identidade. (GIDDENS, 2002. p. 79)

referência à dualidade do grupo, ora como espaço de humor, ora de desabafos - “vejo como um meio de expor aquilo que se passa no dia a dia de forma às vezes cômica, dramática”. Percebe-se que Júlio recorre a estilos narrativos teatrais para definir de que forma essas histórias são contadas no grupo, pois acabam sendo performances como observamos com Goffman (1985).

A apreciação de Cauê é, de certa forma, mais crítica, pois indica uma certa tendência quanto à escolha das publicações que transbordam extra grupo, nada que possa manchar a imagem do LDRV. Quando isso acontece, o membro que vazou é punido com exclusão ou banimento, entretanto ele também aponta o ponto mais forte e positivo do grupo:

Há seus momentos, não é como se fosse acolhedor num sentido amplo, varia muito da maneira que você se expõe nele, o grupo já ajudou muitas pessoas, é incontável o número de vezes que prestaram auxílio para os membros e é bem nítido de se ver. Mas a diversão é seletiva, o que a torna problemática conforme a repercussão que determinada "tour" toma [...]. É como se fosse um "selo de aprovação" para poder ser espalhado pela internet a fora e nem sempre o grupo ganha uma boa credibilidade com isso. (Cauê, 2019)

O que Cauê exprime no seu depoimento é sobre a seletividade que ocorre em algumas ocasiões. Afirma que o grupo não é plenamente generoso, ainda que tenha ajudado muitos de seus membros a se restabelecer em algum sentido. Ele lembrou o caso do Erisvando Gomes, citado anteriormente aqui, contudo também sinalizou que nem sempre é dessa forma, que algumas publicações são seletivas. O que pode vir a ser um problema quando ela se torna famosa e acaba se externalizando ao grupo do Facebook, pois o LDRV possui muitos chamados *haters*<sup>79</sup>, que nada mais são do que as pessoas que não gostam do grupo e buscam motivos para reiterar esse sentimento. Na visão de Cauê, algumas publicações, quando possuem um tom de crítica ou de sarcasmo com algo ou alguém, dão margem aos vazamentos que repercutem negativamente a imagem do grupo.

Lucas Fhelipe foi mais direto na definição do ambiente do LDRV, evidenciando a importância da representação da diversidade, no sentido de que desde o início abrigou a comunidade LGBTI. Seu ver, o grupo pode ser acolhedor e também um espaço de humor, deixando em aberto outros usos que dele se pode fazer, como para desabafar ou simplesmente se expressar.

---

<sup>79</sup> Origina-se do verbo odiar em inglês, *to hate*, e refere-se a uma prática que se disseminou na internet, de pessoas que não gostam de algo ou de alguém e dedicam seu tempo a difamar ou desconstruir a imagem de alguém ou de algo contra quem/o quê se insurgem.



#### 4.3.3 – ACOLHIMENTO, SIM, MAS NÃO SÓ.

Um dos pontos principais de abordagem da nossa pesquisa se refere ao acolhimento, conceito muitas vezes trazido no percurso do trabalho e que está no cerne do nosso problema de pesquisa. Como já mencionado, trata-se de um conceito oriundo da área da saúde, como algo ou uma ação de aproximação e uma atitude de inclusão (Ministério da Saúde, 2010. p, 6) ou um gesto receptivo que se faz acompanhar (dentro dos limites dados pelas circunstâncias concretas, como o bom senso faz supor) de um diálogo (TEIXEIRA, 2003. p. 10-11), ambos em prol de dar atenção às necessidades de alguém com quem se fala.

O resultado das entrevistas convergiram para um ponto em comum, todos apontam o LDRV como um lugar em que se pode encontrar acolhimento, apesar dos interlocutores também reconhecerem práticas hostis. A despeito disso, o LDRV é apontado como um ambiente hostil por muitas comunidades, grupos e *haters*, como relatado por Cauê em sua entrevista, no ambiente virtual de um modo geral, por isso decidimos fazer esse contraponto diante dessas duas faces do Lana Del Ray Vevo, perguntando aos entrevistados se o consideravam um ambiente acolhedor, hostil ou os dois. Foi possível detectar em alguns dos relatos o sentimento de certa hostilidade por parte de alguns membros, entretanto os que citaram esta característica buscaram justificá-la. Observaremos a seguir como um ambiente por vezes hostil pode ser também acolhedor.

Mais acolhedor do que hostil, foi como Bia definiu o grupo. Todas as *tours* que ela presenciou, conforme declarou, lhe serviram de alguma forma pra enxergar coisas sobre as quais não tinha pensado antes. É possível aprender com a experiência alheia, quando esta é compartilhada e quando o indivíduo passa a se identificar com o outro que está em determinada situação, movimento relacional discutido anteriormente aqui a partir de França (2008). Se por um lado entre os entrevistados há quem, como Lucas Fhelipe, acredite haver somente acolhimento no LDRV, essa visão idealizada, não resiste ao contraste com a fala de outros interlocutores da pesquisa.

Maria Carolina aponta essa mudança na postura do grupo que decorreu de sua recente popularidade. Apesar de ter saído do grupo, ela acredita que esteja mais hostil, conforme as últimas publicações que vira, onde ficavam claros alguns preconceitos, como racismo, gordofobia, transfobia, etc. Ainda assim, ela já viu demonstrações bastante acolhedoras do grupo, do mesmo modo como diz ter sido ajudada por diversas vezes,

razão do carinho que tem pelo LDRV, o que faz com que ela não se permita condená-lo simplesmente.

Alexandre sugeriu que a postura do grupo perante as publicações está diretamente ligada à intenção da postagem, tal como a formulação de Goffman (1985) sobre a plateia identificar ou não uma representação falsa, caso em que a reação de reprovação pode ser imediata e hostil ou, de outro modo, pode concorrer para que aquela representação se sustente. Ele acredita que é possível manipular a reação do grupo e que, dessa forma, este pode responder de forma hostil ou acolhedora.

Alexandre cita um exemplo de postagem que poderá ser hostilizada, aquelas que expõem alguém ou alguma situação, a resposta hostil pode vir para o membro do LDRV autor da postagem, se ele expuser alguém e os demais membros julgarem essa exposição desnecessária, ou em relação à pessoa exposta, quando a situação ou contexto compartilhado mostre que sua postura foi equivocada. Nesse caso, a hostilidade do grupo pode se manifestar, principalmente se a situação tiver ocorrido extra grupo e os membros julgarem necessário uma reprimenda àquela pessoa. Nesses casos o grupo pode se tornar bem hostil, podendo provocar até um linchamento virtual<sup>80</sup>.

Assim como Alexandre, Cauê acredita que a postura acolhedora ou hostil do grupo varia de acordo com o que a postagem estimula no seu interlocutor. Mas ele destaca que o humor é a característica marcante do grupo e das publicações do LDRV, sendo assim, o grupo se torna uma distração para seus membros e, conseqüentemente, ameniza dia a dia destes. É ele quem expressa um pensamento muito peculiar de que “há quem diga que o LDRV “afasta” a depressão”. Visão bastante positiva, mesmo conhecendo as demais facetas do grupo.

Uma tendência nas respostas dos entrevistados foi a de admitir que por muitas vezes o grupo é hostil, mas sempre justificar que, apesar de alguns membros agirem de tal forma, o grupo não deve ser condenado como um todo. Vejamos as respostas que mais expressaram essa visão:

Penso que o grupo é os dois em situações diferentes, vejo várias pessoas as vezes sendo mal interpretadas, porque cada pessoa recebe uma

---

<sup>80</sup> No amplo espectro discursivo coberto por noções como cultura da humilhação ou cultura do ódio, podemos encontrar o uso recente no Brasil da denominação linchamento virtual, cada vez mais disseminado entre formadores de opinião nas mídias e entre usuários das redes sociais, em situações de conflito na internet. Ainda que, em um determinado caso, no contingente total de mensagens antagônicas recebidas, a quantidade de insultos, ameaças e ações de exposição não consentida da privacidade, por exemplo, sejam poucas ou inexistentes, a mobilização de grande número para antagonizar a um só (indivíduo, grupo ou instituição) tem levado à mobilização da analogia com os linchamentos para definir essa situação. (FREITAS, 2017. p. 155-156).

história com referência nela mesma em como a pessoa é, e obviamente não há sempre opiniões e comentários sempre positivos, mas por outro lado **o grupo é sim acolhedor, muitas pessoas já foram ajudadas e suas vidas físicas (fora da internet) foram mudadas.** [...] Pessoas que postaram posts de outras pessoas que por exemplo estavam sem comida e produtos básicos em casa e pessoas que moravam perto foram pessoalmente ajudar, e as que moravam longe fizeram doações. Nos famosos "edithes" do grupo, vemos como as pessoas foram ajudadas. (Beatriz, 2019)

Acredito que os dois. Por ter diversos tipos de personalidades e pessoas, vejo que existe essa ambiguidade no grupo, pois ora temos pessoas que difundem amor, empatia, carinho, assim como fizeram comigo, mas ora praticam *cyber bullying*, *hate*, ódio e afins. As vezes só por diferentes concepções de mundo e sociedade. (Júlio Cesar, 2019)

Os dois, ninguém é igual a ninguém e as pessoas têm opiniões diferentes, seja lá qual for o assunto [...] muita gente acolhe, mas muita gente hostiliza também [...] as vezes por não concordar, as vezes por não achar certo, ou pela famosa militância de telão, pelo famoso "biscoito" [...] é um lugar onde pessoas expõe opiniões, gostos, pensamentos que podem vir a ser acolhidos ou não [...] **vejo mais acolhimento do que hostilidade**, mas não deixa de ter ambos os lados lá. (Matheus, 2019)

Os grifos feitos nas falas indicam que, de modo geral, a visão positiva do grupo prevalece. Além do mais, os entrevistados percebem a diversidade que o caracteriza como algo que inevitavelmente geraria essa ambivalência. Diversidade que abrange, também, as múltiplas personalidades de seus usuários. Quando falamos de identificação dialogando com Arfuch (2010) ou Giddens (2010), sobre se ver no outro e identificar o que há de semelhante, não quer dizer que o outro é um espelho, e sim que é possível tecer laços entre afinidades, de maneira a construir uma comunidade. Nem sempre, portanto, haverá concordâncias ou as postagens serão amistosas. Há embates de diversas naturezas, inclusive equívocos. Essa postura, que por vezes é negativa, também se reflete nos próprios administradores do grupo, mesmo que possuam mais poder na hierarquia do LDRV, são seres sociais que também têm seus estilos de vida e sua autoidentidade, e podem se mostrar intolerantes em algumas situações.

Júlio Cesar citou alguns tipos de hostilidade que estão presentes no grupo, como o *cyber bullying*, que põem em xeque a postura de uma comunidade tida por muitos como acolhedora. Cauê mencionou em que momentos certas atitudes podem causar a hostilidade, por parte dos membros e também dos administradores:

Quando discutem sobre padrões a serem quebrados e se alimentam do mesmo que evitam. Tem vezes que tentam parecer engraçados em algo, mas acaba forçando demais. E também quando influenciam pra determinada publicação não ser repercutida e negligenciam alguns membros que acabam apagando as mesmas. Infelizmente, tem casos em

que ao invés de instruir alguns novatos que pouco conhecem sobre o meio LGBT e estão na jornada pra saber seu espaço nessa rede, os torna motivo de chacota [...] Tem publicações que poderiam abrir discussões saudáveis, mas são excluídas porque não querem "a cara" do grupo, é como se não quisessem elevar a construção de uma crítica pra algo a ser compartilhado e defendido [...] Tem vezes que os administradores se baseiam em determinada publicação e as leva adiante como uma forma de ter algum "status" no grupo e a postagem original é apagada. (Cauê, 2019)

O relato de Cauê revela o quanto algumas atitudes em prol da popularidade do grupo depõem contra o LDRV, pois é um espaço tido por muitos como acolhedor e de busca por identificação, mas ao mesmo tempo pode se tornar um vilão ao censurar a narrativa pessoal de alguns. Vendo por esse ângulo, convém questionar o porquê de ainda assim os entrevistados compartilharem algo tão íntimo e pessoal no grupo, que alcançou a marca de um milhão de pessoas.

#### 4.3.4 – ÍNTIMO E PESSOAL: POR QUE EXPOR A INTIMIDADE NO LDRV?

Inicialmente destacamos o relato de Cauê por conta da sua resposta com relação à postura, muitas vezes hostil, no grupo ser semelhante àquela em que explicou os motivos que o levaram a compartilhar sua história no grupo. Na primeira, ele apontou a necessidade de se perseguir o sucesso da publicação ou do grupo. Entre os entrevistados, foi o único que confessou que tinha o objetivo de *hitar* no grupo com sua história, expressando a busca pela repercussão, perseguida por muitos outros também naquele ambiente; até mesmo inconscientemente, as pessoas que publicam no LDRV querem virar *tour*. É interessante observar, porém, que quando não são movidas por essa intenção, acaba sendo mais fácil obterem sucesso.

Ricoeur (2014) argumenta que toda enunciação consiste numa intenção de significar que implica, em sua visada, a expectativa de que o interlocutor tenha, por sua vez, a intenção de reconhecer a intenção real que o locutor teve (p. 24). O autor sugere, desta forma, que, ainda que o locutor tenha uma intenção sobre sua performance, nem sempre é possível captar a expectativa do interlocutor. Já as contribuições de Goffman (1985) sobre representações na vida social, quando trazidos à discussão do tema aqui abordado, podem ajudar a compreender como se dá essa relação, entre aqueles que representam e a percepção da plateia daquilo que a representação tenta esconder. Os demais membros do grupo funcionam como a plateia, que identifica uma intenção que não reflete a espontaneidade esperada e, por isso, a resposta é a hostilidade – que sob a

ótica de Goffman (2010) representaria o desmascaramento por meio da plateia – ou até mesmo a indiferença em relação ao post, fazendo com que ele seja um fracasso.

Por conta dessa resposta negativa do grupo diante dessas performances que forçam situações, Cauê resolveu interromper as publicações, pois a resposta hostil do grupo o atingia psicologicamente e ele concluiu que isso não era saudável. A seu ver, a resposta hostil se dá a partir dessa representação equivocada, enquanto que postagens espontâneas têm grande chance de sucesso e de serem acolhidas. Foi o caso de Erisvando Gomes, já citado, que conseguiu construir a casa e recebeu doações do grupo após as suas postagens revelando sua situação. Para Cauê, “tem de se considerar o quanto a negatividade e positividade estão em níveis diferentes de alcance, mas sempre partem do mesmo princípio” que seria a intenção de quem fez a publicação.

De sua fala pode-se inferir que há uma busca de visibilidade a partir de assuntos polêmicos. É quando a intimidade, antes circunscrita a um pequeno círculo - que Winocur (2011) conceitua como intimidade privada – assume a dimensão de uma intimidade pública, nos termos da autora, irrompendo na rede. Miskolci (2017), por sua vez, enfatiza que as mídias propiciam que os indivíduos construam imagens de si que são expostas à sociedade. No caso de Cauê é a forma como ele se coloca em sua narrativa. Por ser um ambiente com predominância da comunidade LGBTI, o LDRV oferece o que o autor chama de enquadramento representacional disponível, que pode parecer de certa forma restritivo, mas não deixa de ser um espaço legítimo diante de todo um passado histórico de perseguições a essa comunidade.

Diferentemente de Cauê, os outros membros buscaram acolhimento e conforto no LDRV. Alguns compartilhando o sucesso de um momento em geralmente se espera rejeição e represália, a fim de gerar afinidade com seus semelhantes que buscam a aceitação no seio familiar, e outros que buscaram o acolhimento e o afeto por não serem tão afortunados como seus colegas de grupo. Tiveram, os últimos, de lidar com a consequência mais difícil do momento de revelação da orientação sexual, que é a rejeição de um ente querido ou até mesmo o corte de laços.

Os relatos de experiência no grupo refletem a segurança que os seus membros sentiram em compartilhar algo tão íntimo em um ambiente tão popular. E mesmo que alguns tenham se permitido essa partilha, por considerar o LDRV um ambiente propício para isso, também foram simultaneamente movidos pela intenção de ajudar outras pessoas que se encontravam em situação semelhante. Bia, por exemplo, viu em sua publicação a oportunidade de “mostrar que era possível ter uma história feliz no quesito ‘saindo do

armário””, sentindo que dessa forma poderia encorajar pessoas que se deparavam com o mesmo desafio. Justificou que sempre via publicações sobre o insucesso desse momento, então quis mostrar que é possível ter resultados positivos. Como consequência dessa intenção, diversos membros responderam à sua publicação, não apenas nos comentários da publicação, mas também via Messenger, a parabenizando e também agradecendo pelo estímulo.

Matheus destacou a importância de ter um lugar onde se tenha confiança para falar e saber que terá a devida atenção, que no ambiente do grupo é possível rir, brincar e por vezes se desentender, mas que também é um lugar onde as pessoas desabafam e encontram apoio. A exemplo dele mesmo, que compartilhou com o grupo a angústia do momento de revelação, ainda que bem-sucedida, mas que também foi uma situação extremamente emocionante e tensa. Matheus já tinha presenciado o acolhimento do LDRV e a resposta à sua publicação pôde confortá-lo, fazer com que ele se sentisse bem e também reforçou essa característica acolhedora do grupo sob seu olhar, inclusive fazendo com que pudesse inferir a partir das reações dos demais membros o que eles, principalmente os seus companheiros de comunidade LGBTI, sentiam ao compartilhar sua história:

Desabafos como o meu e como muitas outras pessoas já fizeram lá, é uma coisa boa de se ver [...] no mundo que a gente vive hoje em dia, com os perigos que nós sofremos diariamente na sociedade, aquece o coração saber que o outro tá bem [...] que o outro foi aceito, que o outro tem apoio [...] óbvio que, todo mundo devia ser aceito e ter apoio [...] mas essa não é a realidade, infelizmente [...] foi muito bom pra mim na época, ver as palavras de apoio e carinho que as pessoas me disseram [...] sem nem me conhecer, sabe? só por lerem ali um momento meu e ficarem felizes por mim. (Matheus, 2019)

Outros entrevistados buscaram apoio em um momento de vulnerabilidade pessoal, como Beatriz, que passou o seu aniversário de 18 anos, simbólico por atingir a maioridade, pela primeira vez longe de casa, em outro país e sem seus familiares. Esta condição a deixou muito sensibilizada por seu vínculo familiar ser forte, toda essa conjuntura concorreu, ainda, para que revelasse ao pai o fato de ela pensar em tantos outros LGBTIs que não são aceitos pela família – fato que ficou claro a partir de alguns comentários na sua publicação. Ela quis mostrar que todos são merecedores de serem aceitos, do jeito que são e nasceram, e que independente da geração dos pais, o preconceito não deve prevalecer sobre o amor.

Beatriz aponta uma fragilidade comum entre os membros da comunidade LGBTI ao compartilhar uma história bem-sucedida de aceitação por parte dos pais: ao gerar

identificação com os que leem, constata que, intimamente, é o que todos desejariam que acontecesse no momento da revelação. Ou seja, todo mundo busca aceitação, pois só ela pode aplacar a dor e a angústia de ter uma orientação sexual fora da heteronorma. Em razão disso, muitos se espelham, ainda que por mera projeção do desejo, em um caso bem sucedido de “saída do armário”. Quando essa revelação se refere ao âmbito familiar, essa abordagem se torna mais sensível. São laços que muitas vezes são difíceis de serem quebrados, quando necessário. A sociedade heteronormativa repercute na formação das famílias, o que interfere muito negativamente no momento da revelação no meio familiar - em tese, o mais afetivo – o que gera muita tensão e, por vezes, rupturas.

Essa tensão do momento da “saída do armário” se refletiu em todas as postagens, e foi justamente o medo desse embate que fez com que Maria Carolina buscasse no LDRV um lugar onde poderia ser compreendida e apoiada por pessoas que viviam e compartilhavam a mesma realidade. Ela marcou uma conversa com os pais contar sobre sua orientação sexual, no entanto relatou no grupo que ainda precisava de estímulo e coragem para enfrentar a conversa. Naquele período a maioria dos seus amigos era heterossexual e ela não encontrava neles o suporte de que precisava, pessoas com quem se identificasse, buscando nelas inspiração e coragem.

Lucas Fhelipe apontou outra questão que envolvia seu ambiente pessoal, que tornou ainda mais tenso o seu momento de “saída do armário”. A solidão do homem negro e gay<sup>81</sup> perante a sociedade foi determinante para que ele viesse a compartilhar seu relato no LDRV, pois precisava encontrar saídas para expressar a dor, as emoções e tudo que lhe afetava no momento após sua revelação, suprimindo essa necessidade com a sua publicação, em que pôde, segundo seu relato, “trocar energias com outras pessoas que passam/passaram por situações semelhantes e que poderiam ajudar de alguma forma”.

O fato de ter um lugar de acolhida e representatividade contou muito para que os membros compartilhassem suas experiências no LDRV, entretanto, ainda que com fragilidades e angústias, todos os relatos trazidos anteriormente possuíam um ponto positivo. Que funcionava como identificação e também como desejo de aceitação por parte de seus leitores no grupo. Todavia não foram compartilhados apenas relatos evidenciando boas reações, houve também dois casos em que a busca de apoio se fez necessária frente à rejeição. Alexandre compartilhou com o grupo a rejeição sofrida por parte de sua avó, pessoa diante de quem ele tinha receio de assumir sua sexualidade, pois

---

<sup>81</sup> Esta é uma discussão que não merece ser tratada com superficialidade, no entanto respeitando o lugar de fala de quem cabe o protagonismo dessa discussão, não nos aprofundaremos nela.

além de ter uma mentalidade mais conservadora, era alguém com quem ele possuía um laço afetivo muito forte e que temia romper. A resposta do grupo foi de acordo com as expectativas de Alexandre, que pôde se sentir acolhido:

Depois dos comentários e relatos das pessoas, voltei a me sentir bem de novo. Foi quando eu pude perceber que não havia nada de errado comigo. Que várias pessoas haviam passado pela mesma situação. Então fiquei com meu psicológico e o meu emocional mais leve e tranquilo. (Alexandre, 2019)

A situação mais delicada foi a de Júlio Cesar, que buscava no LDRV apoio emocional e também apoio material, pois ao ser expulso de casa ele se viu desamparado. Na ocasião ele estava, por suas palavras, completamente abalado psicologicamente e, mesmo que a reação do grupo fosse hostil, ele não absorveria, porque já estaria saturado de tais sentimentos negativos. O pensamento pessimista se deu por conta da situação debilitada em que ele se encontrava emocionalmente, por isso a acolhida do grupo o surpreendeu e se tornou um refúgio em um momento de dificuldade, emocional e material, suprida nos dois aspectos pelo o grupo. Com relação à necessidade material, não foi possível ajudar tanto, pois o grupo possui um alcance mundial, entretanto Júlio diz que o apoio material grande ou pequeno se tornou ínfimo diante do apoio que ele recebeu de amigos e de desconhecidos. Esse apoio foi essencial para que pudesse reagir:

(O grupo) trouxe um apoio emocional muito grande e uma tentativa que funcionou de ver a situação de outra forma. Graças a deus eu fui muito bem acolhido com esse momento no grupo. Além disso me ajudou a enxergar que eu não tava (sic) sozinho em meio a todo mundo preconceito que vivemos, que perpetua a misoginia, machismo estrutural e lgbtfobia que está presente na formação cultural dominante no Brasil. (Júlio Cesar, 2019)

O preconceito contra os LGBTIs está enraizado na sociedade, são diversas formas de violência que atingem essas pessoas cotidianamente, algumas agressões são explícitas, outras são subentendidas, situações que fazem parte do ambiente social do LGBTI, uma condição que muitas vezes os coloca no armário de vidro, conceito de Sedgwick (2007), e os torna alvo de ataques fantasiados de ignorância. Quando familiares tornam o cotidiano mais difícil, por serem o meio social imediato da maioria das pessoas, é árduo resistir e existir e, para que seja minimamente possível viver bem diante desse contexto, é necessário buscar refúgios, lugares de identificação e principalmente de acolhimento.



As formas em que o acolhimento pode se apresentar são inúmeras, principalmente quando pensamos no conceito originado da enfermagem. Todavia, podemos observar etapas parecidas se compararmos às atitudes adotadas pelos membros do LDRV diante das postagens selecionadas. Não foi possível mergulhar nos comentários, algumas publicações tiveram milhares deles, em razão disso, procuramos refletir sobre essa postura a partir da visão de nossos entrevistados, e como ela chegou até eles.

De antemão foi possível perceber como se deu nos casos mais extremos, os de Alexandre e de Júlio Cesar, em que a necessidade de ser acolhido era muito forte e o grupo respondeu condizendo com a expectativa, buscando acolhê-los de maneira a amenizar os choques sofridos.

O apoio chegou de diversas formas no Facebook, alguns membros reagiram às publicações, outros comentaram para poder expressar melhor o que sentiam e teve ainda membros que foram até o perfil pessoal, por mensagem direta, dar seu apoio e conforto aos entrevistados. Júlio mencionou esse fato, de que não foi apenas através dos comentários que ele recebeu apoio, mas também em suas mensagens, o que fez com que ele se sentisse muito grato e acolhido, usando de suas próprias palavras, ao ver que não estava sozinho em sua luta e na vida. A declaração que expressa esse sentimento de forma veemente foi quando declarou: “eu senti como ainda podemos ter esperança de um mundo melhor com empatia, respeito e amor ao próximo”. A acolhida feita pelo grupo foi essencial para Júlio Cesar encarar a sociedade com mais orgulho e força, o estímulo dado pelo LDRV foi como “um novo fogo por mudança” na vida dele e na sua forma de lidar e lutar com o mundo, de forma geral.

Todas as respostas durante as entrevistas mostraram como foi possível olhar para a temática e a situação da comunidade LGBTI como um todo a partir da reação dos membros do grupo. Para Bia, além de a interação com o grupo ter lhe deixado confiante em sua decisão, também se tornou estímulo para ajudar outras pessoas que a procuraram para mostrar que ela viria a ser inspiração, o que fez com que ela se sentisse mais forte e confiante de si mesma.

Lucas Fhelipe também sentiu o apoio e carinho do grupo e o transformou em força e estímulo. O acolhimento dado pelo grupo o auxiliou a passar por esse momento turbulento e de fragilidade e ainda trazer mudanças no seu olhar sobre a sociedade, especialmente com relação aos laços e vínculos. Para Lucas, foi possível perceber que os laços sanguíneos não necessariamente representam apoio incondicional, que existem

muito mais possibilidades de ajuda por parte de com pessoas desconhecidas, em vista da empatia e da identificação delas. Mudou sua forma de pensar, agir e enxergar as pessoas, além de ajuda-lo a não ficar triste e desmotivado.

Até mesmo Cauê, que tinha como objetivo principal *hitar* no LDRV, colheu bons frutos a partir da reação dos seus colegas de grupo. Foi possível ampliar suas percepções sobre a importância de ter assumido sua sexualidade para alguém de suma importância na sua vida, seu pai. Sentir-se ouvido, uma sensação que ele relatou ser rara no seu dia a dia e, por fim, a postagem rendeu boas discussões sobre a temática, refletindo inclusive na melhora do diálogo entre Cauê e o pai. Foi possível perceber que, ainda que não tenha sido a principal intenção dele, o rapaz foi acolhido pelo grupo, o que gerou resultados positivos diante de uma publicação que poderia simplesmente passar despercebida como apenas mais uma tentativa de *hit*.

#### 4.3.5 – O LDRV COMO EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA

As histórias diferem entre si e, ao mesmo passo, se assemelham, todos os entrevistados buscavam apoio, entretanto para fins diferentes e, como resultado, também geraram experiências diferenciadas quando influenciaram cada história. Um relato marcante sobre a importância do apoio do LDRV foi o de Maria Carolina, que criou sua publicação em busca de coragem em estímulo para contar aos seus pais sobre sua orientação sexual. Como a postagem foi feita antes mesmo da conversa decisiva, em que se revelaria para seus pais, o objetivo era obter conselhos a partir das experiências já vividas pelos demais membros do grupo, como de fato aconteceu. Além disso, Maria deixou clara a possibilidade de a conversa não ter um resultado positivo e que por conta disso havia um receio sobre esse momento, com relação a essa questão alguns membros também foram solícitos ao se oferecer para acolhê-la em suas casas, caso o resultado fosse negativo.

Maria Carolina encontrou o encorajamento que precisava, revelou-se para seus pais e voltou ao LDRV para agradecer aos membros que acompanharam sua *tour* e a ajudaram nesse momento tão simbólico. Os comentários e reações ajudaram-na a concretizar uma vontade sua, de revelar-se e de ser quem ela realmente é; relatou ainda que as intervenções feitas pelo grupo em sua publicação e sua vida a ajudaram a longo prazo, pois com o passar do tempo ainda houve conflitos com seus pais relacionados à sua sexualidade, mas que segundo ela foram infinitamente mais fáceis de lidar. A partir da sua postagem, Maria fez amigos e construiu o que ela chamou de “rede de apoio”, com

a qual ela conta desde então. Essa mudança influenciou não apenas nas suas relações familiares, mas também como militante de suas próprias causas, o grupo funcionou como uma fonte de confiança para ela.

Apesar de muitos terem lidado com falas preconceituosas, de um modo geral, seis integrantes compartilharam histórias de aceitação, alguns deles reconheceram que ter uma história positiva para contar já é um privilégio. Matheus relata que os comentários em tom de felicitações demonstraram grande empatia e sinceridade advinda dos membros que reagiram e interagiram com a sua publicação. Que o encorajamento com que recebeu do grupo fez com que ele perdesse o medo de algo que sempre se mostrou extremamente complexo e difícil de enfrentar, que seria a sua “saída do armário”.

A interação com o grupo, naquela madrugada, o estabilizou emocionalmente e o fez perceber que não existia erro em ser quem era, melhorou sua relação não apenas com a antagonista do post, que é sua mãe, mas com outros familiares. Também ajudou a perceber que as experiências, boas ou ruins, fazem parte da construção da sua identidade, em que pode se autoafirmar, impor e se aceitar. Matheus sentiu, segundo suas próprias palavras, uma espécie de empoderamento. E a partir daí foi possível ajudar outras pessoas, que diariamente se veem frente aos mesmos embates. Ele frisa que foi muito ajudado pela experiência dos seus semelhantes que compartilharam na sua publicação, mas que também já esteve no papel inverso, quando compartilhou seu relato e sua experiência para ajudar alguém em situação equivalente.

A resposta do grupo o ajudou a perceber que não era necessário ter medo da reação da sua mãe, que a partir daquele momento a relação deles tendia a melhorar. Para Matheus “tudo fica mais fácil quando a gente tem apoio, tem opiniões, tem espaço”. Não ignorando o fato de ainda vivermos em uma sociedade que discrimina o LGBTI em diversos âmbitos, Matheus menciona ironicamente essa condição social em que se vive e como se vê após o acolhimento nesse contexto:

Óbvio que, ainda existe a sombra do medo, devido a maravilhosa população brasileira que temos por aí e ao nosso excelentíssimo presidente (☺☺☺) [...] mas, gerou sim mudanças na minha postura [...] como eu disse, passei a me impor mais, ter mais voz, ter mais opiniões formadas no geral, tanto em casa quanto no círculo de amizades, faculdade... (Matheus, 2019)

Mesmo com o receio que Matheus relatou no post, muitos integrantes do LDRV comentaram com relação à aceitação que ele recebera, que comentários como “*ah, que sonho*” ou “*ah, queria*” refletiram a realidade de muitos LGBTIs, que estão em condições

totalmente contrárias, mas que a partir do seu relato é possível acreditar na possibilidade de aceitação, de que assim como foi para ele pode acontecer com outros. “Experiências boas a gente compartilha, felicidade a gente compartilha [...] amor a gente compartilha”

Da mesma forma, Beatriz viu sua experiência compartilhada no grupo se tornar acolhimento e ao mesmo tempo estímulo para muitos. Após *hitar* e se surpreender com a reação dos seus colegas de grupo diante de sua postagem, Beatriz conquistou o seu presente inesperado de 18 anos. A primeira sensação diante da grande repercussão que sua publicação teve foi a de orgulho, de seu pai especialmente que teve uma reação tão afetiva que lhe comoveu e aos mais de 16 mil membros do LDRV que reagiram à publicação. O contato com essas pessoas também através de comentários fez com que a paulistana pudesse ter consciência do quão privilegiada ela é, de ter a aceitação completa de um ente tão próximo. Beatriz mencionou alguns comentários que traziam experiências totalmente contrárias à dela e o quanto ter conhecimento disso foi essencial para que ela pudesse agir em prol da comunidade LGBTI:

Teve aqueles comentando que reação dos seus pais foram totalmente o contrário do meu, que alguns foram expulsos de casa ou ouviram coisas horríveis, isso me deixou realmente triste mas eu precisei lembrar que eu e meu pai somos uma exceção a regra, o Brasil é o país que mais mata LGBT's no mundo e essa violência muitas vezes vem da própria casa, então eu me entristeci obviamente mas me ajudou lembrar o quanto eu quero ajudar pra acabar com a lgbtfobia, eu fiquei bem mais "problematizadora" que eu já era, rebato brincadeiras preconceituosas dentro e fora de casa, porque tanto meu pai quanto minha mãe são desconstruídos mas a maioria do resto da família não. (Beatriz, 2019)

Reconhecer-se como privilegiada permite que se possa agir em prol daqueles que não têm a mesma condição favorável a isso. Em um primeiro momento foi possível perceber que algumas pessoas se viram encorajadas pela atitude de Beatriz, mas principalmente pelo exemplo dela ser positivo. Quando entrou no LDRV, ela ainda não tinha assumido sua sexualidade nem para si mesma, o que parece algo ilógico, mas que faz parte da realidade de um LGBTI. Fazer parte de uma sociedade que combate diariamente qualquer existência que fuja à heteronorma traz conflitos internos que não são possíveis de descrever ou citar com exatidão, sendo um deles se aceitar como LGBTI. Ela comenta ser “muito louco pensar que um grupo de "brincadeira" do Facebook te ajuda numa parte importante na sua vida, mas (para) as pessoas que se sentem mais incluídas nesse momento realmente faz a diferença”.

Na entrevista, ela falou sobre algo de extrema importância, que é o reconhecimento de seus privilégios, principalmente por não se tratar apenas de sua sexualidade. Ela fala sobre sua posição na sociedade de forma geral, onde se posicionar e se colocar à disposição dos seus semelhantes que estão em mais risco é uma postura notável:

Olha, eu acho que temos que reconhecer nossos privilégios, sabe? E eu vejo minha família me aceitar como um privilégio, para exemplificar: Eu sou uma mulher negra de pele clara, meu pai negro casou com minha mãe branca, por muito tempo isso foi confuso pra mim mas hoje eu reconheço o que sou e sim sou uma mulher negra, mas eu tenho que reconhecer meu privilégio sobre as pessoas de pele mais retinta que a minha, o racismo que sofro é uma forma da sociedade me embranquecer mas dificilmente vou ser discriminada porque sempre me consideram "morena" assim sendo racistas ao me embranquecer. E eu tenho que reconhecer esse privilégio. Num país homofóbico e violento como o nosso, uma família aceitar sua filha adolescente lésbica é sim um privilégio, e isso me fez olhar sim a minha volta e tentar sair da minha zona de conforto e sempre tentar ser empática e ajudar as pessoas que não tem a mesma realidade e "sorte" que eu. É uma pena que uma família aceitar um filho como ele é seja um privilégio quando deveria ser uma realidade, mas até a sociedade mudar temos que reconhecer e ser empáticos com histórias que não são iguais a nossa, sendo em situações de lgbtfobia, machismo ou racismo não podemos ser omissos. (Beatriz, 2019)

Importante ressaltar que Beatriz, aos 18 anos de idade, conseguiu absorver da experiência que teve no LDRV lições que não vemos comumente na sociedade como um todo, pelo contrário, vemos pessoas se valendo de seus privilégios para se eximirem de algumas lutas. A forma com que o grupo abraçou Beatriz a partir de seu post se tornou aprendizado e fez com que ela pudesse ver nessa uma possibilidade de avanço. Ela explica como é possível se diferenciar nas lutas diárias da comunidade LGBTI a partir de suas experiências e das experiências de seus semelhantes:

Eu acho que desde quando nos descobrimos gays, bissexuais lésbicas, trans.... sabemos que nossa vida não vai ser normal, vamos ter que passar por momentos que uma pessoa heterossexual não passa e sabemos o quanto é difícil. Penso que o que mais 'pegou' pra mim na publicação foi a empatia. Eu me coloquei no lugar das poucas pessoas que passaram pela mesma experiência que a minha (porque já estou nesse lugar). Me coloquei no lugar das pessoas que se sentiram encorajadas a se assumirem (eu me senti encorajada depois de ver vídeos do canal das Bee<sup>82</sup>, e um vídeo específico do Chá dos 5<sup>83</sup> também um canal lgbt que as dubladoras Rayani Immediato e Mabel Cezar contam como foi o processo delas) e também me coloquei no lugar das

<sup>82</sup> Canal das Bee Disponível em: << <https://www.youtube.com/user/CanalDasBee> >>

<sup>83</sup> Chá dos 5 - SAIR DO ARMÁRIO: MULHERES. Disponível em: << <https://www.youtube.com/watch?v=ovsoTveaEBo> >>

peessoas onde os pais não os aceitam, porque antes de me assumir eu sentia medo o tempo todo e é isso que uma pessoa não aceita pela família, porque "se nem a própria família me aceita como vai ser lá fora?" Então fez muita diferença pra mim pela empatia que senti ao ler os comentários. (Beatriz, 2019)

Um exemplo contrário à situação de Beatriz é o de outro entrevistado, Júlio César, que conseguiu seguir em frente e reerguer-se de certa forma independente, mas que precisou cortar os laços com sua mãe, que não o aceitou. Entretanto, com o passar do tempo e com as reflexões a partir de sua experiência, Júlio buscou amadurecer e foi atrás do diálogo com sua família. Atualmente mantém contato com seu pai, tios e alguns primos, uma relação que ele define como amistosa e respeitosa, sem ataques, baseado no diálogo e que os estava ajudando a ter um relacionamento melhor entre eles.

#### 4.3.6 – TECENDO VÍNCULOS

Empatia a partir de experiências compartilhadas gera sentimentos e sentimentos geram laços. Como compartilhar algo de sensibilidade tão aguçada, que necessita da ativação de vários sentimentos para que de fato ocorra acolhimento sem que consequentemente se criem vínculos sentimentais? A partir das respostas dadas ao nosso último questionamento, podemos afirmar que o ambiente online pode oferecer a possibilidade de vínculos que transbordam para fora dele. Os vínculos criados no LDRV foram de suma importância para os selecionados na nossa pesquisa.

Recuero (2009) mostra que as redes sociais online são criadas para que as pessoas interajam e criem laços. A autora considera as relações formadas na internet desde as suas primeiras interações, entretanto no caso deste tópico buscamos relações que vão além de um contato superficial por comentários, por exemplo. De toda forma, Recuero (2009) contribui para nosso entendimento:

A interação mediada pelo computador é também geradora e mantenedora de relações complexas e de tipos de valores que constroem e mantêm as redes sociais na Internet. Mas mais do que isso, a interação mediada pelo computador é geradora de relações sociais que, por sua vez, vão gerar laços sociais. (RECUERO, 2009. p. 36)

Diversos tipos de laços e vínculos foram criados a partir das experiências pessoais no LDRV. Pelo fato de o grupo ter dimensões mundiais, muitas amizades criadas naquele espaço são virtuais, porém não menos importantes ou afetivas. Lucas Fhelipe, que mora em Brasília, por exemplo, construiu uma amizade com outra integrante do LDRV que mora em Belo Horizonte, por quem ele diz ter muita gratidão, pois ela o auxiliou muito no período em que assumiu sua sexualidade, uma amizade criada

justamente pela publicação que fez. Com a intenção de também conhecer pessoalmente e consolidar laços de amizade além do ambiente virtual, Beatriz mencionou ter uma amiga proveniente do grupo e que coincidentemente também mora no Rio de Janeiro, essa amizade é citada por ela por achar “extremamente possível manter relações no grupo”.

As comuns amizades à distância também fazem parte da realidade de Beatriz, que conheceu no LDRV uma menina que é irmã de um amigo seu, fora do grupo. A coincidência foi percebida quando o seu amigo questionou a presença da irmã dele nas redes sociais de Beatriz. O fato de sua nova amiga morar em um país diferente do seu – Beatriz e seu amigo em Buenos Aires e a irmã dele em Nova Iorque – fez com que essa coincidência não fosse notada rapidamente. Após esse momento, as meninas se tornaram amigas e passaram a se falar mais por conta do grupo. Isto posto, Beatriz conclui que é possível se relacionar com pessoas que conhecem no LDRV.

Algumas dessas relações construídas no ambiente do grupo foram além das amizades. Tanto Alexandre quanto Matheus afirmaram terem feito muitas amizades, estendendo à outras redes sociais e indo além, se relacionando amorosamente com alguns meninos. Para os dois, o vínculo que se cria no LDRV é real e o grupo não deixa de ser também uma porta de entrada para interagir e conhecer novas pessoas.

Alguns construíram amizades profundas a ponto de poderem compartilhar intimidades, como Maria Carolina relatou ter construído uma “rede de apoio” e ter um amigo em especial conquistado no LDRV. Para ela, é mais provável que se crie amizades no grupo, pois naquele espaço é possível se identificar com o outro. Júlio César conta que alguns dos amigos criados no dia de sua publicação são essenciais para que ele esteja forte e lutando sempre.

Por fim, Cauê Evangelista sinaliza que é possível criar laços e vínculos, entretanto frisa que, para que isso seja possível, é necessário ter interesses em comum, que concorram para que novas portas de identificação sejam abertas. Para ele, “um diálogo tem de ser sustentado por um fator abrangente, do contrário é algo momentaneamente bom, mas extremamente desgastante [...] E acaba por ser desgastante pelo fato do outro não se dispor a sair (de apenas um) interesse ou (da) interação entre os comentários”. Os laços precisam ser reforçados sempre, para que se mantenham vivos.

Compreendemos que as entrevistas foram capazes de esclarecer diversas questões que foram levantadas a partir da temática trazida por esta pesquisa, portanto podemos afirmar que a busca por acolhimento em um ambiente multifacetado e diverso como o LDRV é possível, não apenas a busca, mas o acolhimento eficiente se dá, a partir

das impressões de quem o recebeu. Os indivíduos entrevistados precisavam ser acolhidos e, segundo seus relatos, o grupo atendeu às suas necessidades. Dando a eles experiência com a reação dos demais membros do grupo, compartilhamento de experiência através dos comentários e a externalização no ambiente do grupo de suas questões que, apesar de serem pessoas, são de alta relevância social. As demandas da comunidade LGBTI se edificam a partir dessas relações e experiências construídas no LDRV, uma vez que é possível buscar o bem-estar do próximo a partir de vivências pessoais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Eu sou o Amor que não ousa dizer seu nome”*

*Lorde Alfred Douglas*

O grupo Lana Del Ray Vevo superou suas próprias expectativas. O que era para ser um grupo de deleite, no qual diariamente sátiras e *memes* seriam criados e compartilhados no *feed* de seus integrantes, tornou-se um espaço de pertencimento. O objetivo, inicialmente, era direcionar a página ao humor, mas não qualquer tipo de humor e sim aquele que diz respeito ao universo da música pop voltado para a comunidade LGBTI. Entretanto, essa finalidade começou a dividir seus espaços com as histórias de vida que passaram a se fazer presentes na linha do tempo do LDRV. Gradualmente, testemunhos e o compartilhamento de histórias mais dramáticas ocuparam o espaço que outrora fora apenas de risos e ironia.

O grupo cresceu e junto com ele consolidou-se um ambiente em que, discretamente, se firmou um lugar de luta, de grande importância para seus frequentadores. A sigla LDRV havia ultrapassado a dimensão pura e simples do humor e passou a representar, também, pertencimento, identificação e acolhimento.

Ao fechar a análise dos dados gerados por esta pesquisa, podemos e devemos falar sobre a importância de conquistar espaços para a comunidade LGBTI. A sociedade, integralmente, é regida pela heteronormatividade e, em razão disso, combate cotidianamente tudo o que foge desse ideal sexual, afetivo e de gênero, então os indivíduos que fogem à heterossexualidade, apontada por Miskolci (2017) como compulsória, precisam buscar espaços onde se consolidarão como comunidade e podem cultivar uma imagem mais positiva de si e serem aceitos. Espaços em que performam sua identidade de diversas maneiras e se fortalecem perante a sociedade.

Miskolci (2017) faz uma comparação muito relevante sobre os avanços do movimento feminista e do movimento homossexual, na qual se nota que ambos lutam para serem vistos socialmente e para combater o binarismo que favorece apenas o homem heterossexual masculino. O autor explica:

De forma esquemática, enquanto as feministas apontaram o caráter político do binário homem/mulher, sob o qual se assentam desigualdades de gênero que privilegiam os homens em relação às

mulheres, os estudiosos queer<sup>84</sup> sublinharam o caráter político-epistemológico do binário hétero/homo, o qual não apenas privilegia aqueles e aquelas que se relacionam com pessoas do sexo oposto, mas toma sua perspectiva como a própria condição de construção do conhecimento. Os dois binários não apresentam termos igualmente valorizados, pois os primeiros (homem/hétero) são reconhecidos, enquanto os segundos (mulher/homo) são marcados e inferiorizados. No caso específico da homossexualidade, a marca histórica é a do estigma e da anormalidade. (MISKOLCI, 2017. p. 41)

A construção da imagem do LGBTI é muito importante para suas lutas e conquistas. Não por acaso, ambientes como o LDRV se consolidam e ganham grande número de adeptos, pois reforçam a identidade da comunidade, capaz de articular e tornar mais efetiva a atenção às suas demandas. Com o compartilhamento das experiências vividas, a identificação é suscitada, tornando-se, por vezes, gatilho para outros compartilhem também suas histórias. Acentua-se, aqui, a resignificação do grupo e a dimensão eminentemente simbólica que assume na tessitura de vínculos entre sujeitos dispersos espacialmente.

Sendo assim, o LDRV não se resume ao ambiente virtual da rede social Facebook, já ultrapassou várias barreiras, na internet e fora dela, tornando-se mais que um grupo ou uma comunidade virtual; influenciando e agindo diretamente nas vidas de quem dela participa e ali espera encontrar ressonância para seus dilemas subjetivos. Obviamente, o ambiente não deve ser idealizado, pois não há espaço que seja exclusivamente bom ou ruim. Tal qual a sociedade, considerando a não separação entre a vida on-line e off-line, co-extensivas e mutuamente implicadas, as interações humanas são atravessadas por tensões e embates de várias ordens.

Essa compreensão do grupo como espaço de conflitos e contradições ficou evidenciada na pesquisa principalmente se tomarmos como marco a *tour do cofre*<sup>85</sup> e daí em diante. Naquele momento o LDRV experimentou um momento de popularidade, tornando-se conhecido nacional e quiçá internacionalmente, o que fez com que, por vezes, se distanciasse de sua característica inicial. Essa mudança ocasionou diversos conflitos, o maior deles apontado pelos entrevistados dessa pesquisa teria sido a “invasão heterossexual” que atingiu a era de número 11 do grupo, a mesma de onde recortamos o *corpus* de nossa pesquisa. Esse fenômeno pós-cofre foi extremamente marcante para os integrantes selecionados, pois ele diminuiu a confiança dos membros LGBTI em expor

---

<sup>84</sup> “Um conjunto de estudos que surgiu – ao mesmo tempo – em diferentes contextos nacionais problematizando o caráter heterossexual de nossa cultura.” (MISKOLCI, 2017. p. 40)

<sup>85</sup> Postagem do grupo de grande repercussão, especificada no tópico 2.3 desta dissertação

suas intimidades, em razão de o LDRV deixar de ser, então, um lugar de “iguais”, em vista da grande presença de membros heterossexuais.

A despeito disso, o LDRV pode ser visto como lugar de acolhimento, ainda que momentos de hostilidade permeiem algumas publicações. Quando a temática era em tom sensível e que atingia especialmente a comunidade LGBTI o grupo procurou reagir de forma mais pacífica e acolhedora, suprimindo a necessidade e a carência de atenção que aquele indivíduo solicitara naquele momento. Apesar de apenas oito membros terem correspondido à nossa pesquisa, nas 14 publicações inicialmente selecionadas o grupo respondeu com apoio e acolhida. Muitos momentos de extrema fragilidade foram compartilhados no grupo e abraçados pela comunidade que ali se formou.

As publicações que analisamos e que passaram a compor o *corpus*, tinham em comum o fato de irem além de relatos superficiais em uma rede social. O intuito era que tivessem uma dimensão sensível, despertassem identificação naqueles que se veem em situação semelhante e o fortalecimento daquele espaço como lugar de pertencimento e também de luta. Por que luta? Porque o grupo estimulou muitos de seus membros, a partir das respostas às postagens, a se envolverem mais nas militâncias, fortalecendo-se como agentes em uma sociedade que os obriga a se defender diariamente. Especialmente quando se trata de casos em que a história compartilhada foi em tom de vitória, nesses casos em que os sujeitos têm apoio de suas famílias, se faz necessário o uso de sua sorte, como diria Sedgwick (2007), para levantar a bandeira da busca por direitos.

A luta é por aqueles que não têm a mesma sorte de serem aceitos, por aqueles que procuram sobreviver diariamente aos ataques e desrespeitos diante de uma sociedade heteronormativa, que reflete diretamente na maioria das famílias brasileiras. Um combate que, no passado, já foi tratado como contravenção penal, como perversão pela igreja, tendo sido questionada a própria sanidade mental dos indivíduos que ousaram expressar sua orientação sexual fora da norma estabelecida. A violência contra tudo o que foge da “normalidade heteronormativa” é tamanha, que se apresenta ainda de maneira impiedosa e cruel. Butler (2014) cita um exemplo que demonstra exatamente isso:

A questão da “correção” cirúrgica de crianças intersexuais é um caso exemplar. Aqui o argumento é de que crianças que nascem com características sexuais primárias irregulares devem ser “corrigidas” para adequar-se, sentir maior conforto, se tornarem normais. Cirurgias corretivas são às vezes realizadas com o apoio dos pais e em nome da normalização, e os custos psíquicos e físicos dessas cirurgias demonstraram ser enormes para aqueles que foram submetidos, por assim dizer, à “faca” da norma. Os corpos produzidos por meio dessa execução reguladora de gênero são corpos com dor, portadores das

marcas da violência e do sofrimento. Aqui, a ideia de morfologia de gênero é literalmente inscrita na carne. (BUTLER, 2014, p. 268)

Essa interferência violenta no corpo dos “I” do LGBTI vem sendo combatida, pois as consequências são devastadoras ao longo da vida. Muitas vezes os pais não acertam na hora de escolher o sexo a ser “retirado” do indivíduo intersexual e as consequências na identidade daquele sujeito são extremamente dolorosas. Esse é um exemplo específico para se fazer vista à necessidade das lutas da comunidade LGBTI de forma geral. A heteronorma assombra e escraviza a sociedade que tenta avançar a passos lentos. Butler (2014) assinala o quanto essa necessidade de normalização se equivale à rigidez da heteronormatividade, pois as regulações que conduzem como a normalização age sobre a sociedade parece querer controlar o que um homem ou uma mulher devem ser e onde a sexualidade estará e não estará (p.272).

A reação à norma que oprime pode vir de muitas formas, no caso da nossa pesquisa podemos observar como a exposição da intimidade torna-se um instrumento para a construção da imagem que se busca alcançar. Quando a intimidade de alguém é compartilhada, busca-se visibilidade não apenas pessoal, mas algo que vai além e está diretamente relacionado à representatividade. Por isso a importância da acolhida no LDRV, porque ainda que existam demonstrações de hostilidade no grupo, em momentos como os posts que trouxemos, o acolhimento se sobressaiu. Tanto é assim que, apesar das críticas feitas ao grupo, em todos os depoimentos dados nas entrevistas, todos reconhecem a acolhida como um traço importante dele.

Claro está que as interações que ocorrem online cada vez mais se confundem com o dia a dia que se vê relativamente fora da rede, Miskolci (2017) lembra Castells quando reforça que vivemos a era da conectividade perpétua. As lutas e ações nas redes sociais online estão diretamente ligadas ao que se passa fora delas. E não necessariamente fora, pois muitas ações entremeiam os espaços. A exemplo de alguma manifestação em prol dos direitos da comunidade LGBTI que é transmitida em uma live no Facebook. Sendo assim, os relatos compartilhados na rede têm impacto direto nas vivências de um indivíduo em um âmbito generalizado.

Pelúcio (2017) observa que a esfera íntima só pode ser compreendida em sua radicalidade quando assumimos que o pessoal é também político (p. 16), partilhar o íntimo é também lutar por seu espaço social, de forma que a validação desse espaço que é seu por direito é muito mais que uma libertação, é uma adequação à normalidade, a qual se busca incansavelmente desde que as lutas da comunidade foram travadas. As redes

sociais online funcionam como um caminho, que auxilia para que esses indivíduos possam buscar seus objetivos. Ainda que nesses espaços também possam encontrar barreiras e embates com ondas contrárias que tentam frear qualquer avanço, a persistência aparece combustível para que a busca pela normalização de sua situação seja válida.

Miskolci (2017) evidencia a importância dos ambientes midiáticos para as lutas e as conquistas sociais contemporâneas:

Na sociedade contemporânea, as representações sociais e as tecnologias midiáticas estão intrinsecamente associadas. A visibilidade se tornou sinônimo de imagens cuja produção e consumo precisam ser analisadas caso queiramos compreender como a internet, a televisão, o cinema e as mídias impressas nos mostram o mundo e o lugar que ocupamos nele. (MISKOLCI, 2017. p. 265)

Os interlocutores da pesquisa utilizaram o LDRV para finalidades sociais, seja para compartilhar experiências e gerar identificação, seja para construir um ambiente de luta e consolidar o pertencimento naquele espaço. Trazer a sua experiência de saída do armário para ser exposta para mais de 950 mil pessoas é um ato de generosidade. Compartilhar um momento delicado e pessoal em que outras pessoas possam se espelhar é criar laços de confiança, identificação e pertencimento.

O papel da família como antagonista nessas narrativas representa a necessidade da aprovação em seus ciclos sociais, mas especialmente nesse, que é nuclear. Experiências de rejeição no ambiente familiar tendem a ser acolhidas e combatidas, evocando a solidariedade de membros do grupo. Há um momento de lamento, entretanto nessas condições o grupo se conforta e se fortalece como um lugar de apoio, podendo até se configurar em vínculos como o que Reis (2017) menciona, de grupos de amizade que se tornam a família de LGBTIs que foram rejeitados pelo seu grupo familiar e por isso tiveram que ressignificar esse conceito.

Há, claramente, uma busca incessante por curtidas e destaque no grupo, pois muitas vezes algumas pessoas alcançaram grande repercussão, o que despertou em muitos integrantes do LDRV essa vontade de estar em voga. Entretanto, esse destaque no grupo não chega a se sobrepor ante o desejo de que essa comunidade funcione efetivamente como uma rede capaz de dar apoio aos seus membros.

Muito embora alguns tenham reclamado da perda da essência do LDRV, Kaerre Neto assegurou em entrevista que essa essência está tentando ser resgatada. Principalmente após as tensões vividas pela comunidade LGBTI durante o processo eleitoral brasileiro de 2018, em que houve muitos e duros ataques direcionados a essas

peças e a seus direitos. Com a ascensão de um governo de ultradireita no país, projeta-se um cenário de muita hostilidade aos LGBTIs. Mais que nunca, ao que tudo indica, os laços criados no LDRV e em tantos outros espaços congêneres se farão necessários.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. In: Revista Famecos n. 20. Porto Alegre: 2008, p. 34-40.

ARFUCH, Leonor. **Cronotopías de la intimidad**. In: Leonor Arfuch (compiladora) Pensar este tiempo. Espacios, afectos, pertenencias. Editorial Paidós, Buenos Aires, 2005.

\_\_\_\_\_. **Identidad y narración: devenires autobiográficos**. VERTEX Rev. Arg. de Psiquiat. 2013, Vol. XXIV: 127 - 131

\_\_\_\_\_. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea / Leonor Arfuch; tradução Paloma Vidal. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.**

BARATA, Luiza; CONSTANTINO, Fernanda. **Espaços híbridos e ressignificações: o exemplo do grupo de Facebook LDRV**. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Paraná, 2017. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2806-1.pdf> > Acesso em 15 de fevereiro de 2018.

BASTOS, Fernanda de O. S.; LIMA, Fábila P.; NEIVA, Rodrigo C. S. **A perspectiva relacional das redes sociais no contexto da comunicação organizacional**. 2011. Disponível em < [http://www.abrapcorp.org.br/anais2011/trabalhos/trabalho\\_fernanda\\_fabia\\_rodrigo.pdf](http://www.abrapcorp.org.br/anais2011/trabalhos/trabalho_fernanda_fabia_rodrigo.pdf) > Acesso em 30 de agosto de 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **HumanizaSUS: Documento base para gestores e trabalhadores do SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização**. – 4. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização**. – 2. ed. 5. reimp. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BRAGA, Adriana. **Personas materno-eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

BRITO, Rosaly de Seixas. **DIFERENTES, DESIGUAIS E CONECTADOS (?) Vivências juvenis, representações midiáticas e negociação de sentidos na cena metropolitana**. 254 pp. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal do Pará. Pará, 2014.

\_\_\_\_\_. **Narrativas Virtuais Juvenis: Fronteiras Fluidas**. Contracampo, Niterói, v. 35, n. 02, pp. 13-32, ago./ nov., 2016. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.20505/contracampo.v35i2.933> > Acesso em 20 de março de 2018

BUTLER, Judith. **Regulações de gênero**. Cadernos Pagu, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu (Unicamp), n. 42, p. 249-274, 2014.

\_\_\_\_\_. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017

CADEMARTORI, D. M. L.; GROSS, J. **O direito de existir para a sociedade: Cidadania e sexualidade na luta por direitos da comunidade LGBT no Brasil**. In Gênero & Direito - Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba V. 7 - Nº 03 - 2018

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**/ Manuel Castells; tradução Roneide Venâncio Majer; São Paulo, Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

**Como LDRV perdeu seu caráter comunitário e se tornou um "câncer na sociedade"**  
Fonte: Gente – iG; Disponível em: << <https://gente.ig.com.br/cultura/2018-07-05/ldrv-cancer-sociedade.html> >> Acesso em 03 de agosto de 2018

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. **De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro**. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, [S.l.], n. 3, p. 54-81, dic. 2009. ISSN 1984-6487. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/41/468>>. Acesso em 08 agosto 2018

\_\_\_\_\_. **Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico**. Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), Campinas, v. 10, n-18-19, p. 79-123, 2003.

\_\_\_\_\_; SIMÕES, Júlio Assis. **Na trilha do arco-íris. Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Percsu Abramo, 2009.



Falamos com Kaerre Neto, nome por trás do LDRV, um dos maiores grupos do Facebook.

Fonte: Revista Glamour. Disponível em: <<

<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Carreira-e-dinheiro/noticia/2018/11/falamos-com-kaerre-neto-nome-por-tras-do-ldrv-um-dos-maiores-grupos-do-facebook.html?fbclid=IwAR3uGBP5SkK3Q1Cum8h8uYDdoMG-D1DDICw8bolbPDDO07QmC5gJCqVJSLVc> >> Acesso em 10 de janeiro de 2019

FRANÇA, Vera. **Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H.Mead.** In: PRIMO, A. et al (Org.) Comunicação e Interação. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 71-92.

\_\_\_\_\_. **L. QUÉRÉ: dos modelos da comunicação.** Revista Fronteiras – estudos midiáticos, v. V., nº 2, dez. 2003.

FREITAS, Eliane Tânia. LINCHAMENTOS VIRTUAIS: ENSAIO SOBRE O DESENTENDIMENTO HUMANO NA INTERNET. Revista Antropolítica, n. 42, Niterói, p.140-163, 1. sem. 2017 Disponível em: << [http://www.egov.ufsc.br:8080/portal/sites/default/files/555-1184-1-pb\\_0.pdf](http://www.egov.ufsc.br:8080/portal/sites/default/files/555-1184-1-pb_0.pdf) >> Acesso em 21 de fevereiro de 2019

GARUZI M, Achitti MCO, Sato CA, Rocha SA, Spagnuolo RS. **Acolhimento na Estratégia Saúde da Família: revisão integrativa.** Rev Panam Salud Publica. 2014;35(2):144–9.

GODOI, Rodrigo D. B. de. **Lana Del Ray Vevo: Processo Comunicacional e Organização do Grupo no Facebook.** 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Paraná, 2017. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0714-1.pdf> > Acesso em 15 de fevereiro de 2018.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1985.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** São Paulo: Ed 34, 2003.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online.** Porto Alegre: Penso, 2014.

LAGO, Gregory F.; LEÃO, Danuta de C. L. **Tour do #CofreLDRV: A Apropriação de um Meme e a Geração de Moeda Social.** 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Paraná, 2017. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2017/resumos/R12-2458-1.pdf> > Acesso em 15 de fevereiro de 2018.

**LDRV e a força da colmeia de microinfluenciadores.** Fonte: Meio & mensagem. Disponível em: << <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2018/12/11/ldrv-e-a-forca-da-colmeia-de-microinfluenciadores.html?fbclid=IwAR14kYd5M1S24x7-HDet1q0iYcNo91E4m0AjFvvGo73h8WRrRF12F7CDtwo> >> Acesso em 10 de janeiro de 2019

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

**O que são Algoritmos e seus principais conceitos?** Disponível em: << <https://pt.linkedin.com/pulse/o-que-s%C3%A3o-algoritmos-e-seus-principais-conceitos-carlos-eduardo> >> Acesso em 03 de agosto de 2018

MISKOLCI, Richard. **Desejos Digitais: um análise sociológica da busca por parceiros on-line.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

**MORTES VIOLENTAS DE LGBT+ NO BRASIL - RELATÓRIO 2018.** Fonte: Grupo Gay da Bahia. Disponível em << <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf> >> Acesso em 28 de fevereiro de 2019

OLIVEIRA, Vânia Braz, SILVA, Márcio Augusto M. da. **Empresas e marcas se voltam para a causa LGBT.** XXI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XVII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, XI INIC Jr da UNIVAP, VII INID. São José dos Campos, São Paulo, 2017. Disponível em: << [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2017/anais/arquivos/RE\\_0882\\_0519\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2017/anais/arquivos/RE_0882_0519_01.pdf) >> Acesso em 26 de agosto de 2018

PAPACHARISSI, Zizi. (2011) **A Networked Self**, in Papacharissi, Zizi (ed) *A networked Self: Identity, community and culture on social network sites.* NY, Routledge, 304 – 318

PELÚCIO, Larissa. **Um flerte com a normalidade.** In Miskolci, Richard. *Desejos Digitais: um análise sociológica da busca por parceiros on-line.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 11-16, 2017.

QUÉRÉ, L. **D'un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique.** *Réseaux*, v. 9, n° 46, pp. 69-90, 1991.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, Ramon Pereira dos. *Cidades e subjetividades homossexuais: cruzando marcadores da diferença em bares nas “periferias” de São Paulo e Belém.* Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. São Paulo, 2017.

RHEINGOLD, Howard. **The Virtual Community: Homesteading on the Eletronic Frontier**. Disponível em: < <http://www.rheingold.com/vc/book/intro.html> > Acesso em: 01 de maio de 2018.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. 1ª ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2014.

ROLIM, Antônio G. F. **“DAQUI DO GRUPO, VOCÊ É A MAIS AFEMINADA” - A PERFORMATIVIDADE GAY EM CONTEXTOS DE INTERAÇÃO ONLINE**. XII CONAGES, Paraíba. 2016. Disponível em: < [http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO\\_EV053\\_MD\\_1\\_SA4\\_ID984\\_02052016192101.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD_1_SA4_ID984_02052016192101.pdf) > Acesso em 15 de fevereiro de 2018.

ROZA, Erick A. **Net-ativismo: comunicação e mobilização em contextos reticulares**. 175 pp. Dissertação apresentada ao PPGCC. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. 2012.

RÜDIGUER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet**. In: ABELOVE, Henry et alli. The lesbian and gay studies reader. New York/London, Routledge, 1993:45-61. Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Richard Miskolci e Júlio Assis Simões. Cadernos Pagu (28), janeiro-junho de 2007:19-54.

SEREJO, Elias S. **A MINHA FAMÍLIA EXISTE? A ABRAFH E A LUTA POR RECONHECIMENTO DAS FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS**. Dissertação (Mestrado) - Universidade da Amazônia – UNAMA. Belém, 2018

SIBILIA, Paula. **O “eu” dos blogs e das webcams: autor, narrador ou personagem?** Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: < <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7718549341726633903816528889088811107.pdf> > Acesso em 18 de março de 2018.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. **Na rua, na praça, na boate: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA** / Milton Ribeiro da Silva Filho; orientadora, Carmem Izabel Rodrigues. - 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2012.

SIMÕES, P. G. **A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica**. In: Logos: Comunicação & Universidade – Edição 31. Ano 17, 2º semestre 2009

TEIXEIRA, Ricardo R. **O Acolhimento num Serviço de Saúde Entendido como uma Rede de Conversações**. Publicado em *Construção da Integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde*. Roseni Pinheiro e Ruben Araujo de Mattos (organizadores). IMS-UERJ/ABRASCO. Rio de Janeiro, 2003; pp.89-111

WINOCUR, Rosalía. **La intimidad de los jovenes em las redes sociales**. In: **Revista Telos** (Cuadernos de Comunicación e Innovación). Madrid, abril-junio 2012, p. 1-9. ISSN 0213-084x. Disponível em < <https://telos.fundaciontelefonica.com/url-direct/pdf-generator?tipoContenido=articuloTelos&idContenido=2012042611530001&idioma=es> > Acesso em: 26 de abril de 2018

\_\_\_\_\_. **O lugar da intimidade nas práticas de sociabilidade dos jovens**. *MATRIZES*. São Paulo, ano 5, n. 1, jul/dez 2011, p. 179-193.

## GLOSSÁRIO

**Edith** – Alerta de edições feitas em uma postagem.

**Fail** – O que não deu certo.

**Fake** – O que é falso.

**Fanfic** – História fictícia que utiliza pessoas reais como personagem ou situações que podem ser reais, mas em um contexto não verdadeiro.

**Farofeiras** – Sinônimo de biscoiteira, significa pessoa que se coloca ou inventa situações fora de contexto com o único objetivo de ganhar curtidas e elogios.

**Feed** – Página principal do grupo ou rede social online, em que ficam as postagens mais recentes e/ou as que estão mais movimentadas.

**Flopar** – Fracassar

**Hater** – Origina-se do verbo odiar em inglês, que é hate, e significa as pessoas que não gostam de algo ou de alguém e ficam apontando sempre defeitos e falhas nessa coisa ou pessoa.

**Hitar** – Fazer sucesso. Ganhar muitas curtidas e comentários. Viralizar.

**Tour** – Publicação que conta uma narrativa e que geralmente tem grande repercussão.

**Zoar** – Fazer bagunça, atrapalhar, encher o saco; Tirar sarro de alguém, debochar; Brincar, se divertir.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO SOBRE CONTRIBUIÇÃO COM A PESQUISA

**Universidade Federal do Pará – Programa Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia**

**Título da Pesquisa:** PARTILHA DA INTIMIDADE E BUSCA DE ACOLHIMENTO - Testemunhos da comunidade LGBTI no grupo Lana Del Ray Vevo

**Pesquisadora principal:** Bárbara Leão Silva

**Termo de Consentimento para Pesquisa Online (KOZINETS, 2014)**

Você está sendo convidado a ser um participante/voluntário em um estudo científico.

### **Finalidade:**

O objetivo deste estudo é compreender, diretamente com os membros que fizeram testemunhos no grupo LDRV sobre sua condição LGBTI, o porquê desses indivíduos buscarem esse espaço para fazerem tal relato e como o ambiente do grupo se tornou um lugar de acolhimento, em que membros da comunidade LGBTI se sentem seguros para se abrir e compartilhar situações pessoais. Após os procedimentos metodológicos da pesquisa e sua conclusão, o estudo se tornará uma dissertação de mestrado, podendo se desmembrar em artigos publicados em revistas científicas e/ou congressos acadêmicos.

### **Procedimentos:**

*Se você decidir fazer parte deste estudo, sua participação envolverá:*

- Permitir que sua publicação feita no grupo Lana Del Ray Vevo seja utilizada como *corpus* de análise desta pesquisa;
- Consentir uma entrevista a ser realizada por telefone, e-mail ou outro meio virtual;
- A entrevista focará em sua experiência online com o grupo LDRV e sua relação como parte da comunidade LGBTI.
- A entrevista será guardada para que também componha o *corpus* de análise da pesquisa;

### **Riscos:**

*Sua participação no estudo pode envolver os seguintes riscos:*

Não há riscos previsíveis ou desconfortos no presente estudo. Os riscos envolvidos não são maiores do que aqueles envolvidos em atividades diárias, como falar ao telefone ou usar as redes sociais. Uma vez que alguns dos temas relacionados a comunidade LGBTI podem ser sensíveis, é possível que suas lembranças tornem-se pessoais e emocionais.

### **Benefícios:**

*Sua participação no estudo pode lhe trazer os seguintes benefícios:*

Você não receberá benefícios diretos por participar do estudo. Contudo, sua participação contribuirá para nossa compreensão sobre o acolhimento da comunidade LGBTI em comunidades online e para o avanço de pesquisas sobre o tema.

**Compensação:**

Não há compensação por sua participação nesta pesquisa.

**Sigilo:**

*Os seguintes procedimentos serão seguidos a fim de manter a sua informação pessoal em sigilo:*

Caso você opte pela participação anônima, o seu nome não aparecerá em nenhuma publicação, para proteger o sigilo de sua identidade. Você receberá um pseudônimo (um nome falso) que será usado em vez de seu nome para disfarçar sua participação. No caso de citações sobre coisas que você publicou online (a publicação postada no grupo Lana Del Ray Vevo), não será usada a ferramenta de PrintScreen, entretanto sua postagem será copiada na íntegra, deixando o disfarce vulnerável. Usando um mecanismo de busca, dentro do grupo, uma pessoa motivada poderia identificar sua publicação nele, entretanto só alguém que foi membro do grupo LDRV, em sua era de número 11 chamada de LUST FOR LDRV, poderia o fazer conforme a configuração secreta do grupo. Entretanto, caso isso aconteça, o que está em jogo é o sigilo de sua identidade.

Não pretendemos descobrir informações além do interesse desta pesquisa. No caso de isso ocorrer, outras precauções serão usadas para proteger sua confidencialidade. Os dados coletados serão mantidos em sigilo dentro dos limites da lei.

No caso de comunicações eletrônicas no consentimento online, você deve estar ciente de que este documento não está sendo executado a partir de um servidor HTTPS “seguro”, como o tipo usado para lidar com transações de cartão de crédito. Existe, portanto, uma pequena possibilidade de que as respostas sejam visualizadas por pessoas não autorizadas, tais como hackers.

**Custos para você:**

Os participantes da pesquisa não terão nenhum custo como resultado de seu consentimento para serem entrevistados.

**Direito dos participantes:**

- Sua participação nesse estudo é voluntária. Você não tem nenhuma obrigação de participar.
- Você tem o direito de mudar de ideia e sair do estudo a qualquer momento, sem apresentar motivo e sem qualquer penalização.
- Qualquer nova informação que possa fazê-lo mudar de ideia sobre estar no estudo será fornecida a você.
- Você receberá uma cópia deste documento de consentimento, via e-mail.



- Você não renuncia a qualquer de seus direitos legais ao assinar ou concordar com este termo de consentimento.

**Perguntas sobre o estudo ou seus direitos como participante da pesquisa:**

- Se você tiver alguma dúvida sobre esta pesquisa, você pode contatar à Bárbara Leão pelo telefone (091) 99177-0898, o número está disponível para ligação, SMS e WhatsApp.

**Você leu as informações nessa página e você concorda em participar?**

(Marque uma alternativa)

- Li e entendi estas informações e concorde em participar.
- Eu não quero participar.

**Telefone e endereço de correio eletrônico:**

---

---

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Nome completo, idade, cidade onde mora.
2. Como conheceu o LDRV? Há quanto tempo está ou esteve no grupo?
3. Com que frequência você participa do grupo, considerando as vezes que você apenas observa, interage com publicações e faz publicações no LDRV?
4. Com base na sua experiência, como você descreve o LDRV?
5. Na sua opinião e de um modo geral, não apenas com base em sua experiência com o grupo, o LDRV pode ser considerado um ambiente acolhedor, hostil, os dois ou outro? Comente.
6. Que fator foi determinante para que você optasse por compartilhar a sua experiência pessoal e íntima com um grupo de quase um milhão de pessoas?
7. Esse compartilhamento de experiência trouxe algum retorno para você, seja emocional, afetivo, material ou de outro tipo? A experiência de compartilhar determinada situação com o grupo te ajudou de alguma forma?
8. Como você se sentiu com os comentários feitos pelo grupo sobre a sua publicação? Comente.
9. As interações com a sua publicação lhe ajudaram de algum modo a lidar com o assunto fora das redes sociais, no seu âmbito familiar ou em outros âmbitos de sua vida? Comente.
10. Para você, fez alguma diferença de fato na sua vida ter feito essa publicação?
11. Você mantém algum tipo de vínculo com outros membros do grupo? Você acredita que é possível construir relações, de diferentes níveis, a partir das interações no grupo? Comente.